

America



DANSARINA MEXICANA (De F. Acquarone)

ANNO I
N.º 4

NUMERO ESPECIAL
PREÇO PARA TODO O BRASIL :
1 \$ 0 0 0

DEZEMBRO
1923



A garantia de uma máquina
está na lubrificação

Use os óleos de classe

Helio A

Helio B

Helio C

Soviel-Betaluna e Engine Dick

PRADO PEIXOTO & C.^{ia}



Construção da porta-batel para o dique "Santa Cruz"

(Antigas Officinas Camuyrano)

OFFICINAS DE MACHINAS E FUNDIÇÃO

Rua da Harmonia, 5, 7 e 9

Telephone Norte 2351

Estaleiros e Officinas de Construções
e Reparações Navaes

Rua Miguel Lemos, 59 e 71

Telephone. 555 -- Nictheroy

Especialistas em trabalhos de
machinas e caldeiras,
vapores e electricidade, tan-
ques e pontes.

ESCRITORIO:

RUA DA HARMONIA, 7

Telephone Norte 1261

— RIO DE JANEIRO —



Vista parcial das carreiras da firma Prado Peixoto & C. tomada de aeroplano

As cidades já não podem prescindir dos campos de aviação

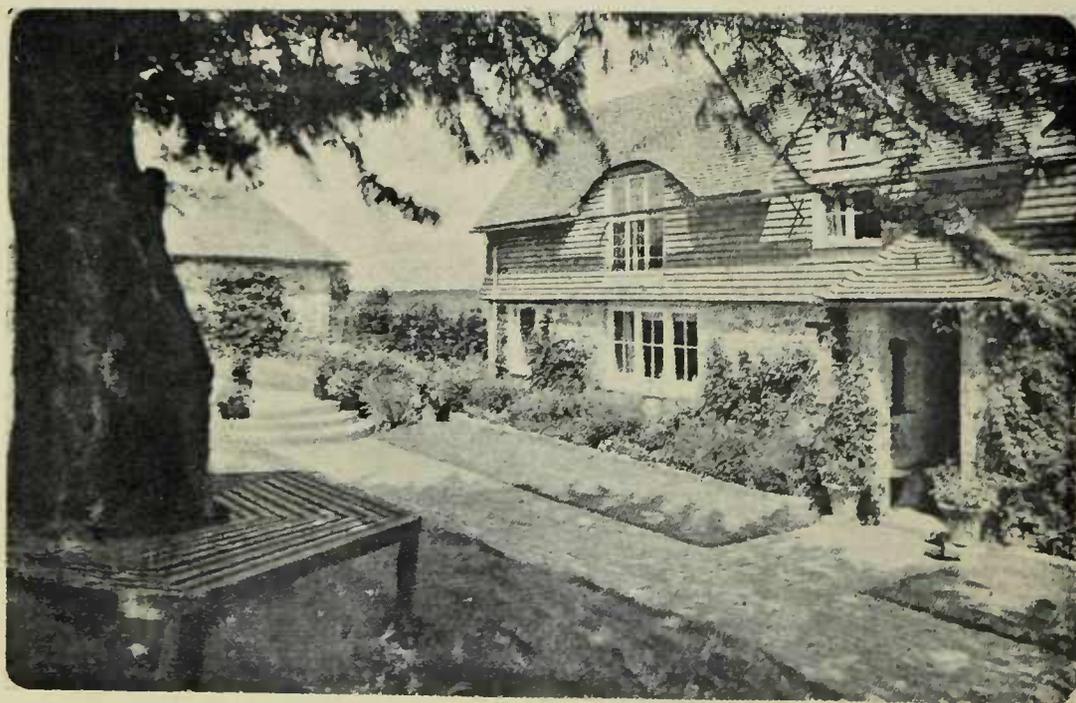
UMA revista norte-americana publica uma serie de observações curiosas sobre a aviação — as necessidades que esta faz apparecer.

Aeroplanos norte-americanos, em vôo recente que fizeram por sobre San Diego, afim de observar as condições de aterrissagem n'aquella zona, verificaram, com tristeza, que o campo municipal de Veneza (pequena cidade da California), havia sido dividido em lotes para construcções.

Este facto despertou a attenção dos interessados sobre o descuido que se nota da parte de muitas cidades no que respeita a aerodromos municipaes e campos de aterrissagem, os quaes precisam ser preparados, em tempo, e visando um futuro talvez bem proximo.

A politica de vistas estreitas que leva as municipalidades a dividir bons campos para aterrissagem em lotes de terreno para construcções, terá como consequencia a localização dos campos de aterrissagem em pontos muito afastados do centro das cidades e onde a sua utilidade como depositos para a navegação aerea commercial ficará diminuida de muito.

O grande valor da navegação aerea commercial está na sua velocidade. Ora, se os passageiros e as mercadorias forem obrigados a desembarcar a uma distancia consideravel do centro das cidades a que se destinam, perderão um tempo precioso quando o que exactamente buscavam com aquelle meio de transporte era a rapidez.



RESIDENCIAS MODERNAS

No meio do torvelinho vertiginoso da vida contemporanea, o homem soube crear-se moradias que são um refrigerio e um repouso às suas multiplas preoccupações. E o typo da residencia actual se caracteriza por uma elegancia discreta que faz bem á vista e alegra o coração.

MARIA VICTORIA



QUANDO nasceu a menina, perguntaram a D. Victoria qual devia ser o nome da sua filha. Sentada majestosamente no leito, e julgando ter beneficiado a humanidade, dando mais uma parochia na ao senhor vigario, ella respondeu seccamente — Não sei.

Tia Rita e nh'Anna, a ama e a curiosa, depois de terem affirmado, como de costume, sacudindo as velhas cabeças, que nunca se tinha visto creança assim, cochicharam durante algum tempo.

Disto resultou, depois de uma consulta ao juiz, que a recém-nascida passou a chamar-se Maria Victoria.

Parecia não poder viver sob o peso do nome de sua mãe. Cresceu pallida e magra, tendo os olhos sempre tapados por uma mecha de cabellos, cheia de manchas ruivas como queimaduras.

Quando sahia, a mulher do juiz repuxava-os brutalmente para trás, prendendo-os com uma fita azul. Ella abaixava a cabeça, e não a levantava nunca, sempre calada e agarrada

ao vestido de D. Victoria, roçando os dedos pelos muros.

Maria Victoria completou vinte e oito annos solteira; o juiz já tinha morrido, talvez de aborrecimento, pois toda a sua vida tinha sido um longo bocejo. Viviam mãe e filha, uma ao lado da outra, no casarão cujo telhado arruinado cobria metade do becco que passava ao lado.

Era calçado com grandes pedras como tumulos e por sobre ellas corria um filete de agua, rolando preguiçoso, muito cansado, parecendo evitar passar por baixo da janella onde o visinho pharmaceutico se debruçava todos os dias.

Elle babava um pouco, e, na sua sala de jantar havia uma esteira enrolada, para quando tivesse os ataques... Victoria sentia o seu olhar morno seguil-a pela casa, atravez das paredes, todas as tardes.

A viuva do juiz, concertando os oculos e com uma ruga má ao canto da bocca, disse um dia á filha: — O pharmaceutico Andrade pediu a tua mão; o casamento será daqui a



FIGURINHAS

DA MODA



Um majestoso chapéu e dois vestidos typicos da moda actual.



um mez — Victoria não respondeu, e continuou a costura, pensando, pensando... Aos poucos, foi-lhe subindo ao rosto um rubor que quasi a tornou bonita...

O pharmaceutico, um mez depois, já não chegava á janella do becco, nem Victoria morava mais com sua mãe. Os notaveis da pequena cidade não se reuniram mais na botica para não perturbarem os recém-casados, e a pharmacia parecia deserta, com a sua lampada sempre accesa, ao lado do bocal vermelho.

Mas foram voltando, e, dentro em breve, já se falava alto e ria de novo na pequena loja. O promotor, o tabellião e o irmão do advogado contavam, á meia voz, o que se passava na casa do novo juiz e na do medico. O pharmaceutico era inimigo antigo do medico, e as receitas deste eram sempre mal feitas por aquelle.

O doutor passou um dia pela rua principal do lugar. Nesse mesmo momento explodiu uma ruidosa gargalhada na pharmacia, e, quando o pharmaceutico foi assassinado, todos

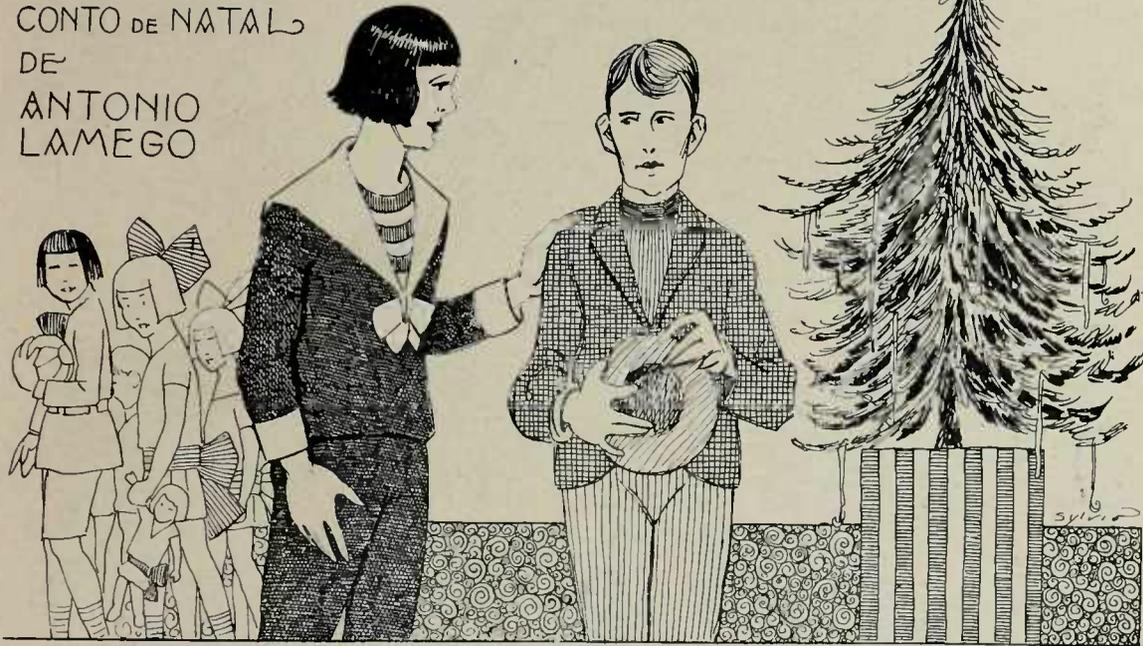
disseram que o fora a mandado do medico; e quando o negro que o matára foi encontrado agonizante na prisão, todos disseram que Maria Victoria, a viuva, o envenenára.

A cadeia era muito grande e na calça branca a humidade traçara signaes mysteriosos, esverdeados. Avançava sobre uma lindíssima fronteira á pharmacia. Parecia o craneo apodrecido de uma caveira enterrada allí havia muitos annos, olhando para Maria Victoria com as suas janellas gradeadas, como olhos negros e raia-dos. E, quando chovia, sahia da porta da cadeia uma baba escura e lenta, que vinha passar sob o alpendre, de onde Maria Victoria, chamada pelos gritos, pudera distinguir o preto, agarrado ás grades, delirando com as dores do veneno.

Aquelles olhos vãos seguiram Maria Victoria pela casa, através das paredes, e aquella baba lenta, quando chovia, corria até á sua porta e isso por muitos annos, muitos annos...

O MELHOR PRESENTE

CONTO DE NATAL
DE
ANTONIO
LAMEGO



JOÃO SINHO era um bom menino. Obediente, socegado, excessivamente affectuoso e muito applicado ao estudo das primeiras letras, era apontado como o modelo das crianças ajuizadas, por sua índole invejavel. O pae satisfeito com os seus progressos, com a sua conducta irreprehensivel e pelos bons sentimentos que já despertavam em su'alma, cumulava-o de carinhos e de brinquedos, orgulhoso de guiar aquella intelligencia precoce que já se manifestava tão promittente de bons fructos. Não era commum numa criança de oito annos tanto discernimento e cordura. Nessa noite o pae perguntou-lhe:

— Sahes que estamos na vespera do Natal?

— Já fiz o meu pedido ao Menino Jesus. Quero uma arvore com brinquedos.

— Onde vaes pôr os sapatos?

— Debaixo da cama...

— Não seria melhor pôr-os na sala de visitas?

— Porque, paesinho?

— E' que o Menino Jesus não gosta de ser visto. Podias estar acordado...

— Ah!

No dia seguinte o pae foi despertar o filho.

— Levanta-te e anda ver o presente do Menino Jesus.

Joãozinho saltou da cama e encaminhou-se para a sala. Uma bella arvore de Natal lá estava carregada de brinquedos. Viam-se, pendentes de cada galho, em profusão, meias de filô, de diversos tamanhos, contendo grande variedade de surpresas, carrinhos de madeira e de folha, mysteriosas caixinhas envoltas em papel de sêda, cartuchos com bombons, polichinelos, pequenas esferas coloridas, minusculos lampeços venezianos e muitos objectos mais. Joãozinho, radiante de contentamento, permaneceu por muito tempo a contemplar o regio presente do Menino Jesus.

— Vês, meu filho, como o Menino Jesus é bom para os meninos que são bons?

E abraçando a criança beijou-lhe as faces com ternura.

— Obrigado, paesinho!

— Não é a mim que deves agradecer.

— Eu sei que o Menino Jesus é você...

Ficou resolvido, conforme o desejo de Joãozinho, que todos aquelles brinquedos fossem distribuidos pelas creanças pobres da vizinhança. E assim se fez. Procedeu-se ao sorteio das prendas que foram entregues com a maior sa-



O ECLECTISMO NO MOBILIARIO

Num dormitório moderno, o leito toscano do século XVI combina perfeitamente com a rica tapeçaria hespanhola. A arte das duas penínsulas fornece ainda es outros objectos accessorios formando um conjunto harmonico e elegante.

tisfação por Joãosinho, que demonstrava o seu jubilo quando as melhores premios eram adjudicados ás creanças mais pobres. Tamanho desprendimento caracterizava a sua bondade. Quando já não restava na arvore um unico brinquedo, viu-se encostado ao portal da sala um pobresinho descalço e esfarrapado que olhava desconsolado e humilde para a arvore despojada. A sua attitude, a tristeza que se lhe revelava no semblante inspiraram grande compaixão a Joãosinho, que se approximou do retardatario.

— Não ganhaste um brinquedo?

— Não...

— Porque não entraste?

— Estou de pé no chão, disse a creança sensibilizada até ás lagrimas pelo modo carinhoso com que era interrogado.

— Vem cá. O teu presente está lá em cima.

E dando a mão á criança, levou-o atravez das salas até ao seu quarto. O pae que observava a scena não quiz intervir e esperou com anciedade o seu desfecho.

Joãosinho entrou com o menino e a creada que chamára e fechou a porta.

Passado algum tempo o pobresinho appareceu. Vestia um terno de fustão branco, á marinheira, trazia á cabeça um bonet novo de pala envernizada e calçava uns elegantes sapatos de camurça. Joãosinho tinha dado ao pobre menino o presente que o pae lhe fizera nesse dia. Diante da nobreza daquelle gesto, de uma acção tão magnanima, o pae, tomando Joãosinho nos braços, beijou-o demoradamente e disse-lhe comovido;

— Muito bem, meu filho!

— Foi o Menino Jesus...

— Foi elle, replicou o garotinho, desmentindo-o a sorrir.

— Como te chamas?

— Luizinho.

— Pois agradece-lhe, Luizinho, que elle é o Menino Jesus...

Antonio Lamego



TERPSYCHORE NO SECULO XX

Mae Murray, a excelente bailarina cujas poses harmoniosas e perfeitas são realçadas pelo luxo delirante de suas foilettes e dos scenarios inauditos que lhe servem de fundo.



CARTAS DE AMOR



UM dos meus confrades endereçou-me (a mim e a outros escriptores) um questionario a respeito das cartas de amor. Devemos destruil-as, pergunta-se, ou, ao contrario, guardal-as? E podemos esperar dellas um reconforto ou uma decepção? Porque ha duas escolas: a de Dante, que escrevia:

A maior desventura
E' a lembrança feliz num dia de infortunio!
e a de Alfred de Musset, a quem devemos estes versos celebres:

*Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur.*

Não é facil, em verdade, solucionar esse pequeno problema sentimental. E aposto em que as respostas nos surpreenderão pela sua diversidade. Tudo depende do estado de espirito ou, como diriam os psychologos, do estado de alma do homem que relê as cartas, no momento em que as relê. Si depois da ruptura, da separação, elle saboreou outras venturas e mais ardentes, mais completas do que aquella cujo perfume sente de novo em paginas amareladas, elle as percorrerá com o olhar um tanto secco, um tanto indifferente e ligeiramente desilludido (sobretudo si uma nova paixão o domina actualmente). Ao contrario, si elle se sente isolado, viuvo de coração, e si ha muitos

annos vem experimentando em vão outros amores, a evocação de um amor pelo qual conheceu tantas alegrias (ou soffrimentos) não deixará de commovel-o melancolicamente, talvez deliciosamente. E as cartas relidas nessas condições recobrarão todo o seu sabor. Repito-o: as soluções do problema são variaveis ao infinito. E não se pode responder á questão definitiva e categoricamente.

No entanto, reflectindo bem, creio que ha interesse em destruir as cartas de amor, porque, em tres vezes sobre quatro, ellas se evaporam quando as relemos depois de alguns mezes ou annos e provocam no leitor um sentimento de magoa e de humilhação. Humilhação de nada mais acharmos em nós do que sentiamos outr'ora com tanta febre e violencia e, o que é mais doloroso, de nada mais acharmos nessas phrases da graça, do encanto, da elegancia, da originalidade, do ardor que lhes attribuíamos outr'ora de boa fé, quando estavamos apaixonados por aquella que as escrevia.

Sim, queimemos as cartas á medida que as formos recebendo. Assim, primeiramente, evitaremos mais catastrophes e depois conservaremos no futuro a illusão de que ellas eram unicas, que nunca ninguém havia escripto nem recebido iguaes e que é uma pena não as haver conservado. Ao passo que, conservando-as, sabemos o que nos espera. E mais vale um remorso ou uma saudade lisongeira do que uma illusão humilhante.

Edmond SÉE.



ARTE ALLEMÃ MODERNA

Os modernos artista allemães trabalham com esforço e talento para a producção de obras que não desmintam as tradições artisticas da Germania. Aqui estão duas amostras das suggestivas applicações da arte decorativa na ceramica, trabalhos de A. Flad, e uma esculptura, "O mono" concepção "ultraista" de A. Pukegger.

America

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO

ARTE - LETTRAS - MODA - CINEMA - SPORT

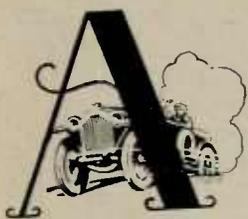
Director - proprietario: SYLVIO FIGUEIREDO Gerente: M. ESPINDOLA

ANNO I

RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 1923

N.º 4

O PREMIO DA VIRTUDE



CENSURA interdizou o *film* de *La Garçonne*...

— Quer dizer que os nossos pornographos se transformaram em guarda-negra da immoralidade...

— Como?...

— Pois não foi em nome dos bons costumes que se impeliu a vulgarização, na t'ela, das scenas desse livro bem menos escandaloso do que o «Cantico dos Canticos», e talvez mais efficiente, como castigo ao vicio, do que todos os anáthemias da Biblia?...

— E *La Garçonne* não é um poço de ignomínias?... Confesso que não o li, cumprindo á risca os conselhos do meu director espirital... Então, Margueritte não é um romancista indecente?...

— Nada disso... *La Garçonne* existe. Vive em todas as sociedades roídas de preconceitos e que acreditam nas virtudes miraculosas da folha de parra...

— Mas, talvez no cinema as paginas do romance apparecessem demasiado escabrosas...

— Não é possível. Mais escabrosas do que o *Ba-ta-clan*, do que os *vaudevilles* das temporadas officiaes do Municipal?... O que poderia espantar era a apparição do quadro em que a rapariga emancipada surge, entre outras do seu meio, fumando opio... É isso pelo facto de certas analogias... Houve, ou ha ainda, em Botafogo, uma casa desse genero... que a policia não conhece prudentemente...

— Estás defendendo a litteratura fescennina, pelo que vejo...

— Não defendo nem accuso. Constato apenas um phenomeno alarmante de desequilibrio. Falta-nos nesse particular o senso psychologico. Sem querer, com essa prohibição fizemos dois

males: um, o de dar aos leitores ingenuos desse livro a impressão de que elles commetteram um feio peccado, e outro o de estimular os restantes incautos a devorar, clandestinamente, a obra de Margueritte, com a satisfação perigosa de quem mastiga um pomo vedado ao nosso appetite. Imitamos Jeovah no Paraiso: «Adão, aquelle fructo é delicioso e revelar-te-á a vida. Não deves comel-o...» E' sabido que o nosso pae symbolico, que devia ser um homem intelligente, não respeitou a ordem divina, legando á sua progenie o habito de preferir sempre as cousas prohibidas áquellas que nos estão ao alcance da mão... Esses moralistas contemporaneos são os melhores auxiliares dos livreiros... A Legião de Honra não contribuiu para que *La Garçonne* obtivesse em mezes uma tiragem de quinhentos mil exemplares?... A censura que não consentiu que os nossos olhos passassem sobre as paginas de Margueritte humanizadas pelo cinematographo, veio em auxilio dos commerciantes...

— Então *La Garçonne* é uma obra honesta?...

— Honestissima! Eis o termo. Não é moral nem immoral. Amoral é a sociedade que ella retrata. Poderíamos applicar-lhe o verso profundo de Sully Prudhomme:

«Le beau reste dans l'art ce qu'il est dans la vie.»

Na arte o mal continúa a ser o mal... Os individuos, os costumees, desenhados por um artista, quando são torpes não se transfiguram...

Margueritte deve estar contentissimo com a sua sorte. Imaginem si os criticos, dizendo aliás a verdade, houvessem dito que *La Garçonne*, como o mais candido dos dramalhões de Ponsou, termina com o castigo do vicio e o premio da virtude?... Que lastima para os editores... E Margueritte que se contentasse com o *prix Montyon*...

Carlos MAUL



O ANNO THEATRAL



S I nesses 365 dias de 1923 não se consolidou, e de uma vez para sempre, o theatro nacional, apregoado desde os tempos aureos da arte colonial de João Caetano no Theatro S. Januario, pode-se, entretanto, afirmar que o anno prestes a findar foi, como os já passados, um anno verdadeiramente promissor para o problema que tantos cabellos brancos creou na cabelleira negra e espessa do incansavel batalhador que foi Arthur Azevedo.

Basta dizer-se que 1923 começou com a noticia sensacional de que o auctor-actor Leopoldo Fróes iria á Europa comprar peças e descobrir auctores, como qualquer persanagem de Pirandello, para uma temporada de puro resurgimento da Arte Nacional, promessa realizada em Agosto com uma série, no S. José, de 4 peças francezas: «Signal de Alarme», «As Vinhas do Senhor», «O Rei dos Grandes Hoteis» e «Mlle Talharim».

Isso, apóza commemoração do centenário, animou um pouco o mercado estrangeiro que nos forneceu, além do trivial-Chaby, Satanella e Henrique Alves, Ba-ta-clan. (esta com uma unica novidade em 4 peças: as pernas espirituas de Mistinguette que só fez as 2 primeiras «C'est la Miss» e «La Marche à l'Etoile» a Lyrica e a Franzeza do Municipal, com Mlle. Gabrielle Dorziat á frente — as companhias italianas das sras. Vera Vergani e Maria Melato, servida esta á ultima hora como doce sobremeza aos assignantes.

Do mercado europeu nos veio ainda a

Companhia do Theatro Apollo de Madrid, com o concurso de 4 estrellas de real valor no genero: Rosa Rodrigo, ex-soprano do Scala, de Milão, e que aqui já esteve, ha dois annos, na temporada Lyrica Official; Eugenia Gallindo, Clara Milani e Maria Caballé, preenchendo toda a sua temporada com duas revistas de grande espectáculo «Arco-Iris» e «La tierra de Carmen».

A prata da casa teve um movimento relativamente compensador.

No Trianon a Companhia sob a direcção de Viriato Corrêa representou as seguintes peças, todas nacionaes: «E o Amor Venceu», e «O Filho de Papae», de Paulo Magalhães; «O

Noviço» de Martins Penna; «Travessuras de Bertha», de Antonio Guimarães; «Eva no Ministerio», de Mario Domingues e Mario Magalhães; «O mímico Colibri», «O Tio Salvador», «Discipulo Amado» e «Graças a Deus», de Armando Gonzaga; «Zúzú» de Viriato Corrêa; «O Outro André» e «Casado sem ter mulher», de Corrêa Varella; «Fogo de Vista», de Coelho Netto; «Dr. Sem Sorte», de Zé Antonio e «Escola da Mentira», de Claudio de Souza. No Recreio, apóza o successo da peça de estrêa — «Meu bem, não chora», tivemos p la companhia Ottilia Amorim, que ainda hoje occupa o theatro, as revis-



A actriz Sra. Amada Fronfredo

tas e burletas «A Escripta é outra», de Alfredo Brêda; «Rio Alegre», de Gastão Tojeiro; «Olha á Direita», de Fritz e Frotz; «Cabocla Bonita», de Marques Porto e Ary Pavão, «Foi ella que me deixou», de Bittencourt Menezes; «A Botica do Anacleto», de Marques Porto; «A Maçã» dos Irmãos Quintiliano; «Vida Aperta

da», de Freire Junior; «Minha Terra tem palmeiras» e «Pannas de Pavão», de Marques Porto e Affonso de Carvalho.

No S. José a companhia de revistas representou as revistas «Tatú subiu no páu», dos Irmãos Quintiliano, «Você Vae», de José Paulista e Renato Alvim e «Meia noite e trinta», de Luiz Peixoto.

Deixando o theatro em Julho voltou em Novembro, estreando com a revista «Sonho de Opio», de Oscar Lopes e Duque.

A Companhia de comédias dirigida pelo actor Francisco Marzullo, occupando o Carlos Gomes, de Janeiro a Março, representou os seguintes originaes: «A Menina do Café», de Victor Pujol e o «Microbio do Carnaval», de Gastão Tojeiro.

Encerrou a sua odysseá pelo mar, sem *enchentes*, do velho theatro, com uma peça de Paulo Magalhães — «O Homem que morreu», sendo substituida pela Companhia Garrido, que sob a direcção de Alda Garrido tem representado até hoje as seguintes burletas «Quem paga é o Coronel», «Luar de Paquetá», «Rainha de Belleza» e «A Pequena da Marmita», de Freire Junior; «Marric Sabida», de Victor Pujol; «A Franzezinha do Bataclan», de Gastão Tojeiro; «O Embaixador», de Armando Gonzaga e «Morena Salomé», de Corrêa da Silva.

Em Maio a Sra. Lucilia Peres tentou, de mãos dadas ao sr. Antonio Ramôz, reeditar o velho repertorio das glórias de Dias Braga, mal de que foi acommetida, ha dias, a sra. Maria Castro e no mesmo theatro João Cactano.

Tivemos ainda em 1923 a tentativa do actor Christiano de Souza no Cinema Central, tentativa essa fracassada graças a uma formidavel desorganização technica alliada a uma sen-

sivel má vontade do empresario Pinfield.

Finalmente, tivemos, além do projecto Nina Sanzi, que pretende com os dois mil contos que possui construir um theatro de comedia, um exito formidavel do theatro italiano da sra. Vera Vergani: a famosa peça de Pirandello «Seis personagens á procura de um autor», e mais as temporadas de opereta, no Lyrico e no Republica, das Companhias Clara Weiss, que nos trouxe as ultimas novidades como «Danse delle Libellule», «La Bayadera» e «Noite de Dansa» e, já no apagar das luzes, essa «blague» que

atende pelo pomposo nome de Companhia Bataclan Antonio de Souza.

*
*

Felizmente um facto auspicioso, que não foi positivamente as «reprises» successivas de Bataille e Bernstein de Mlle. Dorziat, justifica o titulo honorifico de promissor dado ao anno theatral de 1923: a temporada da Companhia Brasileira Abigail Maia em Buenos-Ayres e Montevideo, com artistas e repertorio exclusivamente nacionaes, graças a esse espirito de trabalho formidavel que é Oduvaldo Vianna. E para fechar este rapido retrospecto do nosso movimento scenico, enquanto a sra. Nina Sanzi não constrói, com os seus 2 mil contos, o theatro nacional definitivo (facto esse que já garante o titulo de promissor ao anno de 1924) vale transcrever o que da nossa Arte

affirmou, apóz a estréa da Companhia Abigail Maia no Urquiza, o chronista theatral de «El Dia» de Montevideo, a proposito da comedia de Armando Gonzaga «O Ministro do Supremo».

«Es ésta de Gonzaga la primera obra cómica que se nos dá a conocer, y nos resulta interesante el apreciar el sentido que se tiene en el teatro brasileño de los motivos hilariantes. No hay



O actor Sr. Armando Gonzaga

chistes. Esa pirueta antipatica a que se obliga una palabra para que aparezca diciendo otra cosa que lo de su real significado, no existe — hasta ahora y por lo que llevamos visto — en el teatro brasileño. No utilizan tampoco los recursos siempre eficaces del miedo irre-

mediable y pueril, ni al famelicó, ni al maton aparatoso y cobarde, ni al marido engañado, ni a ninguno de los usuales tipos que en el teatro rioplense se utilizan en procura de comicità h redados de la escena hispañola y franceza».

Alguns records Mundiaes de vôo

São os seguintes alguns dos records mundiaes mais importantes:

Altura: 10.741 metros, obtilo por Sadi-Lecoointe, n'um biplano Nicuport-Delage, em Villacoublay, no dia 5 de Setembro deste anno.

Duração, sem escala — 37 hs. 15 m. 14 s. 45, por Lowell H. Smith e Richter, em San Diego, nos dias 27 e 28 de Agosto.

Velocidade — Os mesmos norte-americanos Lowell Smith e Richter obtiveram 5 records sobre diferentes distancias, a saber:

sobre 2.500 kms.....	142. k. 182 p. hora
3.000 >	141. k. 870 >
3.500 >	142. k. 170 >
4.000 >	142. k. 000 >
5.000 >	142. k. 530 >

Distancia em avião sem motor — 8.100, por Thoret, n'um aparelho Bardin, em Vauville, no dia 26 de Agosto.

Duração em balões de 1.ª categoria — 19hs. 43m. por M. Fleury, n'um balão com 400 m3 de hydrogenio.



A cantora Sra. Rosita Rodrigo

CÁ E LÁ

Ha muito quem ria das nossas infundáveis e falligantes (e talvez inúteis) controversias grammaticaes e quem estranhe a falta de normas positivas, seguras e definitivas para a arte difficil de falar e escrever. Não temos regras firmes para a collocação de pronomes, o emprego do infinito pessoal impessoal e a cuisa meos inconcussa que existe na nossa lingua. A unica regra segura, por enquanto, é esta, de uma latitude accommodadora: cada qual escreva e fale como bem entender. Portanto, Brasil com **S** ou com **Z**. Tudo o mais nesse conseguinte.

Mas, no meio de toda essa insegurança e confusão, salve-nos o consólio de que não somos nós, os que falamos dioma que Camões limou. Eça e Euclides poliram, as unicas victimas do mal. Outros povos soffrem as torturas... de não saber falar (si isso chegada ser uma tortura, diante dos quotidianos desperales e habozeiras dos que o sabem). Ainda agora um grande jornal francez, o "Excelsior", abre columnas nas suas paginas para explicar aos herdeiros dos gaullezes esta coisa maravilhosa: o modo certo, cor-

recto, perfeito, de pronunciar francez. Porque é preciso que se saiba: ha na França milhares de pessoas que não sabem pronunciar ao certo palavras corriqueiras como *neuf, wuf, bruf*; etc. Tal qual como nós...

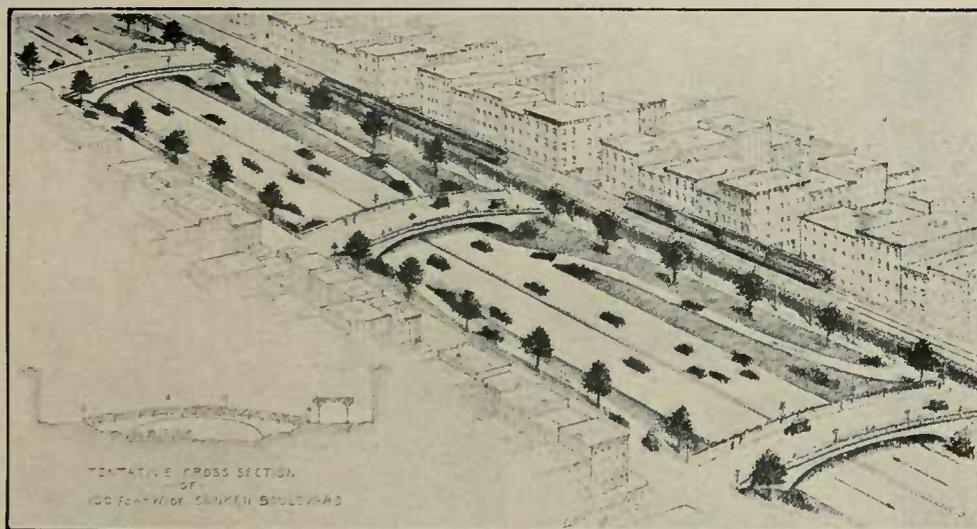
S.

UMA SOLUÇÃO PARA O DESCONGESTIONAMENTO DO TRAFEGO

A CIDADE de Nova York, na parte correspondente á ilha de Manhattan, apresenta um contorno bastante original, pois que para um comprimento de doze milhas tem uma largura de duas. E apesar do seu desenvolvimento se ter realizado em todas as direcções, é em Manhattan que mais se faz sentir a necessidade da solução do problema do trafego.

guma teve largura sufficiente para que n'ella se formem duas linhas de circulação, em cada sentido e ha mesmo tres ruas que soffrem ainda da complicação de serem mais ou menos obstruidas pelas columnas do «Elevated».

Si juntarmos a isto a necessidade que têm os omnibus e automoveis de praça, de parar para desembarcarem ou receberem passageiros e si levamos em conta que não se pode sup-



O movimento de vehiculos no sentido da largura da cidade é grande, mas bem pequena é a sua importancia se o compararmos com o que se realiza no sentido do comprimento (o «up-down» dos norte-americanos). Para o movimento este-oeste ha cerca de duzentas ruas, ao passo que para o enorme transitio norte-sul ha apenas onze grandes arterias principaes, com uma extensão apreciavel e sem a interrupção do Central Park.

Estudadas as causas da lentidão do trafego nas ruas congestionadas, encontraram-se duas causas principaes.

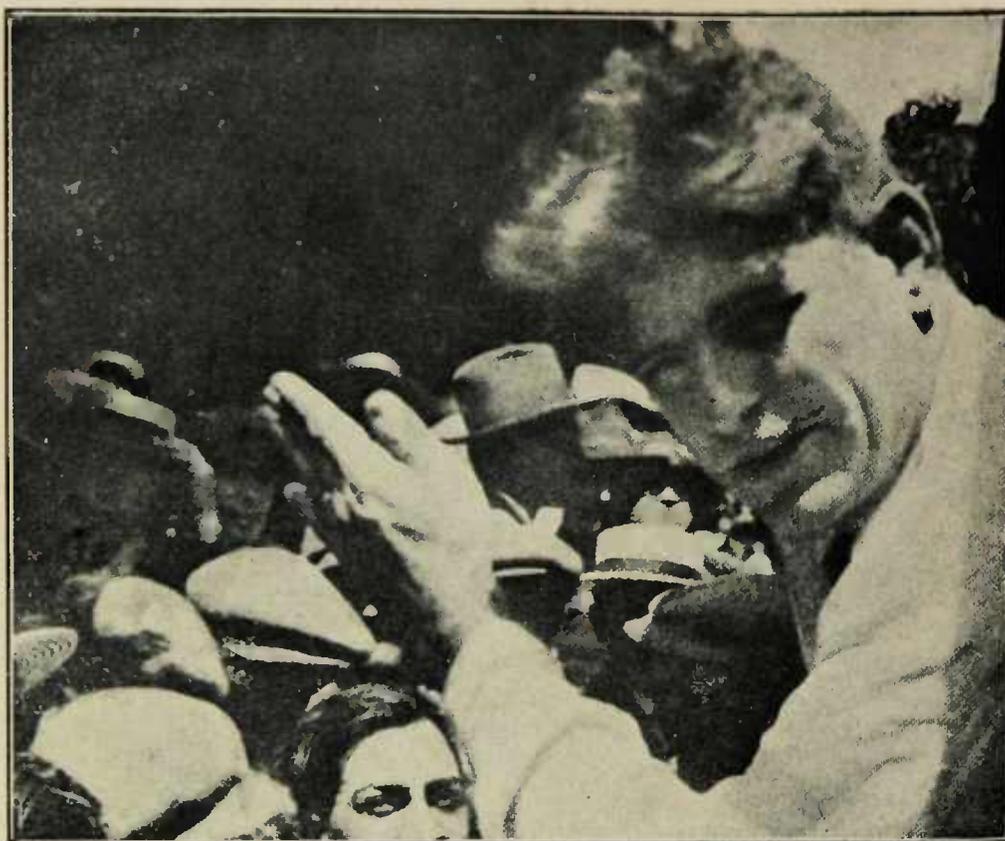
A primeira d'ellas residia no factio de trafegarem, em uma mesma rua, carros, caminhões, carros tirados por animaes, omnibus etc. Além d'isso, salvo uma ou duas excepções, rua al-

primir, inteiramente, os pontos de parada para automoveis, comprehenderemos porque não é continua a circulação nas grandes ruas. A unica solução para estas difficuldades consistiria na separação das varias classes de vehiculos por vias differentes. O «Sub-way» e o «Elevated», exactamente porque têm um caminho que lhes é proprio, são muito mais rapidos.

A segunda causa da lentidão no trafego são os cruzamentos de ruas.

O transitio leste-oeste não é grande, mas concentra-se em certas ruas, com especialidade, e cerca de 90 % do trafego transversal são absorvidos por umas doze ruas, talvez: aquellas que servem as pontes e os Ferry-boats.

A solução ideal para esta difficuldade seria a eliminacão dos cruzamentos de ruas, n'estes pontos em que o movimento é muito intenso.



O REGRESSO DO VENCIDO

Firpo ao chegar a Buenos Aires, agradece, da janella do trem, as saudações da multidão apinhada na estação

Ha sempre espiritos investigadores que procuram resolver estes problemas interessantes e, quando apparecem soluções intelligentes, ha toda a vantagem em que d'ellas se dê publicidade, para que sejam aproveitadas como merecem.

Está n'este caso a solução ideada por Cameron Clark para uma melhor circulação de vehiculos na cidade de Nova York. Este norte-americano imaginou um grande boulevard, com 100 pés de largura (tanto como a nossa Avenida Rio Branco -de edificio a edificio), passando pelo centro de Manhattan e em um nivel mais baixo que o nivel normal das ruas. Este boulevard deveria dar espaço para quatro linhas de trafego de carros em cada sentido, com uma linha extra de cada lado para os carros parados.

Para fazermos uma idéa da importancia da solução imaginada, basta que comparemos a capacidade da 5.^a Avenida, que é de 3.000 carros por hora, com a que teria este boulevard com os seus 18.000 por hora.

Segundo a idéa de Clark, o trafego transversal cortaria esta grande arteria por meio de pontes (como nos mostra a figura) e com isto augmentar-se-ia, de muito, a velocidade do trafego.

O acesso para o boulevard, ou a sahida d'elle seriam feitos por meio de simples caminhos em rampa, partindo de cada cruzamento de ruas. E o modo porque foram traçados estes caminhos sempre aos pares, um descendo e outro subindo, evita habilmente a manobra para a mudança de direcção, dentro do boulevard.

De accordo com esta idéa, o carro que quizer mudar de direcção será o unico *caceteado* com a manobra a fazer, em vez de obrigar os demais carros, de ambas as direcções, a modificarem as suas marchas por causa d'elle.

Clark imaginou traçar este boulevard na 2.^a Avenida, fazendo-o seguir através da Canal Street e da Canal Avenue até ligar-se com o Riverside drive.



ALMAS DE MULHERES

(CONTO)

NÃO têm coração, nem romantismo, nem ancias infinitas de amar e de ser amadas?...

— Pff!

— Falta lhes espirito de sacrificio...

— Quem disse isso?

Esta conversação era travada num café-cantante entre varios amigos, o primeiro dos quaes, um pintor famoso e ao mesmo tempo inspiradissimo poeta, era o que falava com tanta vehemencia das raparigas que em outras mesas distrahiam os seus ocios ingerindo absurdas e diabolicas bebidas.

Douradas mariposas attrahidas pela luz dos galanteios, nella queimavam as azas dos seus sonhos, passando a vida na doce interinidade a que as condemnava o seu sexo e tambem a sua propria significação social.

Pobres bonecas! Pobres pequenas inspiradoras de tantas novelas futeis e transitorias!

— Ah! está a Marina Guerra, accrescentou o pintor indicando uma mulher de lucto e elegantissima, porém muda e espectral como uma sombra, que, occulta num dos angulos do salão, parecia perdida num mundo de lembranças, evocações e presentimentos. — Ah! está ella!

— Ah! A Marina... disse outro.

— Parece louca, commentou um terceiro.

— Mas louca como a nobre Ophelia immortal e eterna, insistiu o pintor. Ah! está como de costume, absorta e petrificada como uma esphinge dolorosa e incomprehensivel.

— Você a conhece?

— E a admiro.

— Porque?

— Pela sua historia e por esse mesmo espirito de sacrificio que vocês negavam que se pudesse aninhar nessas almas tão propensas aos formosos e redemptores sonhos do coração. Dvidam? Riem burlescamente? Sou eu que os lamento, porque vocês, tendo olhos, não vêm, e tendo ouvidos, não ouvem.

Sim. Marina. Marina Guerra, que foi noiva do pobre Guilherme Alvarez.

— Do que morreu no accidente de aviação de Citruénigo?

— Isso! Do que se suicidou.

— Ha de tudo no mundo, affirmou o artista. Guilherme Alvarez suicidou-se quando, arruinado, se viu perdido e não quiz manchar o seu nome com nenhuma acção indigna. Conheci-o. Fui testemunha das suas primeiras loucuras, quando, apenas sahido da Academia, se fez aviador pelo seu amor ao extraordinario e ao perigoso. Foi então que conheceu Marina Guerra e se entregaram ao seu tragico idyllio. Guilherme, filho de uma familia rica de Cadiz, vivia com tal independencia que não queria receber dos seus pais a menor ajuda.

Desertor de todas as Universidades e Escolas, entrou para uma Academia onde se fez aviador, como ficou dito, pela ancia de novidades e pelo desejo de aventuras. Occultando a sua modesta posição, vivia junto de Marina, a quem pintava o seu destino e a sua situação com cores lisongeiras, empenhando-se e empobrecendo, sem que ella suspeitasse a verdade. Dessa falsa maneira de viver sobrevieram não poucas desventuras, das quaes a menor não foi ter a familia de



Guilherme, escandalizada pelas extravagancias do filho, retirado toda a protecção que lhe dispensava. Aquella bala perdida era fatal. Coisas da vida!

— E' exacto, commentou outro.

— A eterna historia, affirmou terceiro.

— Isso: a eterna historia; mas historia dolorosa e sangrenta, pois Guilherme, arruinado, miseravel e em via de commetter algumas dessas vilezas a que a má vida frequentemente nos lança, preferiu eliminar-se a deixar uma recordação amarga na memoria de alguém. E, premeditando-o, procurou um meio de disfarçar o suicidio, occultando-o nas duvidas que surgiriam si elle se precipitasse com o seu apparelho. E assim o fez...

— Mas a pobre Marina...

— Lá ia eu: a pobre Marina, como disse você, soube da verdade quando já não havia remedio.

E soube-o por uma carta do proprio Guilherme.

— Infeliz!

— Mas, assim que com a morte do seu amante soube do succedido, mandou á familia de Guilherme Alvarez a carta do desgraçado, supplicando por Deus que pagassem uma sepultura luxuosa e christã para o pobresinho. Mas a familia não quiz tratar com semelhante mulher; catholicos todos, não podiam tampouco honrar assim a memoria do condemnado suicida. E então Marina, mulher toda coração, alma, romantismo e espirito de sacrificio, tomou sobre si a tarefa de enaltecer e honrar a triste memoria daquelle que fôra o seu amor. Dedicou-se a reunir todo o dinheiro preciso para que lhe construissem um luxuoso mausoléu, e, empunhando e vendendo tudo o que possuia, só agora sorri de longe em longe; mas f. l-o porque, arruinada tambem, fica-lhe o consólo de haver cumprido o dever que lhe dictaram a sua consciencia e o seu coração. Que lhes parece?

— Que Marina morrerá talvez num azylo ou em qualquer abrigo, mas que é uma nobre mulher.

— São muito complicadas e extranhas estas mulheres para serem julgadas tão ligeiramente, disse finalmente o pintor.

E os amigos, curiosos e emocionados, puzeram-se a contemplar Marina que, apartada, sorria a qualquer coisa invisivel, mysteriosa e inolvidavel.

Juan Lopes NUNEZ.

O BURRO SEM CABEÇA

CONTO PARA CRIANÇAS

Zézinho é um vivo e intelligente menino, filho de um fazendeiro do Estado de Minas. Zézinho frequenta a escola na cidade e vai passar as férias na fazenda, onde se delicia com os admiraveis quadros da vida dos campos: a paisagem linda, com os seus campos verdes, fechados ao longe pelas montanhas de recortes caprichosos, que parecem abraçar, com um abraço de pedra, valles e mattas que se estendem até aos seus musculos de granito; o movimento do trabalho da roça, os carros, as «tropas», as colheitas e o espectáculo do gado que recolhe pachorrentamente aos curraes, ao cahir da noite, mugindo como si estivesse desgostoso de ter findado o dia e com saudades do sol fulgente do sertão.

Zézinho gosta destas scenas, da vida tranquilla da roça, ao ar livre, sob a luz cariciosa.

Uma tarde estava elle na varanda, em companhia dos pais e da irmãsinha, quando se aproximou, de chapéo á mão, num «boas-tardes» arrastado e ronquenho, Chico, foreiro da fazenda, homem trabalhador mas ignorante, que lhes contou um encontro terrivel que tivera na vespera, pelo qual ainda tinha os cabellos arrepiados.

Narrou elle ter visto, á noite, quando se dirigia para casa, um burro sem cabeça, que passára por elle com a velocidade do raio.

Amedrontado, deitou a correr, até que chegou á casa, offegante e suado, tremendo ainda pela singular apparição.

O fazendeiro sorria. Foi quando Zézinho, que, apesar de muito pequeno, é instruido, encarou de face a Chico e lhe disse:

— «Seu» Chico, quem é que lhe contou que um burro sem cabeça pôde andar!

Você não sabe que um animal decapitado morre instantaneamente?

O Chico enfiou e não achou palavras que dizer.

E assim um menino de oito annos, pelo facto de ter aprendido nos livros, deu um quinau a um velho roceiro, contado, cuja ignorancia o fazia presa da superstição.

Os males da ignorancia são incontaveis e enormes. Um homem instruido vale por dois.

G. L.



EL TRAIADOR

(CONTO HISTORICO)



MUITAS noites sob a chamma dos astros, muitos dias sob o incendio do sol, os devassadores das matas brutas haviam já caminhado por essa região barbara e equatorial. Vinham das bandas do Pacifico, onde as grimpas andinas, no esplendor do céu, talhavam-se em vultos cyclopicos como esculpturas de granito, e luz, e neve. As terras peruanas, nesse tempo, convulsionavam-se numa espantosa tragedia que até em nossos dias repercute, sob o nome de «conquista do Perú», em estrondos de batalhas e tempestades de paixões. Entre os milhares de aventureiros, que se mudavam em feras ao jogo das ambições enormes, a uns attrahia a gloria immorredoura alcançada em prelios pela bandeira do Rey; mas a todos seduzia e arrebatava a perspectiva dos thesouros que a terra trazia nas entranhas. E foi esse sentimento, que afogueava todos os animos, que arrastara um dia, em Lima, essa multidão quasi bravia, á conquista de fortuna como nunca fôra ainda descoberta, nessa era de maravilhas scheherazadicas. Falaram-lhes de uma terra, onde as montanhas eram de sol transformado em pedra rutilante. E havia cachoeiras verdes petrificadas, as jazidas de esmeraldas; e rubins sangrando no fundo dos valles; diamantes estrellando as grutas de amethista. Prasios, chrysoprasios, granadas e saphiras, todo um pandemonio de radiações e côres, mergulhado no silencio sinistro das florestas, onde o pello listrado dos tigres punha tonalidades flammeas. O sonho de Eldorado allucinára os homens rudes na provincia americo-espanhola. Quando Pedro de Urzua, fidalgo navarez, obteve permissão de partir á descoberta das minas desvairadoras, os aventureiros se agglomeraram em volta de sua espada que apontaria, como um cometa, entre as selvas assombrosas, o caminho das riquezas. E assim era que muitos dias e muitas noites, em marcha incessante, atravessaram o mysterio dos sertões, travando lucta contra as feras, transpondo os rios e

os pantanos, torturados pelo fogo do sol e da febre. Tudo fôra em vão... Onde, então, se escondiam as montanhas magnificas, cujo fulgor apparecia nos sonhos desses sêres tantalizados? Onde as cavernas scintillantes, as montanhas, os rios coalhados de gemmas?

O desanimo começou a abater os jorna-deantes, enlouquecidos pela revolta contra a natureza aspera e bruta que sómente descentranhava em pedrarias o horizonte, no deslumbramento de alvoradas e occasos...

Um dia, um homem deu o grito de rebellião. Era pequeno de corpo, de olhos de tigre, e feições duras. Coxeava de uma perna, mas tinha um braço temivel quando fazia brilhar a espada, ou a lança. Uma fama sangrenta cercava-o de terror, pois, numa noite de tormenta, á frente de um bando de aventureiros, desgarrados na matta, havia erguido o punho cerrado contra o céu livido, insultando e ameaçando Deus. Ao erguer a voz de revolta, todos os seguiram atrahidos por esse sentimento de pavor e admiração cruel com que os lobos humanos olham o mais feroz da alcatéia. O nome de Lope de Aguirre foi aclamado, em meio das arvores titanicas, e o bandido, após embeber o punhal no coração de Pedro de Urzua, fez-se proclamar mestre de campo da expedição, e um fidalgo sevilhano, d. Fernando de Guzman, teve o titulo de general. O assassino, numa assembléa na clareira da floresta virgem, empunhando o ferro ensanguentado, agitára as almas desses homens terriveis com as suas palavras roucas:

—Eldorado? Para que o queremos? Eldorado mais fascinante que ha é o Perú. O céu foi feito para quem o merece: o mundo, para quem o conquista. Si quizerdes, o Perú será nosso!»

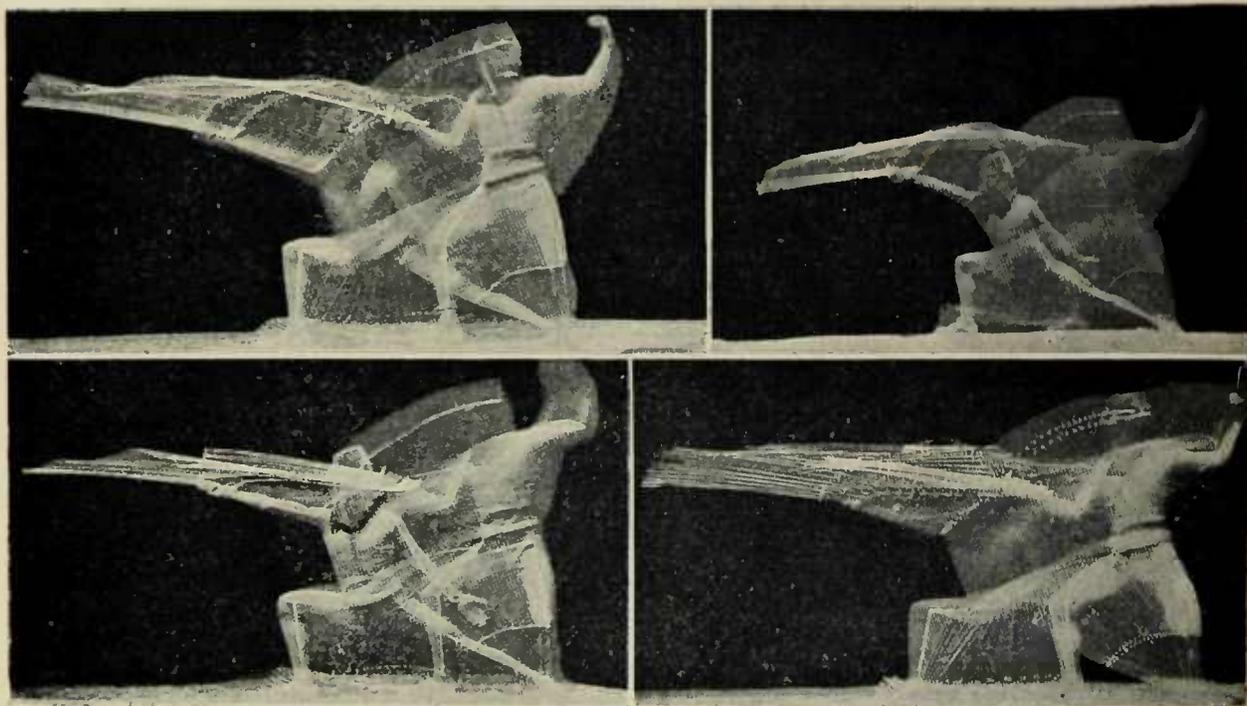
E ante esse vulto impressionante, de cabellos ao vento rugidor da noite, as physionomias dos expedicionarios, avermelhadas pelo clarão de uma fogueira vacillante, contrahiram-se violentamente. Os olhos faiscaram; e, mais rubros que a chamma da fogueira, arderam os corações.

*

* *

A multidão que partira em busca





A CHRONOPHOTOGRAPHIA DA ESGRIMA

Uma série de curiosos documentos obtidos com o aparelho chronophotographico de Marey e que mostram a decomposição de um golpe de esgrima.

de Eldorado rareára, tempos depois. Eram chamados os «marañones», e oitenta delles existiam sob a bandeira de Aguirre: um pedaço de tafettá negro, cortado por duas espadas vermelhas, em cruz. Em noite de luar muito branco e macio, proximo a um «pueblo» de Venezuela, um dos aventureiros que obedeciam ás ordens do bandido, chegava a uma grotta, onde um homem o aguardava. Desceu do animal resfolegante e tirando o largo sombrero, saudou aquelle que o esperava.

— Galindo, falou este, ha muito que te espero, bem duas horas... Ha successo grave no acampamento do traidor?

O que chegára, enxugando o suor que lhe banhava a fronte, sentou-se a um pedrouço, e disse:

— Sim, Melendez. Aguirre, que como sabes é hoje o unico chefe dos «marañones», anda transtornado nos ultimos dias. Outr'ora, esse miseravel tinha uma frieza incrível, fóra de combate; uma serenidade pasmosa, na intimidade. Na invasão dos «pueblos» da Venezuela, matando, saqueando, incendiando, elle não se transfigurava senão pelo odio que lhe cerrava os dentes rangentes, e inflammava-lhe os olhos. De-

pois do banditismo, era o homem mais frio de todos, nunca se presentiu em sua fronte a sombra do remorso. Ha dias, no entretanto, vive afastado e sombrio. Murmura e gesticula sosinho como um louco. Parece que o persegue uma turba de espectros. Embalde se desmandou em novas atrocidades: o sangue já o não alegra e incita. Pela manhã de hoje, ao despertarmos, houve assombro em todo o acampamento. Aguirre mandára buscar ao «pueblo» um dos frades missionarios, para ouvil-o em confissão. E como esse não o quizesse absolver, ordenou que o enforcassemos...

— Por Deus! — clamou o que fóra chamado de Melendez — E quando será enforcado o santo missionario?

E como se erguesse para saltar sobre a sella do seu ginete, Galindo prendeu-lhe o braço:

— Ha tempo, Melendez. Amanhã sómente o frade será assassinado. O que preciso é dizer-te porque tenho trahido Aguirre...

— Sim, não atino com a razão. Nem pedes ouro, nem outro galardão, atraiçoando o Traidor...

— E' o que te contarei agora, Melendez.

E sentando-se novamente, falou pausadamente:



O SORRISO DA TERRA

Como as physionomias rudes e angustiadas pôdem desabrochar um dia num sorriso, tambem a face adusta e escabrosa da Terra sorri pela corolla das flores. E são sorrisos esses estonteadores e divinos, porque exhalam a magia do perfume divino e estonteador...



— Tu me conhecestes ha vinte e um annos, em Potosi, quando tu e eu, e centenas de castelhanos, alli nos achavamos, desvairados pelo ouro. Era eu então o maior amigo de Hinojosa, o corregedor. E, como te lembras, em Potosi, Lope de Aguirre era um dos aventureiros de peor fama de toda a provincia. Sabiamos das traições que praticára desde a sua chegada a Lima, quando ao pelear sob o pavilhão revoltoso de Gonzalo Pizarro, atraiçooou-o na fuga da cidade. Havia sido encarregado de cobrir a retirada do valente general e, no emtanto, voltou a Lima, dando vivas ao Rei e matando os pizarristas para obter os favores de Lagasca. Sabiamos de mil outras vilezas de Aguirre, mas toleravamos o infame porque não praticára ainda nenhuma atrocidade em Potosi. Foi numa noite, como esta, lavada de luar, que o bandido, encabeçando a rebellião que tanto sangue derramou na região do ouro, deu largas ao seu instincto de féra. A primeira idéa que me veio nessa noite tragica foi o odio que Aguirre nutria surdamente contra Hinojosa. Eu morava então além das minas, ao sopé da montanha, quando um dos creados do corregedor, escorrendo sangue, veio morrer a meus pés dando

a triste noticia do assassinato de meu amigo. Hinojosa era um irmão para mim, que nasci sem familia e que elle protegeu desde Sevilha em que me encontrou vagabundo e esfarapado, arrancando-me ás mãos dos alarbadeiros da guarda. Eu o segui na sua vinda para o Perú, e sempre me devotei á sua amizade. No momento em que Juan, o servo de Hinojosa, rasgadas as vestes, golphando a vida por mil chagas, tombou á minha frente, eu jurei sobre a cruz do meu punhal que, a ferro ou fogo, haveria um dia de matar o assassino.

Calou-se, um instante, para tomar folego. No alto céu, varando a alvura da lua, um passaro negro passou rapido. E Galindo, depois de descansar, recommçou:

— Segui-o. Nas suas traições teve-me elle sempre por testemunha. Perdi-o de vista quando partiu em companhia de Urzua. E, passado muito tempo, ao saber de seu paradeiro pela noticia de suas crueldades nesta região, para aqui me fiz de viagem, e alistei-me entre os «marañones». Mas os soldados do Rei chegaram proximo ao acampamento. Soube que tu os commandavas, e decidi entregar-te Aguirre. Tu o terás amanhã, ao romper do sol.

A cabana de Aguirre ficava á entrada de um valle resplandescnte, á sombra de altíssimos píncaros que se estorciam na vertigem do azul, faulhantes ao sol. Rompera a manhã, e antes desta esclarecer o céu, apagando os astros, já o cadaver de um frade balouçava-se a extremidade de uma corda, numa volta do carreiro. O chefe dos «marañones», que não dormira um instante, havia modificado a ordem que déra, e alguns de seus homens, madrugados, arrastaram o religioso e enforcaram-n'o na primeira arvore deparada.

Sinistro, Aguirre, em sua choupana, mais hediondo que nunca, pois em seu semblante havia como que a sombra de uma aza satânica murmurava palavras que aterrorizavam a sua filha, e a amante, a celebre Torralba, que o havia seguido em todas as jornadas. A luz do sol que illuminára, á beira do carreiro, o oscillante cadaver do frade, alumou as feições desse homem mil vezes assassino. O miseravel, a quem os linchinhos tinham qualificado, pelas suas atrocidades, «el loco Aguirre», scismava negros pensamentos que lhe davam aos olhos reflexos infernaes.

— Matei muito — disse elle, em dado momento, á amante que se achava abraçada á filha a um canto — Matei, trucei. Agora sinto que vou morrer; espalhei tanto sangue que vou morrer afogado em suas ondas. Todos me amaldiçoam, a propria natureza me odeia. As montanhas têm uma expressão de raiva, em seus perfis, quando as olho. Odeia-me a luz, e a treva...

E mirando a filha que se abraçava á Torralba, assustada desses continuos divagares de seu abominavel pae, Aguirre teve uma idéa horrosa.

— Tu vaes ficar no mundo, após a minha morte! — exclamou — Nunca! Nunca perdure sobre a terra o sangue de Aguirre. Filho ou filha que ficasse depois de eu ser prostrado, perpetuaria uma raça de malvados, e de maldictos. O maior malvado e maldicto, sou eu, em minha raça; e eu quero que essa desapareça.

Neste momento, na entrada do valle, estendendo-se na manhã radiosa, rebentou uma fanfarra de cornetas.

— Ah! os realistas! — bradou o bandi-

do — Houve quem me trahisse guiando as a este acampamento. Bem presentiu eu que ia morrer. Inutil é lutar... E travando um punhal na mão violenta, arrojou-se contra a propria filha.

— E' tua, é minha filha, Lope! — rugiu a Torralba, allucinada.

Um forte repellão, um relampago, e o baquear de um corpo, e a jovem filha do scelerado, uma creança de uns dezessete annos, cahiu varada pelo aço miseravel...

— Não quero que a chamem — a filha do Traidor! — exclamou o Aguirre, enquanto a Torralba perdia os sentidos de pavor.

Já então os soldados de Melendez, guiados por Cristobal Galindo, tinham occupado o acampamento, prendendo os remanescentes do bando que trouxe em agonia as populações andinas, nesses tempos revoltos. Contam os chronistas que o Traidor recebeu riudo os soldados, apontando para o cadaver da filha, que apunhalára. Cristobal Galindo, que era um dos primeiros a cercal-o, ergueu ao hombro o arcabuz e despediu o tiro.

— Aprende a atirar, perro! — gritou-lhe Aguirre, ferido no braço.

Ao segundo projectil, que o attingia em cheio no peito, brucou pesadamente. Mas não antes de chalacear ainda:

— Ah! este foi em regra!

*

*

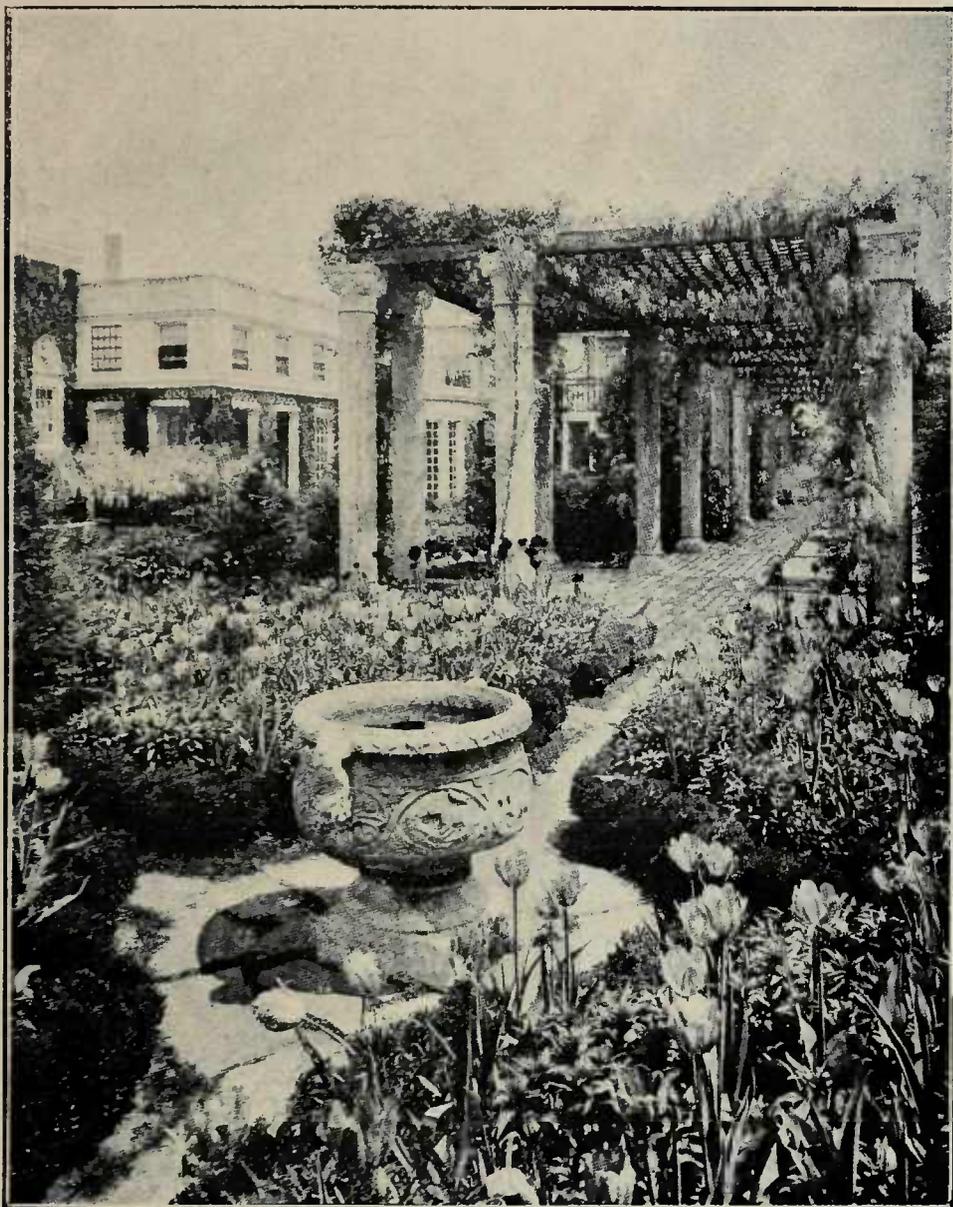
E assim morreu aquelle cuja tradição perdura ainda na memoria de algumas povoações de Venezuela e Colombia. A cabeça de Aguirre conservou-se muitos annos, encerrada numa jaula de ferro, num «pueblo» á sombra dos Andes. E' o que nos contam os chronistas, entre os quaes Ricardo Palma, fazendo que esse typo de legenda infame nos surja aos olhos, cercado de uma nuvem vermelha e de uma revoada de abutres...

Moacyr de ALMEIDA

As pessoas fracas são as tropas ligéras do exercito dos máus; são mais maleficas do que o proprio exercito: infestam e devastam.

CHAMFORT





OS JARDINS DE LUXO

Ao lado da residência confortável, estende-se o jardim cuidado, em toda a sua elegancia moderna, ostentando a sua *terrasse*, o seu *caramanchel* e a profusão das suas flores variadas.

E os raios alegres do sol projectam sombras avelludadas que lambem as columnas com uma indolencia de caricia...



A VELHICE DE LAMARTINE

○ GRANDE poeta francez teve uma velhice lamentavel. A proposito, Monselet cita esta passagem pungente:

Era uma tarde de musica, nas Tulherias. Uma moça muito elegante, acompanhada dum rapaz não menos correcto, voltou-se para um ancião apertado na sua sobrecasaca de golla alta e que tinha «uma cara de aguia e de cavallo inglez». Ella mostrou o velho ao seu companheiro e poz-se a rir.

Então um escriptor em vóga aproximou-se da moça e perguntou-lhe:

— Conhece o nome desse velho que a faz rir?

— Absolutamente.

— E' Lamartine!

A joven olhou ainda uma vez o ancião que se afastava, comprehendeu a crueldade de uma tal miseria num tão grande coração e baixou a fronte, sentindo que os seus lindos olhos se humedeciam...

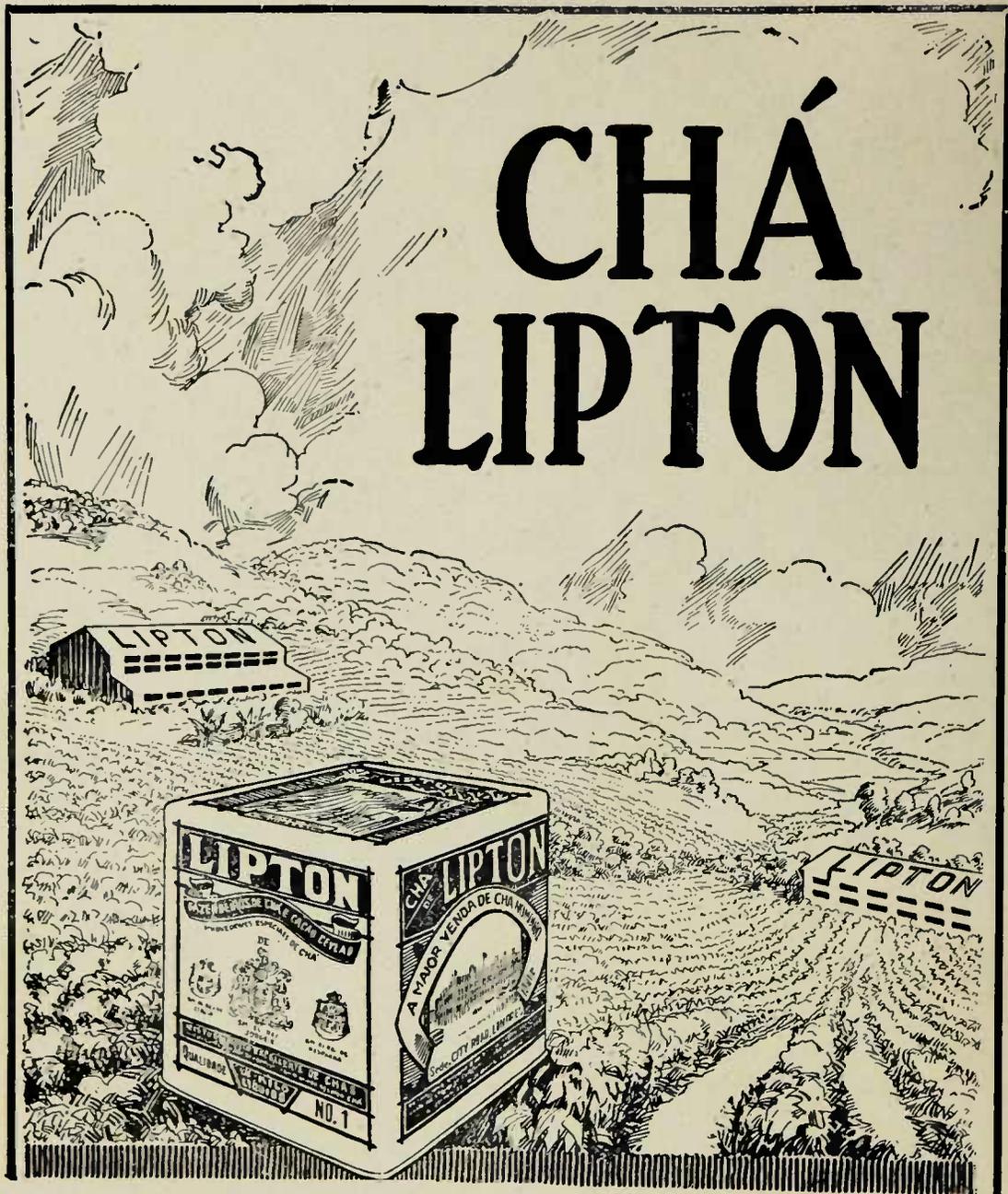
ENCERADOR e LUSTRADOR

de Moveis, Pianos, Armações, etc.

EDUARDO MENEZES

Rua S. Pedro, 142 Tel. N. 1488

CHÁ LIPTON





Os chapéus simples e graciosos

Depois de haver recorrido a todas as extravagancias, o futurismo inclusive, a Moda parece ter reconhecido que em chapéus, como em tudo o mais, a simplicidade é a suprema lei da elegancia.



Os simples chapéus que ahí se vêm possuem essa alta qualidade: a de fazerem realçar, graças ás suas linhas elegantes, a belleza e a graça dos rostos femininos.



500 DOLLARS POR DUAS PALAVRAS!

A em Nova-York um individuo que ganha 500 dollars para escrever duas palavras todas as vezes em que acha conveniente fazel-o. Não se julgue que essas duas palavras sejam o seu nome e o seu appellido escriptos num cheque sobre fundos depositados em algum banco. Não. São duas palavras que uma fabrica de cigarros escolheu para annunciar os seus productos, duas palavras que, juntas, contêm onze letras. Si o leitor julga que pode escrever duas palavras como as escreve o nosso homem, vá a qualquer cidade norte-americana que ganhará outro tanto e enriquecerá rapidamente.

A difficuldade, porém, está no *como*. Este escrevente, porque afinal outra coisa não é, escreve

sobre o céu azul, usando como penna um aeroplano e como tinta uma fumaça branca e espessa, tal como si a molhasse no leite da Via Lactea.

Quando as condições atmosphericas são propicias, o aeroplano faz com que toda Nova-York levante os olhos ao céu; e, diante da admiração publica, traça no azul, com certas evoluções, as suas onze letras, cada uma das quaes mede centenas de metros.

Com a fumaça calligraphica de sua invenção o aviador annuncia a fumaça dos cigarros e ri quando ouve dizer que a gloria é fumo, pois para elle, indubitavelmente, acontece o contrario e o fumo é gloria ou, pelo menos, o seu equivalente em ouro...





A PINTURA HESPANHOLA

A duqueza de Alba , retrato do mestre
hespanhol Ignacio Zuloaga



OS CHAPÉUS ELEGANTES

Dois lindos modelos de chapéu: o primeiro, *cloche* de feltro malva com plumas, criação Alphonsine; o outro, de seda preta e rajada de branco e azul, modelo Suzanne Castelli.

A lição de Franklin

Um homem que havia passado uma hora inteira diante da vitrine da livraria de Benjamin Franklin entrou finalmente e perguntou ao empregado:

- Quanto custa este livro?
- Um dollar.
- Não o pôde deixar por menos?
- Custa um dollar.

O nosso homem lançou pezarosamente um olhar sobre os livros postos á venda e continuou a perguntar:

- O Snr. Franklin está?
- Sim, senhor. Mas está muito occupado.
- E' que eu desejava falar-lhe,

O empregado foi avisar o patrão. Quando este veio, perguntou-lhe o comprador:

- Snr. Franklin, qual o ultimo preço deste livro?

— Um dollar e um quarto.
— Mas si o empregado acaba de pedir apenas um dollar?

— E' verdade: e isto porque eu preferia receber apenas um dollar a deixar o meu trabalho.

O homem pareceu surprehendido com a resposta e, deseioso de encerrar a conversa, indagou:

- Bem, m's digi-me o ultimo preço.
- Dollar e meio.

— Como, si acaba de pedir um dollar e um quarto?

— E' verdade: é que antes eu achava mais vantajoso um dollar e um quarto do que agora dollar e meio.

O homemsinho deixou silenciosamente as moedas sobre o balcão e sahiu do estabelecimento com o livro e a lição salutar recb da do mestre na arte de transformar á vontade o tempo em riqueza ou em sabedoria.

Em toda parte ha gastadores de tempo...

UMA ANECDOTA

Dirigia-se um pobre diabo de advogado americano ao Far-West para ahi tentar fortuna.

Audacioso em extremo, tomou logar no trem sem se munir do bilhete de viagem.

O seu bilhete, faz favor?

— Não o tenho, responde o viajante de contrabando, mas faço parte da redacção do Daily News de Nashville...

— A sua carteira de redactor?

— Tambem a não trago...

— Então o senhor hade pagar a viagem, a não ser que o director do Daily News, que viaja neste trem o reconheça...

Seguindo o corredor que atravessa todos os trens americanos, chegam os dois á presença do todo-poderoso director do Daily News, a quem o cobrador explica a

situação irregular do seu redactor. O director lança um olhar sobre este e hesita um instante.

— Si o conheço? pergunta afinal, Sem duvida, é Brownly Smith, um dos meus melhores auxiliares...

O truque serviu e o advogado respirou emfim.

Chegados ao destino, o advogado encontra-se com o director do Daily News e aproveita a occasião para agradecer-lhe o favor que lhe havia feito.

— Que favor?

— O de me haver reconhecido como redactor do seu jornal.

— Então o senhor não é o redactor?...

— Infelizmente, não!

— Pois bem. Nem eu tambem sou o director do Daily News. Eu havia "cavado" um passe em nome d'elle e estava com um medo rôxo de que você me estragassem o negocio! Não tem nada que agradecer!





IRENE CASTLE

A formosa artista do cinema na dança "O espirito da Juventude" com que maravilhou o publico de Londres.



AS ESTRELLAS
DO CINEMA

O perfil
encantador de
Mae Marsh

(Desenho a penna)

Sylvio

A Dansarina que fez emmudecer um principe

O principe Salih Hamado fez solemne voto de mutismo até conseguir o amor de sua adorada, a bella dansarina russa Vera Vratislawa.

Recorrer a tal processo para forçar o coração de uma mulher parece a todos uma candida ingenuidade, impropria dos nossos dias.

Si não conseguir o seu fim com a sua figura gentil, a sua juventude, o fogo sombrio de seus olhos, a vehemencia das suas palavras, conseguil-o-á com o silencio?

A esphinge não despertará a sympathia piedosa que pretende.

Ao responder por si-gnaes, o amante desdenhado, ás palavras que lhe dirigem, julgar-se-á que não sabe expressar-se no idioma que lhe falam e isto, mais do que admiração respeitosa que inspira um voto, causará o riso franco que provoca o ridiculo.

Em que mente juvenil sonhadora ou romantica produzirá impressão a attitude do principe, si a loquacidade, a exaltação da palavra, é o que predispõe á sympathia e ao amor as imaginações femininas?

Que pensaria a bella dansarina que, movida pela volubidade de seu espirito, pelo anhelio de expandir a sua alma, se lançou á mariposear pelo mundo, ávida de emoções para seu coração, de luz para os seus olhos e de caminhos para a sua vida e o seu pensamento?

Como poderia a bella Vratislawa sentir-se comovida ante a estatua do silencio e da quietude

em que se tornára o principe, a bella Vratislawa que só nas agitações da dansa, na alegria da vida nomade, procurava encontrar a satisfação das suas curiosidades, dos seus irresistiveis desejos de emoções, e as vivas e fortes impressões de que necessita a sua alma de passaro?

Não parece ás leitoras que esse gesto romantico de Salih carece da gallardia, da intensa exaltação amorosa de um espirito joven, tanto mais quanto esse espirito se nutre no saugue ardente de um arabe?

Sem ter nas veias o fogo abrazador da Turquia asiatica, qualquer joven meridional, mesmo não sendo principe, haveria adoptado numa attitude menos resignada, um gesto vehemente, mais sympathico e commovedor.

E talvez esse joven se condemnasse a um mutismo tambem, quando as suas palavras fogosas e as suas exaltadas demonstrações de amor não houvessem logrado accender no peito amado a chamma correspondente: não a esse mutismo convencional mas ao que cerra os labios para sempre e deixa no rosto a expressão da angusta immobibilidade.



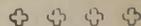
Com as flores murchas da recordação e as flores frescas da esperança, se tece a corôa da nossa vida, que é trabalho, amor e desengano.

Ha no British Museum uma colleção de discos phonographicos com as vozes de todos os grandes oradores actuaes.

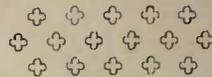


MOVEIS E

DECORAÇÃO



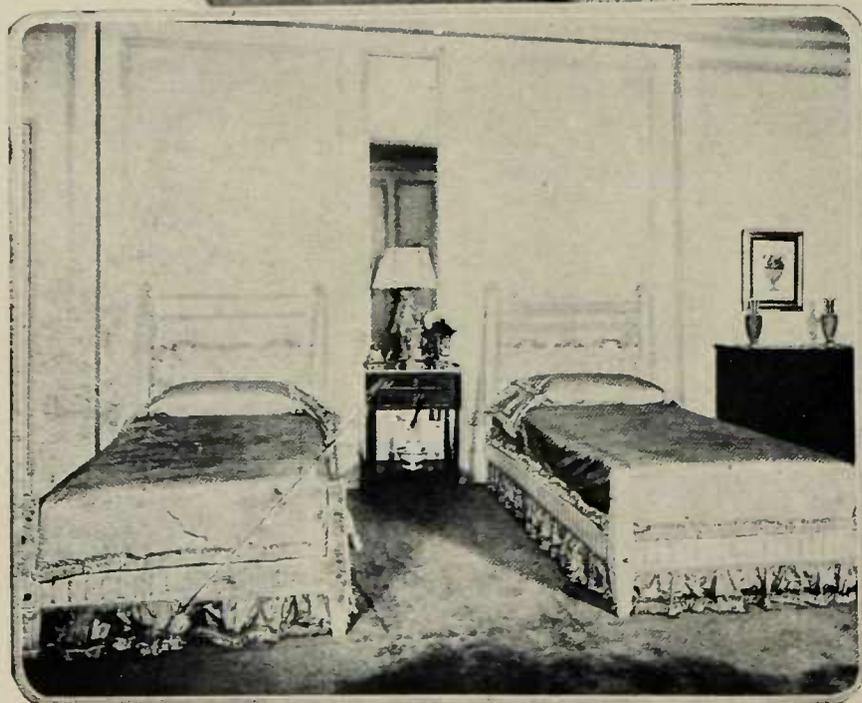
A industria moderna tem empregado o melhor dos seus esforços para conseguir o maximo de elegancia, de simplicidade e de conforto nos interiores dos nossos dias. E os resultados são excellentes, como o demonstram as tres gravuras juntas, de um boudoir e de dois dormitorios a que mesmo o luxo não é extranho...



A VIA LACTEA

COMO todos os astros e todas as manifestações celestes conhecidas dos antigos, a Via Lactea deve o seu nome a legendas mythologicas. Os gregos affirmavam que essa faixa esbranquiçada, tão visivel nas bellas noites de verão, devia a sua origem a algumas gottas de leite cahidas do seio de Juno, sugado por Hercules infante.

Foi essa a legenda que prevaleceu, porém não a unica pela qual os gregos explicaram a formação da nebulosa. Elles affirmavam tambem ser ella o sulco inflammado feito por Phaeton quando conduziu inconsideradamente o carro do Sol através do Azul. Ovidio, emfim, declarava que ella era o caminho dos deuses e a via da immortalidade.





AS CAPITAES DO NORTE

Vista parcial da cidade de S. Salvador, Bahia, tomada de um avião. Vêm-se a praia de Nazareth, o pharol de Santo Antonio da Barra e o forte de S. Marcello.

□ □ □ **A ESTRELLA** □ □ □

A Sylvio Figueiredo

Chispa de ouro que o olhar humano ao longe alcança,
Fóco illuminador de outros mundos da altura,
Surge a estrella a brilhar no espaço de bonança,
Como um trevo de luz dentro da noite escura.

Millenios, sob a paz da bem-aventurança,
Pelo crysol de luz a alva tempera apura;
Da phosphorea materia evoluida ora lança
As ondas de calor, circumgira, fulgura.

E hoje que — chamma astral de primeira grandeza,
A ellipse de ouro traça e espalha a esteira clara
A seguil-a, atravéz do infinito, aurea, accesa,

Penso vel-a no céu do Levante fecundo,
Como o astro protector que os Reis magos guiára
Ao estabulo natal do Salvador do mundo.

Ibrantina Cardona

(Do Kosmos)



RICARDO MARIN, o personalíssimo artista que possui magico poder de reunir em linhas magnificas nervosas o segredo do movimento e a graça propria pittoresca das mais genuinas scenas hespanholas, ratificou o seu prestigio triumphando plenamente em Londres, onde uma exposição de seus trabalhos constituiu um verdadeiro acontecimento artistico. As grandes damas inglezas disputaram os leques hespanhóes de Ricardo Marin, verdadeiros quadros de pura espiritualidade hespanhola.

OS DIVORCIOS IMPREVISTOS

Si se fizesse um catalogo dos motivos de divorcio admitidos nos Estados Unidos, ter-se-ia um documento bem curioso. Não se passa um dia sem que se apresentem casaes ao tribunal, a reclamar a sua separação por um motivo novo.

Tal marido quer abandonar a esposa porque tem a idéa particular de que um lar não deve durar mais de sete annos. E allega que os conjuges, nesse lapso de tempo, já se deram o melhor e o peor de si proprios. Conhecem a fundo os seus defeitos e qualidades. Com o prolongamento da co-habitação, elles sómente poderão obter uma repetição fastidiosa. Mais vale romper uma união do que conserva-la gasta e monótona!

Tal outro reclama o divorcio por incompatibilidade de legumes. A mulher, que é joven, bella e intelligente, seria perfeita sem este pequeno detalhe: ella só gosta dos legumes verdes. O marido os detesta. Si a vida fosse menos cara, um e outro poderiam ter o seu alimento particular.

Mas com os preços actuaes, nem se deve pensar nisso, sob pena de ruina. Os dois esposos pedem autorização de procurar, cada um do seu lado, um conjuge mais conveniente.

Tal outro, ainda, havia prohibido, desde o dia do seu casamento, que a sua sogra viesse vel-o. Elle lhe fixára mesmo um sector de circulação. Fizéra-lhe a prohibição absoluta de morar a menos de dez milhas da sua casa. E como a infeliz mulher houvesse desobedecido á ordem, o marido julga que a sua felicidade conjugal está ameaçada. E a se empenhar em disputas inuteis, elle prefere a renuncia e abandona a mulher.

Esses exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito. Mas o ponto mais curioso é este: nunca, nos Estados Unidos, se viu tanto divorcio pronunciado por embriaguez do marido como depois do advento da chamada «lei secca».

Albert ACREMANT



FLOR!

*Flor! teu corpo é tal qual uma rosea corolla!
A lu'alma subtil lembra um aroma azul!
De ti, filtro lendário, a poesia se evola,
Como o olor nos jardins da princeza Budrul!*

*A sombra, ao leu passar, loda se acatasola!
O solo, ao te sentir, faz-se de paina e lul!
Para le adormecer, ouve-se a barcarola
Do passaro encantado, o divino bulbul!*

*Roseia-se, ao tocar-te, a caricia da brisa!
E, pelo teu perfume, a luz se saphiriza,
Ao sorrir da manhan, sob o orvalho do sol!*

*Flor! escula a ballada, o — Era uma vez... do poeta,
Tu que és, para o meu beijo, a ventura completa,
A rosa de Xirás, noiva do rouxinol!*

MARTINS FONTES

PARNASO AMERICANO

EL JARDÍN ENCANTADO

(El clavel; la rosa; la margarita; el lirio.)

*Quando suena la campana
De media noche, en mundana
Charla están: la arquiduquesa
Doña Rosa, la marquesa
Margarita, el fraile Lirio
(pobre carne de martirio)
Y Clavel, chulo sin blanca
A quien el vino y la banca
Quieren echar la carlanca.
Hablan como en un delirio:*

*CLAVEL.- Según vá la cosa,
Archiduquesa, hará quiebra
Mi ilusion. Dadme piadosa
La postrer dorada hebra
Que vuestros cabellos glosa.*

*DONA ROSA.- Pobre amigo!
No hay yá en vuestros ojos
[fuego...!]*

*CLAVEL.- Vuestra estrella sigo
Y además, señora, os digo
Que el ruiseñor canta ciego.*

*MARGARITA.- Gentil frase!
Mientras un rayo lunar
Anide en nuestro pesar,
Dejad que el ensueño pase.*

*LIRIO.- Un ensueño, marquesa,
Es el vivir, un espasmo.
Tened por breviario de esa
Cordial suma al padre Erasmo.*

*DONA ROSA. Confesión
Hacéis, fray Lis, de un secreto:
El ayuno, la oración.
Son, pues, llamas de pasión?*

MARGARITA.- Es cruel el reto?

LIRIO.- Es cruel la tentacion...

*Pausa.- Un pájaro en viaje
Lamenta sobre el paisaje.
Bosteza la luna llena
Y entre la fronda de encaje
Cada voz dice una pena.*

*CLAVEL.- No tengo un ochavo.
Fuy gran señor; soy esclavo...
DONA ROSA.- Qué amargura!
Pavesa es ya mi hermosura!*

*MARGARITA.- Amor, amor,
Hasta en el mismo dolor!*

*LIRIO.- Es esto un cuento brujo?
Callo; soy fraile cartujo.*

*Y a tiempo que la campana
Llama a misa la mañana
Y huye del jardín la luna,
Oportuna,
En caravana se ván
(Ta-lán...ta-lán...ta-lán...)
La gentil archiduquesa,
La marquesa,
El fraile y el
Señorito don Clavel.*

CASTAÑEDA ARAGON
(COLUMBIA)



A MAIS BELLA DO MUNDO...

É assim que os americanos qualificam Katherine Mac Donald, talvez por lhe verem na cabeça airosa, no busto perfeito, na graça das linhas do corpo, uma similhaça com a Venus de Milo, o eterno canon da belleza feminina...

UM ESTABELECIMENTO MODELAR DE OPTICA

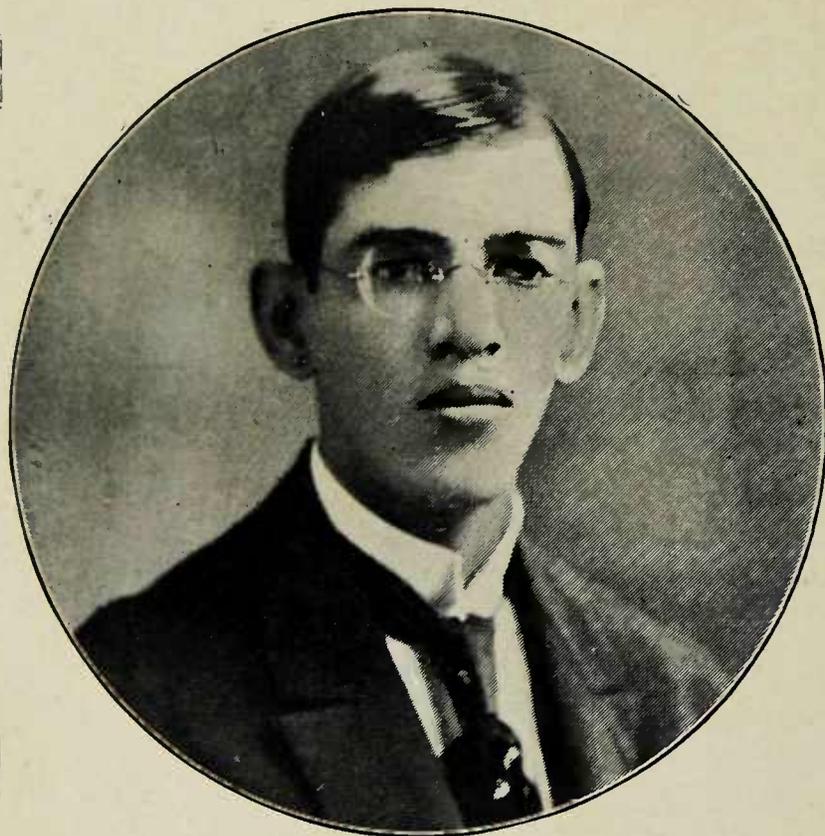
O Rio de Janeiro já se pode orgulhar de possuir hoje, em todos os ramos da actividade commercial, estabelecimentos que mantêm uma determinada especialidade e cujos negocios são feitos com alto criterio, dentro das normas da mais rigorosa ethica profissional.

E' a esses factores que deve a sua rapida prosperidade o estabelecimento «A Optica», cujo chefe, o Sur. Luiz Nonguê, além de

belecimento, que é hoje «A Optica», sob a firma Nougne & C., no mesmo local onde funcionava a antiga secção da Casa Vieitas (Rua Buenos Aires, esquina da rua da Quitanda).

Encusado se torna patentear a assombrosa prosperidade da nova casa, sob a direcção de tão escrupuloso e competente especialista.

A Optica dispõe hoje das melhores officinas que no genero funcionam no Rio; além disso possui tambem um optimo consul-



um profissional capaz, é um estudioso infatigavel dos problemas do oculismo.

Em 16 de Junho do anno p. findo, deixou elle, espontaneamente, o cargo de chefe da secção de Optica da Casa Vieitas, onde adquiriu um grande cabedal de conhecimentos, sendo cerca de 60.000 o numero de pessoas por elle examinadas e, logo em seguida, acompanhado de todo o pessoal tecnico, seus antigos auxiliares, installou o modelar esta-

torio clinico, de molestias dos olhos, a cargo do illustre medico oculista Dr. Rodrigues Caó.

Os artigos de venda da casa, taes como oculos e pince-nez, "face-à-mains", binoculos de campo e de theatro, etc., são de uma impecabilidade a toda prova; e para justificar o que asseguramos basta-nos invocar o testemunho sincero do immenso publico que hoje em dia dispensa a sua preferencia a esse estabelecimento modelar.



COMO SE CRÉA A MODA

Soulié, o grande desenhista das mais apuradas elegancias parisienses, crea neste seu desenho, que tem a graça sumptuosa e aristocratica que caracteriza sempre as suas illustrações, um admiravel modelo de traje de noite, cheio de encanto entre severo e gracioso, como convém a esse genero de toilette.

A preparação das crianças para os sports



Studantes parisienses não constituem uma excepção. Elles são taes quaes com a maioria dos seus camaradas e as suas deformações hereditarias ou adquiridas são communs.

Essas taras, que ás vezes denotam um estado de rachitismo e sempre uma insufficiencia muscular resultante de diversas causas, são ás mais das vezes ignoradas por causa da negligencia da familia, da indifferença da Escola e não raro dos medicos.

Numa occasião em que, por discursos e promessas vãs, pretende-se melhorar a raça, é necessario cuidar da forma que se deve dar á educação physica da infancia. Nunca é demais repetir, é esse o primeiro dever a cumprir para com a Humanidade.

Os exercicios systematicos de conjuncto, executados com uma cadencia uniforme, não correspondem ao que se espera de uma bôa educação. Servem apenas para mostrar grandes agrupamentos mecanizados e se oppõem a toda transformação individual progressiva. Só se poderia admittir esse processo si se tratase de individuos identicos. Ora, os seres são dissimilhantes e só se podem aperfeiçoar por uma educação individual.

E' no estudo dos «gestos naturaes» que se devem procurar os processos de desenvolvimento ou de educação que convêm a cada um, pois a sua execução é pessoal e comporta sempre effeitos uteis, além de que permite evitar a monotonia.

Podemos admittir, em principio, que crian-

ças educadas ao ar livre, sem nenhum constrangimento, se tornassem bellos especimens da Humanidade.

Guiados por esse ideal de liberdade, os pais e os educadores deviam constituir o seu «Methodo».

Mas infelizmente a vida sedentaria dos civilizados cria deformações multiplas, occultas e apparentes, como por exemplo o dorso arqueado e os pés achutados, que são os mais frequentes.

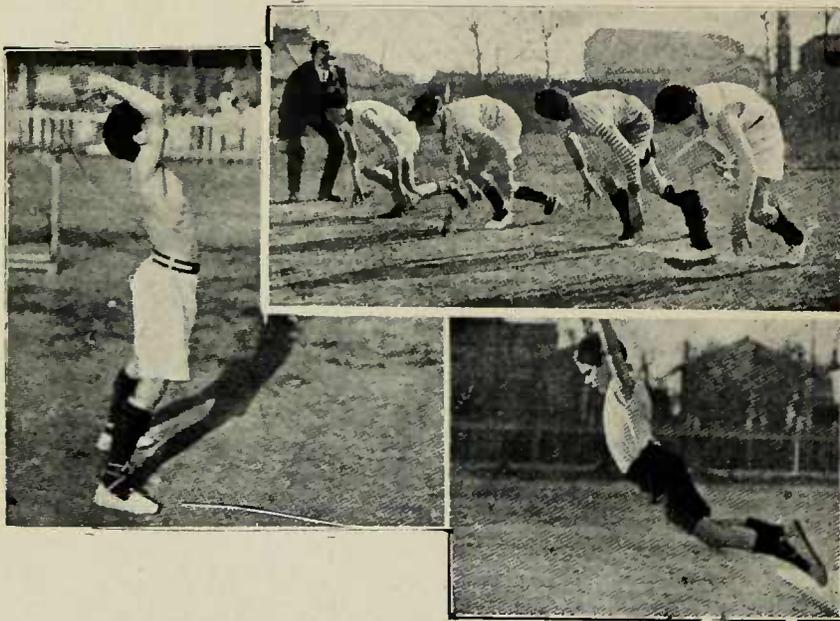
E' preciso lutar diariamente contra essas deploraveis transformações quotidianas que affectam profundamente e para sempre os organismos em desenvolvimento.

Os exercicios proprios para as taras pessoas devem ser alternados com jogos que sejam esboços dos movimentos a que se entregará o pequeno ser numa idade mais avançada.

Os pequenos saltos variados, os exercicios de fixação das omoplatas e a rectificação da columna vertebral serão praticados diariamente e, sempre que se apresentar a occasião, acompanhados de sports elementares individuaes cuja technica é instinctivamente conhecida: a corrida, o salto sem impulso, o arremesso, a ascensão por meio de cordas, etc.

Com a applicação deste programma minimo se preparariam adolescentes, depois adultos solidos entre os quaes a selecção revelaria ou aperfeiçoaria os campeões de todos os generos, gymnastas, nadadores, athletas, etc.

O futuro de uma raça depende da observação de uma rigorosa hygiene physica quotidiana.



Alguns sports elementares para as crianças: o arremesso da esphera, a corrida a pé, o salto sem impulso

O INDICIO

— Mas como sabes que o Fritz quer ser teu marido?

— Muito simplesmente. Quando elle vê mamãe fala logo em neurasthenia...



As figuras de rel'êvo das nossas industrias

OMO ao admiravel espirito empreheador de Roberto Simonsen, o illustre engenheiro de capacidade tecnica sem rival, a Companhia Constructora de Santos deve igualmente o seu estupendo e formidavel progresso ao seu digno vice-presidente, o Sr. Harold R. Murray, cujo tirocinio administrativo tem contribuido bastante para o engrandecimento da poderosa empresa industrial santista

O Sr. Harold R. Murray, ao seu traço assás cavalheiresco e lhano, allia as qualidades primordiales e mais accentuadas e perfeitas do verdadeiro *business man*, possuindo a clara visào do brilhante exito dos negocios que lhe estão affectos, graças á criteriosa direcção que s. s. lhes dá, e aos quaes, com a energia e o discernimento das pessoas ciosas, como elle, do cumprimento exacto do dever e movido por uma vontade perseverante e inabalavel, uma decisão firme e resoluta de trabalho persistente e infatigavel, imprime orientação acertada e proficua.

«America», nestas columnas, presta homenagem sincera ao distincto cavalheiro, que tanto gosa de conceito e sympathia nos meios commerciaes e na sociedade de Santos, para onde regressou ha dias do Rio, depois de ser por algum tempo hospede da terra carioca, em que é estimadissimo.



O Sr. Harold R. Murray.
vice presidente da C. Constructora de Santos

A mulher inspira-nos sempre o desejo de fazer obras bellas, porém tira-nos o tempo de fazel-as.

Oscar WILDE.

Pode-se definir o vicio: o sacrificio do futuro ao presente.

J. B. SAY.

Como havemos de pretender que um outro guarde o nosso segredo, si nós mesmos não o podemos guardar?

LA ROCHEFOUCAULD.

A vingança não apaga a offensa.

CALDERON.

APOLOGO

Havia um homem que era muito estimado na sua aldeia porque contava historias. Todas as manhãs sahia da aldeia e á tarde, quando voltava, todos os trabalhadores, depois de terem mourejado o dia todo, rodeavam-n'ò, dizendo:

— Conta-nos, vamos! Que é que viste hoje?

— Vi no bosque um fauno a tocar flauta e um côro de faunosinhos a bailar em volta...

— Continúa, continúa... Que viste mais? inquiriam os homens.

— Ao chegar á beira-mar vi tres sereias, á borda das ondas, a pentear com um pente de ouro os seus cabellos verdes...

E os homens o amavam porque elle contava historias.

Uma manhã sahio, como todas as manhãs,

da sua aldeia; mas ao chegar á beira-mar, eis que vê tres sereias á borda das ondas, penteando com um pente de ouro os seus cabellos verdes. E, continuando o seu passeio, viu, ao chegar ao bosque, um fauno a tocar flauta e um côro de faunosinhos a bailar em volta... E naquella noite, quando voltou á aldeia e lhe pediram, como todas as noites:

— Conta-nos, vamos! Que viste hoje?

— Não vi nada! respondeu, — Oscar WILDE

INFLUENCIAS

— O destino de uma mulher, depen-
de muito do seu meio...

— E das suas meias!





O MOBILIARIO ELEGANTE

Um salão de bibliotheca em que o menor detalhe trõe um apurado gôsto artistico.

SONETO DE ARVERS

Tenho um segredo n'alma e um mysterio na vida:
este infinito amor nascido sem pensar...
Ella nunca entreviu esta febre contida,
pois, sendo o mal sem cura, achei melhor calar.

E, ignorado, andarei na minha obscura lida,
sempre a seu lado e sempre a sós, com o meu penar,
calcando, até morrer, esta paixão prohibida,
sem d'Ella nada obter, sem nada lhe implorar.

Ella, entretanto, absorta, irá no seu caminho,
sem ouvir murmurar, em derredor, baixinho,
este arrulho de amor, que a segue aonde Ella vá.

Fiel ao rude dever, erguendo a fronte bella,
dirá, depois de ler meus versos cheios d'Ella:
"Que mulher será essa?"... e não comprehenderá!

JOSÉ OITICICA

POESIA

Noite de Natal

LUIZ LAMEGO

*Que solidão em torno a mim! Dir-se-ia
que, no seio da sombra triste e incerta,
detêm-se a vida, sob a noite fria,
da terra inculca à abobada deserta.*

*Scismo... Que noite linda! Emfim, liberta,
volta ao passado a minha phantasia.
O' velha noite de Natal! Desperta
a saudade, e me punge, e me crucia...*

*Papae Noel, meu tremulo velhinho!
Quando passares por aqui, na estrada,
detêm-te um pouco à beira do caminho,*

*e, com a tua graça eterna e extranha,
deixa para minh'alma torturada
um pouco da illusão que te acompanha!*

25 — Dezembro — 1922.

SILVERIO ROSAS

A Apostrophe

*Ixion distende os musculos. A usura
da terra hostil as fôrças lhe consome ;
e, escravo dos anceios de fartura,
urge que a terra, como a um pôtro, dome!*

*Resignado à infinita desventura,
luta e, quando sacia a sêde e a fome,
á agua que bebe as lagrimas mixtura,
e o suor amargurado ao pão que come.*

*E, condemnado à millenar empreza,
o homem, fraco, invectiva a Natureza,
como o servo acurvado à gleba ardente :*

*— Porque me impões tão asperas refregas
e, sómente domada, o seio entregas,
si as mãos são boas espontaneamente?*

CHOPIN, O POETA DA MUSICA



FREDERICO Chopin nasceu a 22 de fevereiro de 1810, em Zelazowa-Wola, perto de Varsovia. O seu paé, de origem lorena, era preceptor do filho unico da condessa Skarbeck.

A sua mãe, Justina Krzyzanovska, era polaca.

Menino prodigio, Chopin dava concertos aos oito annos; aos dezeseite realizou a sua primeira excursão pela Europa e em novembro de 1831 deixou Varsovia para nunca mais voltar.

Chegou a Paris e soffreu a desillusão que a todo artista causa a vulgaridade cosmopolita do *boulevard*. Mas não tardou em conhecer e amar ao Paris verdadeiro e um tanto hermetico das aristocracias: aristocracia do talento, aristocracia do sangue e aristocracia do dinheiro.

Chopin havia ganhado uma pequena fortuna durante as suas viagens, entre 1827 e 1831: isso permittiu que elle se installasse em Paris com um certo ruido. Vestia com gosto e cuidado apurados. Ornava os dedos com aneis antigos e preciosos e calçava, sempre que sahia á rua, luvas brancas impeccaveis. As suas capas, as suas bengalas, as suas gravatas eram copiadas pelos devotos daquella romantica elegancia do tempo, que tão bem quadrava com o typo delicado e com o character sonhador de Chopin.

Desse modo aquelle artista, que ao talento reunia a juventude dos seus vinte e um annos, uma grande belleza physica e uma insuperavel distincção, viu abrirem-se para o receber com toda a honra as portas dos salões menos accessiveis dos *jaubourgs* Saint-Germain e Saint-Honoré. Pouco depois de chegar era já Chopin o homem da moda em Paris; e assim começou para o grande musico aquelle caminho triumphal que devia ser de perfeita ventura e que, por obra da fatalidade, foi de implacavel soffrimento até á morte...

Frederico Chopin, que inspirava paixões avassaladoras ás mulheres mais bellas e queridas do Paris de então; Frederico Chopin, a quem as suas admiradoras recebiam em salões cujos tapetes haviam sido préviamente

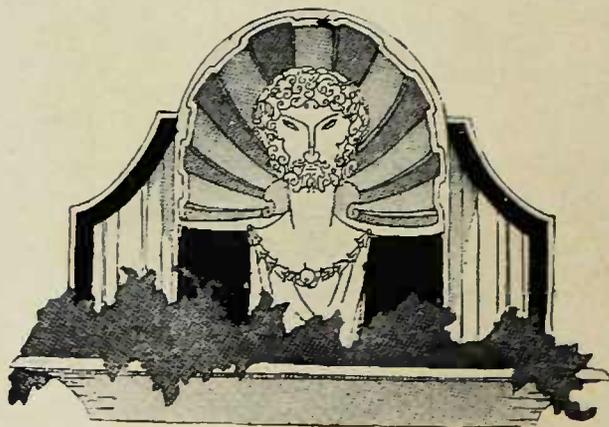
cobertos de petalas de rosas; Frederico Chopin amou com uma paixão desgraçada a uma mulher que nunca quiz ser sua. Maria Wodzinska, a polaca dominada pelo atavismo barbaro de um espirito de casta, desdenhou sempre o artista a quem só via quando este tocava. E sobre essa funesta influencia exercida á distancia, pela Mãe Patria; sobre essa recordação inesquecivel — um maço de cartas de Maria Wodzinska achado entre os papeis de Chopin depois da sua morte — escreveu o «poeta da musica» o seguinte epitaphio que o era da sua vida sentimental: *Moia breda!* Minha desdita!

Buscando esquecimento para esse mal de amor, Chopin teve amores breves, entre os quaes sobresahiram as suas relações com a condessa de Agoult e com Joanna Stirling. Mais tarde ali por 1838, começou a sua lamentavel ligação com George Sand: uma convivencia sem ternuras e sem comprehensão mutuas, que durou dez annos pela força do habito e que acabou em 1847, quando o maravilhoso pianista, vencido pela tísica da larynge, já não era mais do que uma ruina.

Os dois ultimos annos de sua vida foram de infinita amargura. A 17 de outubro de 1849, ao cahir da tarde, Chopin sentiu-se morrer. Comprehendendo que não veria luzir o sol do dia seguinte, quiz expirar entre as suas devoções de arte e os seus affectos humanos. Fez chamar as suas amigas e as suas amantes. As amigas vieram. As amantes, não.

Acompanharam o moribundo, naquella noite, a princeza Potoka, a princeza Marceline de Vienne, a princeza Czartoriska, madame Solange Cle-singer e Gutman, o seu discipulo predilecto.

Antes do alvorecer Chopin pediu á princeza Potoka que lhe cantasse o «Psalmo» de Stradella. A princeza, diante do pianno, cantou, a reprimir os soluços. As outras senhoras choravam tambem, de joelhos, reclinadas sobre o leito. Quando a vóz da princeza Potoka se extinguiu com a ultima nota do «Psalmo», Chopin havia morrido...





O MADRIGAL

— Elle começou dizendo-me que, sendo eu uma "gemma", não devia chamar-me "Clara"...

Não procura indagar de onde vens;
trata de ver aonde vais.

BEAUMARCHAIS.

—o—

O que merece ser feito, merece ser
bem feito.

POUSSIN.

—o—

O homem que tem o tempo diante de
si é um deus.

BATAILLE.

As travessias arrojadas

Alain Gerbault, o temerário sportsman que realizou a travessia do Atlântico, sózinho, a bordo de uma balandra de 10 metros.

E' uma questão importante a de saber si a civilização não enfraquece nos homens a coragem ao mesmo tempo que a ferocidade. Mas os homens civilizados affectam a coragem pelo respeito humano e fazem assim uma virtude artificial mais bella talvez do que a natural.

Anatole FRANCE.



O ARTISTA

Tu, artista revél, na tortura inaudita
Desse tédio immortal, sonhador delirante,
Vives; e em torno a ti, em espasmos, se agita
A humanidade, — tórva e barbara bacchante!

Para a tua alma, a Vida inclemente e maldita
É um inferno maior do que o inferno de Dante!
E o Mundo não comprehende essa angustia infinita;
E ha Alguem que não sente esse amor crepitante!

Soffres. Choras. Por fim, ás alturas elevas
Os braços, na afflicção das titanicas luctas,
E tombas, no amargor de um sudario de trevas!

As tuas ansias, quem chegará a entendel-as?
— O' grande soffredor, ó poeta, as pedras brutas
Não podem comprehender o sonho das estrellas...



- SEMEADOR -

Eu, sementeiro, semeio a messe imensa
sem perceber ao menos quanto valho,
indiferente ao que me não pertença
pelo esforço feliz do meu trabalho.

Campos em flôr cultivo, ao sol espalho
as sementes sem vêr a recompensa;
pobre — em meu seio tepido, agasalho
para o fausto da Vida — a indiferença.

Mas a minha alma dorme satisfeita
si as espigas promettem farta messe
para o divino instante da colheita;

porque, sonhando á luz dos pyrâmpas,
feliz, estendo o olhar que se entenece
sobre o verde milagre dos meus campos.

Francisco Galvão

COMPANHIA CONSTRUCTORA DE SANTOS

ENGENHEIROS, ARCHITECTOS E CONSTRUCTORES



THEATRO E CASINO PARQUE BALNEARIO
Construção da Companhia Constructora de Santos

Capital — 3.000:000\$000

Fundo de reserva — 300:000\$000

.....

Officina de Serraria, Carpintaria, Mechanica, Fundição
e Britador.

.....

Grande fabrica de ladrilhos e manilhas
de cimento.

.....

Secção de Transporte

.....

Especialistas em construções de habitações de luxo
e economicas.

.....

Construções em cimento armado

.....

Organisam plantas, projectos e orçamentos

SÉDE:

Praça Mauá, 25 - SANTOS

ESTADO DE S. PAULO

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 222

.....

FILIAES:

Em S. Paulo - Rua Bôa Vista, 6

End. Teleg. "CONSTRUCTO" — Caixa Postal 1264

TELEPH. CENTRAL 4381

.....

No Rio de Janeiro

Avenida Rio Branco, 35-A

Endereço Telegraphico "CONSTRUCTO"

CAIXA POSTAL 607

TELEPHONE NORTE 675



— QUEBRANTO —



ÃO tem talvez, sentenciou a *dona*, depois de olhar o doentinho; o que esta creatura de Deus tem é que branto. Neste mundo não falta nunca um *capeta* para *atentar* a vida de uma gente.

A cabocla, que já estava toda se derretendo no *prant* do *chôro*, vendo que o seu «quero bem» perrengava sem geito, concordou com a *dona* e contou entre lágrimas que, para o pequeno ficar daquella moda, só mesmo coisa feita.

Ia crescendo, com a graça de Deus, bôzinho devéras e puxando bem o seu angú. Estava creando corpo, rodava a casa toda, enfim, para encurtar palavra, o pequeno era mesmo «caboclo sarado».

Quando no arraial andou a tosse comprida que foi um disparate, o damnado do menino não teve nada. Brincava no brejo, quando o sol estava de queimar como labarela, e nunca apanhou uma febre, e até parecia que nem a sezão brava da beirada do rio, na baixada das aguas, podia com elle.

De um par de dias para cá, pegou a ficar assim só no canto, tremendo com uns arrepios como no tempo de geada, em que o frio urra numa toada; perdeu o «appetite de comer» e achava tudo enjoado.

Catarrhão não era.

Levou o pequeno a *seu* Chico boticario, que mandou dar azeitinho.

Foi uma campanha! O menino berrou como um marruá, que não queria beber essa «porqueira», mas, afinal, tanto engambellou, que el'e virou uma golada.

Qual! ficou assim mesmo, todo encorujado na cama e com uma canseira nos peitos como a *dona* estava vendo.

Voltou na botica, e *seu* Chico disse que não era nada e achou que o *gumitorio* cortava o mal de uma vez. Não vê!

— E o coitadinho de Deus está ahí desse modo, que é de cortar o coiração, terminou a cabocla muito agoniada, limpando os olhos na ponta do paletó.

— Seu menino não andava por ahí *escapriando*? perguntou a *dona*, que era já velhota, mascadeira de fumo, e muito sabida em «coisas feitas».

— Andava, «nhora» sim, respondeu a mãe do doente.

— Pois está ahí! elle apanhou quebranto... Algum *maligno* olhou para elle, e o pobresinho está agora pensando... Tem máo olhado, ora si tem!

— E a *dona* sabe tirar? perguntou a cabocla.

— Saber eu sei, mas aqui mesmo no arraial tem uma mestra disso.

— Quem é, inda que mal pergunte?

— A *siá* Quiteria do Benedicto, aquella que mora no caminho do *munho*, assim um tico mais p'ra riba.

E a *dona* offereceu-se para ir chamar a benzedeira, enquanto a cabocla ficava sentada ao pé do catre, onde o filho, caboclinho de seus quatro annos, gemia baixinho de barriga para o ar, devorado pelo febrão.

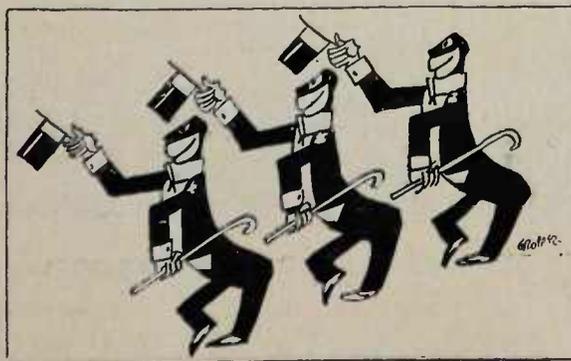
O pae andava pelejando na roça para ganhar seus cobres.

Com pouca duvida chegaram a *dona* e *siá* Quiteria, atabafada num chale, porque tambem não estava boa nem nada, com umas *suffocações* que não a deixavam dormir.

— 'Tou mesmo um caco, observou rindo, mostrando as gengivas murchas.

Entrou no quartinho do doente. *Siá* Quiteria olhou *fixe* para o pequeno, palpou-lhe a barriga que «estava que nem um tambor», e concordou que era *quebranto* e dos *brabos*.

— Mas olhe, disse dirigindo-se para a cabocla, não pegue a se arrelhar dessa moda; com a graça de Deus, o pequeno não escangoteia ainda desta vez... Eu tiro o que o maligno botou no corpo d'elle e fica fechado p'ra sempre.



A cabocla sorriu tristemente, esperançada da promessa da *dona*, que se mostrava tão serviçal.

Siá Quiteria desamarrou o lenço grande de ramagens e tirou de dentro tres raminhos de arruda; enfiou um delles num vidrinho de azeite doce, fazendo tres cruces sobre o doente, borrhifando-o e

rezando á meia voz. Jogou fóra os raminhos e, depois, muito grave, pediu um fogareiro.

A cabocla, muito espantada, disse que não tinha *isso*, mas a *dona* deu logo um pulo á casa e trouxe um com umas brazas muito vivas. Sobre ellas, *siá* Quiteria jogou benjoim, incenso e alfazema, saindo a defumar os quatro cantos do quarto para «botar para fóra o quebranto» e veiu depois defumar o doentinho, que gemeu mais alto, *ug'rizado* com a fumaça.

Aos estalidos das brazas, *siá* Quiteria rezando, sorriu contente e explicou que era a «por-queira que estava sain'lo.»

A *dona*, mãos juntas, sentada num tamborete, rezava tambem, acreditando que a «coisa feita» havia de acabar.

— Inda tenho de voltar dois dias, acrescentou a benzedeira. Veja lá: não carece você estar nessa paixão tola, o pequeno inda ha de pescar muita piaba lá no *corgo* quando mais grandinho. Bote isso no pescoço delle: é figa de Guiné e quero vêr qual é o inimigo que pode com ella.

Fez meação de se retirar; mas a cabocla, muito agradecida, quiz por força que ella tomasse um cafésinho coado de «agorinha mesmo».

— Eu fico obrigada, disse a benzedeira, *seje* para outra vez. Vá para perto do pequeno...

Ha de vêr que aquella canseira passa num *atimo*... Mas, foi um quebranto dos diabos p'ra riba!

— Eu bem falei, atalhou a *dona*, que nunca falta *capeta* neste mundo para *attentar* uma gente.

— Até amanhã! Ponha seu «coiração» no quieto, e que, com a vontade de Deus, não ha de *assucceder* nada de mal ao pequeno.

Sairam as duas velhas da casa de sapé do caboclo.

O arraial modorrava ao sol de duas horas; nas ruas a criação ciscava, e nas arvores cantavam os passarinhos, fugindo ao rigor da calma.

— Então, o pequeno como vac? perguntou o Nico, lá de dentro da tenda do sapateiro, á *s'á* Quiteria.

— Assim... E' quebranto *brab*! respondeu a velha.

O Nico sorriu descrente, achando uma bobagem; e para elle não tinha que vêr — o menino estava carecendo de tomar «lombrigueiro».

No quartinho, o enfermo agonizava lentamente: presa numa fitasinha encarnada, sobre o peito descarnado, já se ostentava a figa que *siá* Quiteria havia dado.

Azevedo JUNIOR



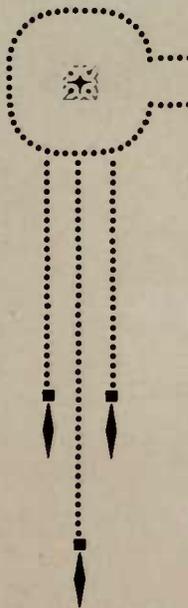
OS PARQUES MODERNOS

Um lindo recanto de parque silencioso e tranquillo onde uma plantação de peonias, surgindo no mysterio das moitas, parece um cortejo alacre em saudação á Primavera



ASPECTOS DO PAIZ

Uma vista da praia José Menino, em Santos, tomada de um avião



AO CAVALLEIRO DO RAI0...

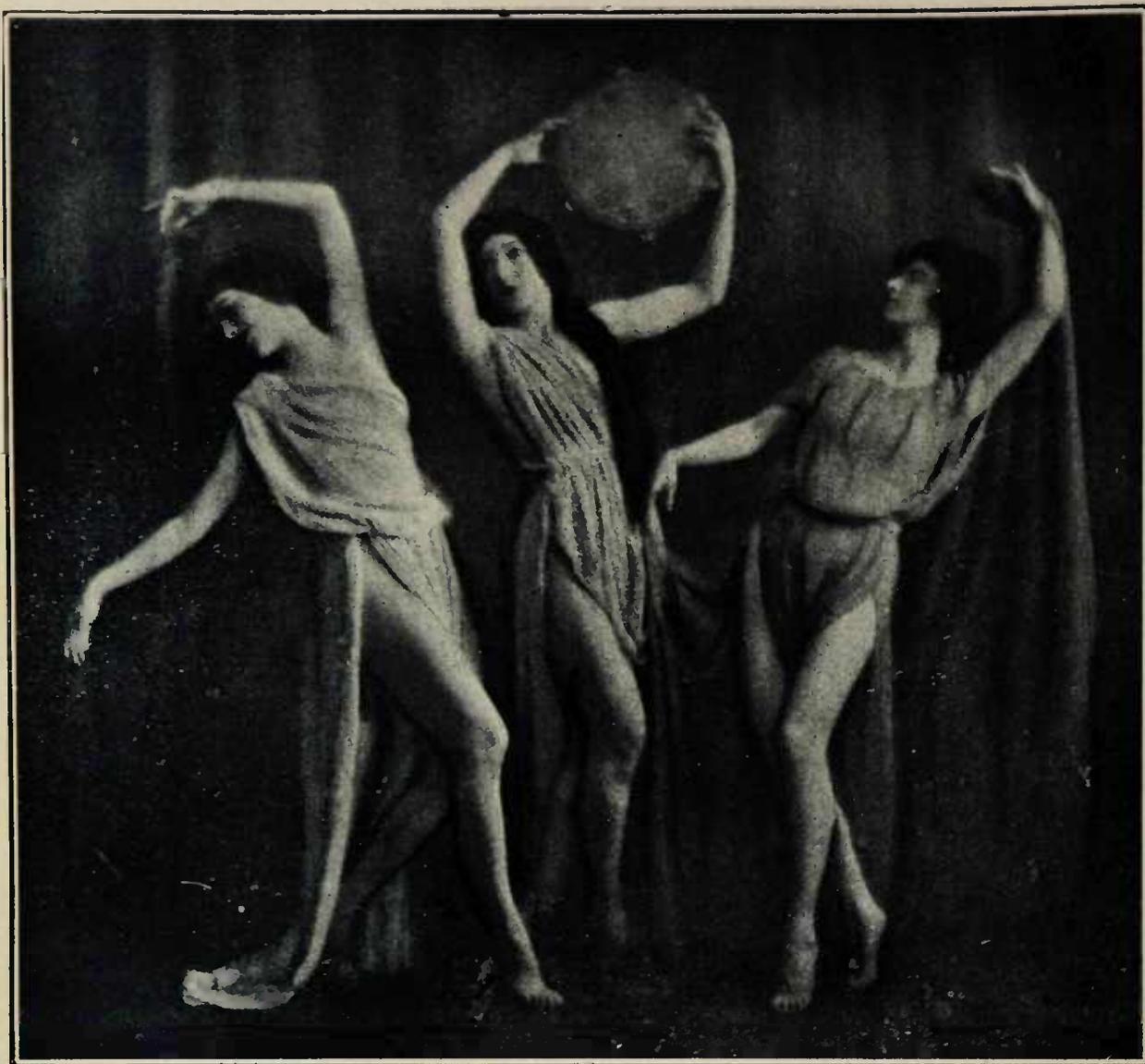
**Oh! Desfralda o pendão, senhor dos ventos!
Brande os frankiskes! Rufa os atambores!
E, mergulhado entre bulcões e açores,
derriba os grossos muros dos conventos!**

**Racha albarrans! Nos feudos eversores
dos mais rudos caudilhos trueulentos,
desaba a voz dos quatro firmamentos,
— derrúe todas as crastas e pendores!**

**Leva as aldeias e os carvalhos, tudo
que puderes, no arranco, levantar
sobre a concha terrível desse escudo!**

**Leva! E, ao sumir das trompas, ao calar
dos teus guerreiros no Infinito mudo,
planta o balzão do arco-iris sobre o mar!**

PADUA DE ALMEIDA



ESTUDOS DE RYTHMO

“A dança”, pose das dansarinas Marion Morgan.

.. A VERDADEIRA VIDA ..

NÃO sabemos compreender que em toda existencia ha alegria e dor e que ambas são necessarias á harmonia universal e á formação de almas. A felicidade — que imaginamos em nosso sonho de vida superior — nunca é completa, e mesmo que a possuissemos, breve nos fatigariamos della, porque, segundo um profundo pensamento de Maurice Barrès, ha uma cousa superior á belleza: é a variedade. No dia em que ninguem mais acceitar o seu destino, o mundo saltará. Mesmo pobre e abandonado, ninguem deve desesperar, porque não ha desgraça completa e definitiva, como não felicidade absoluta. Tudo se entrelaça, tudo se attenúa, e a vida não é nem tão boa nem tão má como julgamos.

Todos os livros modernos cuja psychologia pretende denunciar o mal do pensamento e a nossa dolorosa impos-

sibilidade de amar e de querer esquecem-se demasiado das dores materiaes da existencia. Ha sem duvida pezares vagos e complicados cuja elegancia e distincção arrebatam os jovens que andam em busca de sensações raras e as lindas senhoras avidas de emoções refinadas; mas que são elles em face das tremendas miserias da inquieta humanidade a procurar a luz entre as trévas invasoras e a lutar, pela sua incerta durabilidade, contra a pobreza, o abandono e a enfermidade? A verdadeira vida não é a vida artificial e vã dos fantoches psychologicos que limitam o universo ao estudos dos seus pequeninos tedios íntimos e derramam, sobre a multidão de desgraçados que elles desdenham, a sua piedade de dilettantes.

Henry BORDEAUX



PSYCHOLOGIA DO ARABE



CONTRA a crença geral Reniero Dozy, em *Historia dos Musulmanos da Hespanha*, nega a imaginação dos arabes». O seu sangue, diz elle, é mais impetuoso e fêrvido do que o nosso, são mais fogosas as suas paixões, mas elles formam o povo menos imaginativo do mundo.»

E acrescenta que em religião não tiveram mythologia, nem epopeia em litteratura.

A sua religião é «a mais simples e a mais isenta de mysterios». Os poetas «descrevem o que vêem e sentem, porém nada inventam.»

Os contos fantasticos das Mil e uma noites são de origem persa e índia. Só têm de arabe o real, o costume e a anecdota.

O primeiro olhar do viajante encheu-se de luz e de côr. E pensou erroneamente que se achava diante do povo mais imaginativo do mundo.

Depois, no entanto, meditou sobre essas palavras de Dozy e achou-as verdadeiras. O sol provoca a sensualidade, o «colorismo», a religião apaixonada. O homem dos paizes brumosos é mais imaginativo e a sua religião tem um mysticismo delicado.

Dahi o ter o gelado paiz escandinavo creado a potente mythologia dos Eddas e o não possuir a Arabia de sol causticante nem rudimentos de mythologia.

Talvez haja casos particulares que constituam excepção, apesar de não ser possível a existencia de uma palmeira nos gelos do Norte, ou de um iceberg sob o sol do Sahara.

A raça arabe é antes contemplativa. Os mouros fumam durante horas inteiras os seus enormes cachimbos de kif, em que ha arabescos lavrados, e ficam-se a contemplar as volutas aromaticas. Admiram silenciosamente uma bella paizagem. Olham a rua vistosa acocorados, arrimados a uma parede.

Ao vel-os assim, imaginar-se-ia que elles estão a meditar ou a imaginar; no entanto elles estão apenas em lethargo. A visão e a idéa não lhes passa dos olhos adormecidos.

O kif, o hachish, o opio, excitam a imaginação do europeu, enchem-lhe o cerebro de imagens de fantasia. A um arabe só causam somno.

Imaginação parece o synonymo de evolução. A raça arabe não evolue. Ao contrario,

veio decahindo desde o Califado de Cordova, fastigio da sua perfeição e -espiritualidade. Daquella maravilhosa civilização só conserva o orgulho da procedencia. Muitos mouros de Tetuan conservam com amor, secretamente, as chaves da casa de Cordova ou de Granada.

O viajante a principio é deslumbrado e confundido pela côr do ambiente, pela sensualidade do costume, pelo fanatismo de uma religião exterior.

Pareceria que o arabe desenvolveu as suas demais qualidades para occultar a sua falta de essencia imaginativa.

Si essa raça tivesse imaginação seria a mais perfeita e a mais poderosa do mundo.

A ancía guerreíra, o seu maior atavismo, desaparece com a civilização. A guerra se converte em uma imposição de cultura e de commercio. Na retaguarda do imperialismo inglez ou allemão vão os navios mercantes e os professores.

Essa raça tem, como nenhuma outra, em alto gráu, o sentido da arte, o epicurismo para a vida, uma simples e ardente fé.

Em qualquer outra o artista, o sybarita, o religioso, são casos isolados, homens predilectos.

Os mais toscos artifices bordam primorosamente com fios de ouro e de prata; pintam com muito bom gosto um *taifor*, estampam delicadamente uma carteira de couro, a encadernação de um livro; tecem luxuosos tapetes, luminosas sedas de côres.

Mas reproduzem continuamente um archetipo, um modelo.

Talvez o Propheta lhes houvesse prohibido a reprodução da figura humana, não tanto para evitar a idolatria, mas por haver notado ausencia de imaginação na sua raça.

Por esse motivo o artifice mouro — carpinteiro, ferreiro, tecelão, — reduziu o ornato das suas obras a motivos geometricos.

O proprio architecto nada imaginou. Dahi a uniformidade da cidade. O constructor faz



os pavimentos com marmores brancos e negros axadrezados ou com miudos mosaicos de côres; põe ladrilhos ás escadinhas que vão de uma a outra habitação, nos vãos das janellas e das portas, nas columnas; estuca os tetos com versículos do Korão; o carpinteiro, por sua vez, construirá os seus labores pintados, as portas em fôrma de ferradura, e sempre 'do mesmo modo.

Os themes da arte mourisca se reduzem, portanto, a complicadas geometrias de cores. A geometria artistica alcança entre os arabes um intenso desenvolvimeto. Seria interessante, dado o seu instincto congenito, imaginar até onde chegaria a arte do arabe sem a coacção religiosa. Seria uma apothose de côr, embora reproduzisse a vida tal qual é.

O arabe, diziamos, é tambem um sybarita.

Gosta de cavallos esbeltos, de mulheres formosas, de jardins, de côres, de musicas de sumptuosidades, mas exclue do prazer toda idealidade.

O europeu intensifica o prazer pela imaginação. O arabe busca a imaginação pelos grandes e numerosos prazeres, isto é, extráe uma gotta de essencia de uma braçada de rosas.

Ama a vida com epicurismo, como si nada esperasse do Além, depois da morte. O jardim é o Paraíso que lhes promete um continuado prazer exaltado e infavel.

E não é somente o homem da cidade que se rodeia de magnificencias, mas até o mais rude montanhez.

E' na minucia, no detalhe, que se vê a fina sensualidade dessa raça.

Mesmo no café mais immundo ha sobre as sujas mesas de madeira um grande ramo de flores. De vez em quando acerca-se delle, para aspirar-lhe o perfume, algum mouro miseravel.

Nesses cafés os mouros montanhezes passam horas a combinar simples harmonias com as duas cordas do *guembri*. Si elles tivessem imaginação, não lhes bastariam duas cordas para desenvolver a sua fantasia musical.

A' excepção do mendigo que estende a mão ou o prato de cobre, vestido com andrajos, que é igual em todos os paizes, o mouro mais humilde da cidade veste com cuidado e limpeza trajes de côres claras. E melhor resaltarà o seu sybaritismo, a sua sensualidade no vestir, si o compararmos a outra raça isolada no seu bairro, os hebreus, que vestem uns raros e tetricos balandrás cheios de manchas de oleo e de cera.

A sua religião, diz muito tem Dozy, «é o mais simples e isenta de mysterios.»

E por isso o Korão é menos um livro de regras espirituacs do que um livro de normas de proceder na vida.

Assim, por exemplo, exige o Korão: «O' crentes, quando tiverdes de fazer a oração, livae o rosto, e as mãos até aos cotovellos; enxugae a cabeça, e os pés até aos tornozellos.»

No enorme territorio islamico ha dilatadas regiões sem rio, nem poço, nem manancial. O Propheta previu este facto, ordenando que si os beduinos não tivessem agua, poderiam esfregar o rosto e as mãos «com areia fina e pura.»

A unica promessa que se faz aos que cumprem esses mandamentos é o Paraíso, um jardim «irrigado por muitos correjos» e em que ha «virgens de olhos honestos».

Para o christão e o buddhista ha um Além illimitado e innumeravel que não se chega a descrever:

O beduino devia ser o homem mais religioso dessa raça, porque para elle, symbolo da solidade, um regato ou uma virgem seriam a felicidade completa.

E no entanto é o mais sceptico.

O arabe sedentario, mesmo que possa conseguir na vila o prazer prometido, refugia-se no mysticismo para augmentar a mollicia. Tive occasião de ver esta cidade no Ramadan, o mez do jejum e da abstinencia.

E observei o rigor com que se guardavam os preceitos propheticos.

Durante o mez de Ramadan, o arabe jejúa todo o dia e sómente pôde comer entre o occaso e a aurora.

O homem um pouco descrente admira essa constancia na fé.

E pensa em si a civilização não enfraqueceria essa fanatica e ardente fé. Porque os mouros que estiveram em Paris ou em Madrid já não guardam com tanto rigor o Ramadan.

Si o arabe tivesse sobre essas qualidades a imaginação e perdesse o seu instincto de feroz individualidade, seria a raça mais poderosa e perfeita.

Correa - CALDERON

Tctuan (Marrocos).



A MULHER IDEAL

UM proprietário inglês recém-fallecido, a quem sobrava dinheiro e faltavam parentes dignos de atenção, deixou em seu testamento uma boa parte da sua fortuna destinada à instituição de um premio, muito importante e pouco vulgar, que será concedido, annualmente, à «mulher ideal».

Si no legado não se especificassem mais condições que esta, a missão das pessoas encarregadas de outorgar o premio não seria extremamente difficil; porém o instituidor do premio, solteiro empedernido, tinha, desgraçadamente, suas ideas sobre o que se pode chamar uma «mulher ideal...»

E assim estabeleceu no testamento a serie de qualidades que devem reunir as candidatas, qualidades estas que difficultam de uma maneira terrivel a administração do legado e que são as seguintes:

«A mulher ideal deve:

Ter menos de 30 annos.

Não ser casada.

Não ser filha de primos irmãos.

Ser alegre.

Saber montar a cavallo.

Saber nadar.

Ser capaz de ter filhos sãos e de tratel-os convenientemente.

Conhecer Historia.

Saber Geographia.

Possuir noções de Anatomia e Physiolog'a.

Conhecer a fundo a economia domestica.

Haver lido e comprehendido a obra de Shakespeare.

Ser leitora assidua do «Quixote» e das novelas de Dickens.

Conhecer a obra litteraria de sir Walter Scott, de Kipling e de Stevenson.

Não ignorar Carlyle nem o Americano Walt Whitman, nem o escossez Roberto Burns.

Haver lido a «Feira da Vaidade», de Thackeray e os «Prazeres da Vida», de Lubbock.

Haver estudado e saber commentar a Biblia.»

Como vêm, a esta mulher ideal, a quem se supõe preparada para ser tambem esposa ideal, pois que se lhe exige capacidade para ter filhos e tratel-os convenientemente, pedem-se muitas cousas que de modo nenhum podem contribuir para fazer a felicidade do marido e algumas que seguramente fariam a sua desgraça.

O premio ora instituido, em Londres, para a «mulher ideal» seria cousa admiravel e digna de ser imitada em todos os paizes, se fosse um premio sem condições, ou ao menos com as condições que propõe mestre de La Fouchardière:

«... será considerada mulher ideal a que for capaz de offerecer a seu marido um bom beijo para despedil o pela manhã, e uma boa ceia para recebê-lo á noite.»

A. G. de LINHARES

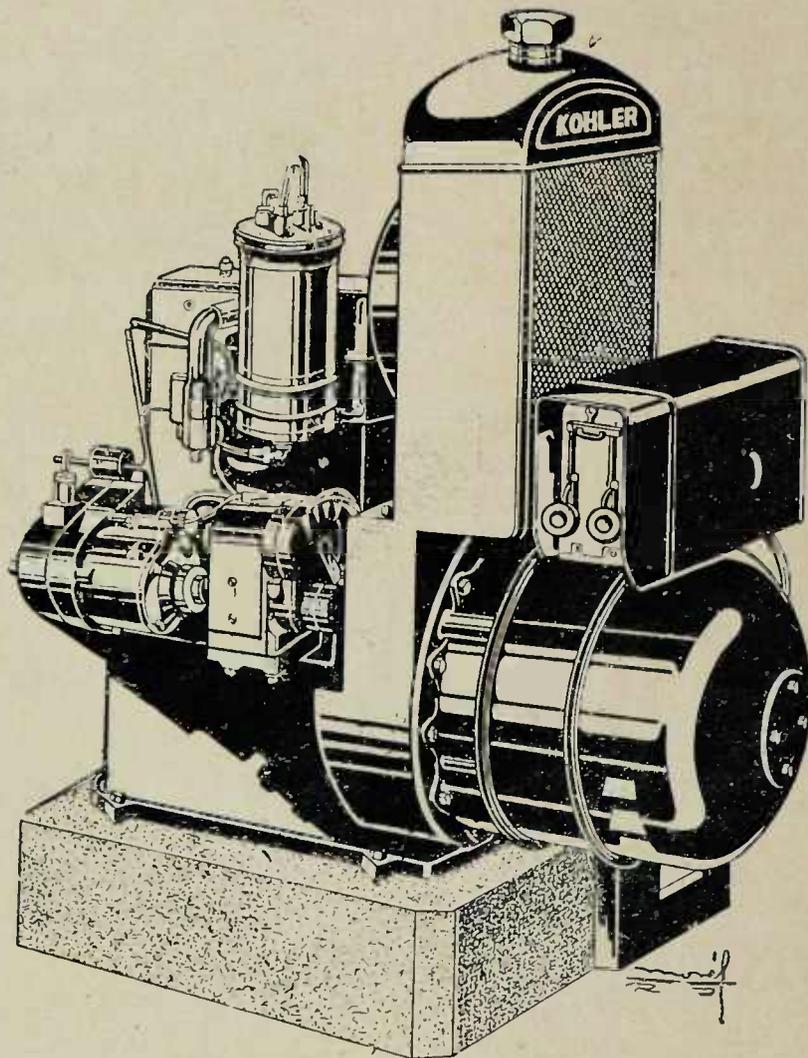
Tres «raparigas ideaes» premiadas por um grande diario de Paris, sem mais condições que serem bellas e boas... Porque estas «raparigas ideaes» não conhecem Historia nem comprehendem Shakespeare.



GRUPOS KOHLER

FABRICADOS PELA Co. U. S. A.

Para iluminação electrica de:
FAZENDAS — ESTAÇÕES — ESTRADAS DE FERRO — NAVIOS
DE GUERRA — MERCANTES — ETC.



Verifiquem as grandes vantagens que seguem, sobre os seus similares:

- 1ª) — Não têm bateria de acumuladores.
- 2ª) — São de 110 volts. 1500 watts.
- 3ª) — De partida e parada inteiramente automaticas, bastando para isso accender ou apagar qualquer lampada da installação.
- 4ª) — Economia incomparavel de combustivel.
- 5ª) — Espaço occupado, o minimo possivel.

AGENTES E DEPOSITARIOS:

MAYRINK VEIGA & C.

Engenheiros Importadores e Exportadores

15, 17 — Rua Municipal — 19, 21

RIO DE JANEIRO

Peçam informações mais detalhadas

O CATECISMO

(FRAGMENTO)



TURBA juvenil dos alumnos de catecismo era recrutada, de casa em casa, por devotas diligentes que, á frente do batalhão de futuros soldados do Senhor (e quantos desertores!) se dirigiam á igreja com um aprumo de caudilhos, a balouçarem sobre o peito murcho a sua insignia pendente de uma fita roxa enlaçada ao pescoço.

Á hora do termo das aulas dos collegios leigos, ellas saham a arrebanhar os pequenos legionarios, num trabalho fatigante, serviçaes para com Deus, com os sacerdotes e com os paes dos catechumenos. Era a hora em que as crianças, pela prolongada reclusão numa sala de escola, ás voltas com estudos complicados e muitas vezes fastidiosos, fizeram jus a uma liberdade plena, ao ar livre, nas tardes lindas da nossa terra, onde pudessem dar expansão á sua alegria natural, como os passaros a que basta espaço e um raio de sol para que desfiem das minusculas gargantas o rosario dos seus gorgeios dionysiacos.

É conhecida a alacridade com que as crianças deixam a escola, disseminando-se ruidosamente pelas ruas, depois das horas de circumspecção impostas pelo estudo. Cantam, com o seu riso franco, o epinio da liberdade reconquistada, o hymno espontaneo que rompe de mil peitos incendiados por um sangue novo, e que rola por mil boccas soffregas de vida, a *marselheza* que os impelle ao assalto das arvores, na conquista dos frutos tão amados...

Mas vinha a senhora do catecismo e consumava-se o esbulho. Largava-se ás pressas sobre a mesa o livro de leitura, engulia-se rapidamente uma merenda; e, tomando do *Catecismo da Doutrina Christã*, o recruta confundia-se no grupo que, impaciente, o esperava á porta. Adeus, jardins e arvores, e areias das praias! O bando rompia, a deis de fundo, num marche-

marche descontrado, com paradas bruscas para se resolver uma questão entre dois meninos que se disputavam o lado de fóra da calçada ou para esperar o fedelho tresmalhado que lá ficára, á esquina, a amarrar os cordões do sapato...

E a caminhada proseguia. Adiante, raziase de novo alto em frente de outra casa de aspecto rebarbativo. Batiam-se palmas. Uma criada negra assomava ao flanco do predio, limpando as mãos ao avental, espiava estupidamente, interdicta; depois eclipsava-se. Decorriam minutos. E de subito, abrindo uma porta com estrondo, sahia da casa feia e carrancuda, como um lepidoptero da crysalida, uma menina graciosa, com os cabellos cacheados, um laço petulante pousado sobre a cabeça como uma grande borboleta rubra. E vinha, sorridente, no curioso e bamboleante passo infantil, que choca um contra o outro os joelhos; descia como um passarinho, saltitante, os degraus da varanda, empunhando o seu catecismo encardido; e misturava-se no grupo, acolhida entre murmurios e afagos.

O bando engrossava sempre. Faziam-se voltas estafantes pelo centro da cidade, contornavam-se os longos quarteirões, em marchas e contra-marchas interminaveis. De caminho, as crianças contendiam por um objecto achado nas calçadas, uma *figura* de carteira de cigarros, uma ponta de lapis ou qualquer fragmento de metal. Á porta dos armazens apanhavam-se mancheias de grãos de milho que eram roidos por desfastio. *Mexia-se* com os cachorros nos portões, para provocar alarido. Subitamente, nova parada, novo companheiro para as fileiras. Até que se chegava ao poial do templo. Entrava-se. O contraste da penumbra com a luz de fóra desgostava um pouco. Mas os aspirantes á gloria celeste eram distribuidos promiscuamente pelos bancos, no meio de uma confusão bastante ruidosa para ser uma irreverencia...

Para quem olhasse de longe



e do alto, a nave cheia do bando alacre de crianças vestidas de côres variadas e com as suas cabecinhas inquietas tinha o aspecto de um theatrinho infantil. E imaginava-se que os deuses no altar mór, como num palco, iam representar qualquer farça bem-humorada aos seus pequeninos espectadores.

No triste scenario do templo a criança jovial fica deslocada. E não cabe a alegria dos que vêm para a vida, cheios de entusiasmos, no ambiente funereo consagrado ás meditações sobre a Morte...

Apezar da severidade soturna da igreja, o pensamento infantil era levado irresistivelmente para fóra, para a cidade que se agitava ao sol como uma ave que arrufa as pennas e se delicia á luz acariciadora. Vinha á recordação dos reclusos a liberdade das creanças encontradas pelo caminho, a brincar despreocupadamente, livres da séca formidavel do catecismo, da beata e do padre melifluo. E um fastio immenso, que a companhia das outras crianças não era bastante para minorar, enchia a alma do catechumeno, forçado a supportar tres vezes na semana essas aulas sem sentido, a ouvir, diante de fileiras de santos immoveis como personagens de um mundo petrificado, a vóz dolente e mysteriosa de um sacerdote, interpretador litteral de symbolos ora suaves, ora terrificos, que se baralhavam e perdiam na universal incompreensão dos seus tenros ouvintes.

Oh! como exultavam quando, numa tarde de catecismo, ainda no collegio, viam formarem-se sobre a limpidez do céu grossos bulções que subiam pelo azul como uma cathedral que crescêsse milagrosamente! Passava-se um tempo. E de repente troava, longinqua e surda, a artilharia grossa precursora da violenta fusilaria das gottas d'agua. E ao soar das tres horas, sob um céu plumbeo e aterrador, sahiam da escola em fuga, como os habitantes de uma cidade ameaçada de invasão e dispersavam-se pelas ruas, entre nuvens de pó e com as vestes batidas pelas rajadas, rumo ás casas, esgueirando-se sob os beiraes, ao abrigo dos primeiros pingos grossos que precediam as bategas, como os batedores do liquido exercito.

Nessas tardes em que, até ao cahir da noite, o trovão rolava victoriosamente pelos céus subvertidos, secundado pela carga cerrada das chuvas fortes, não havia catecismo! E as

OS PRECURSORES DA TELEGRAPHIA

J

Á o mundo antigo havia procurado expedir mensagens mais rapidas do que pelo systema de portadores. Nas circumstancias importantes, accendiam-se á noite, sobre morros, de distancia em distancia, varias fogueiras para a transmissão de noticias. Empregando-se alguns archotes que ardiavam em maior ou menor tempo, chegava-se mesmo a compor phrases. O autor Polybio, que viveu mais ou menos em 150 antes de Christo, indica um systema engenhoso e complicado. Punha-se sobre morros vasos cylindricos exactamente iguaes, graduados, sendo que cada gráu correspondia a uma phrase a transmitir.

Esses vasos eram cheios dagua e ao primeiro signal dado por um archote, abria-se as torneiras. Quando o posto transmissor apagava o archote, o outro abria as torneiras e só restava ler a phrase transmittida — pela altura do nivel dagua.

Os gaulezes, para annunciarem de Orleans aos seus irmãos de Auvergne um massacre de romanos, collocaram homens de distancia em distancia. A noticia foi recebida no lugar de destino, de vóz em vóz, na mesma tarde. Foi esse o processo que se empregou de Saint-Germain a Paris para anunciar o nascimento de Luiz XIV.

O verdadeiro telegrapho por signaes, que permite transmittir rapidamente qualquer phrase, data de Chappe que, a 22 de março de 1792, expôz o seu systema á Convenção. Consistia tal systema em collocar sobre eminencias torres em cujo topo um mastro, munido de tres peças de madeira, podia dar cento e noventa e seis signaes differentes. Com esses apparatus, uma mensagem de Toulon a Paris (840 kilometros) gastava nada menos de ... quinze dias!

crianças podiam tranquillamente occupar-se, junto ás vidraças fustigadas pelo aguaceiro, dos seus ingenuos brincos — os castellos de armar, as bonecas esgrouviadas e estrabicas e o povo enorme das figuras de papel recortadas a tesoura, molles e retorcidas como numa dança epileptica...

S. F.



O 50.^o anniversario da machina de escrever

FIEL á memoria dos homens que crearam a sua prosperidade economica, a Norte-America celebrou ha pouco o 50.^o anniversario da entrada em circulaçào do primeiro modelo commercial da machina de escrever.

Sem duvida, muitos *brevets* de machinas de imprimir ou de transcrever successivamente as letras como na escripta haviam sido tomados por inventores antes da venda das primeiras *typ² writng machines* construidas em 1873 por Latham Sholes.

O primeiro em data foi o engenheiro inglez Henry Mill (1713), mas o seu aparelho ficou apenas em theoria. O americano William Burt, em 1829; o francez Xavier Projean, em 1833; o americano Thurber, e o francez Foucaud, em 1843; os americanos Eddy e Hughes, em 1850; Jones em 1852; Thomas, em 1854; Beach e John Cooper em 1856, todos construíram machinas de imprimir caracteres, mas nenhuma dellas podia pretender substituir praticamente a escripta corrente.

A *Francis Printing Machine*, primeira machina de teclado analogo ao do piano, data de 1857. A *House Typewriter*, de 1865, foi a primeira machina de cylindro movel. Deve-se mencionar ainda a *Peeler Writing and Printing Machine*, americana, de 1866; a *Pterotype John Pratt*, de 1868, e a *Pastor Hansen Schreilbkugel* espherica de 1872.

Realizando uma synthese feliz de todas essas tentativas, Christopher Latham Sholes tornou-se o verdadeiro creador de uma industria destinada a enriquecer a Norte-America, a transformar os methodos commerciaes, a fazer viver no mundo inteiro milhões de dactylographos e a revolucionar mais tarde a imprensa pela lino-
typo.

Os primeiros modelos de Sholes, brevetados em 1868 e construidos em 1873, acham-se no Smithsonian Institute de Washington. Uma photographia tirada em 1872 representa a filha do inventor assentada diante de um dos modelos por elle construidos. Sholes era natural da cidade de Ilion, no Estado de Nova-York. Miss Sholes, actualmente Mistress Charles L. Fortier, assistiu com o seu marido ás festas do 50.^o anniversario da machina de

escrever celebradas naquella cidade, em Setembro ultimo, sob os auspicios da *Herkimer County Historical Society*, que fez erigir um monumento a Christopher Latham Sholes na sua cidade natal.

Sob o ponto de vista economico, sinão sob o intellectual, a invençào da machina de escrever pôde ser comparada á invençào da imprensa.

Ha milhares e milhares de operarios empregados, no Antigo e no Novo Mundo, na construcção de machinas de escrever, cujas marcas conhecidas são mais de tresentas, conforme a lista dos *Typewriter Top cs*.

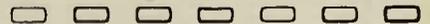
Calculado numa média de dez o numero de series lançadas por cada uma dessas 300 marcas, teremos cerca de 3.000 modelos existentes.

A maior parte das marcas afamadas se gaba de ter posto em circulaçào um milhão ou dois de machinas; de maneira que se pode calcular em mais de 100 milhões o numero de machinas de escrever actualmente existentes no mundo inteiro.

Quasi sempre o pessoal empregado na dactylographia é feminino. Pode-se pois imaginar que revoluçào nos costumes se effectuou; no curso dos últimos vinte annos, por motivo dessa absorpção crescente de mão de obra feminina pelas administrações publicas e privadas, pelo commercio, pelo banco, pela industria...

Cincoenta annos bastaram á machina de escrever e ás suas cognatas, a machina de calcular, a duplicadora, a linotypo, etc., para conquistarem o mundo. Como negar, diante de tal facto, a rapidez do progresso scientifico e industrial que subverte e subverterá cada vez mais as condições economicas e sociaes da vida?

M. P.



Todas as idéas elaras são verdadeiras.

De *scartes*



O destino de muito homem depende de haver ou não uma boa bibliotheca na casa paterna.

De *Amicis*



The Gourock Ropework Export Co., Ltd.

Fabricas : PORT GLASGOW, GREENOCK & LANARK - GRA-BRETANHA
ESTABELECIDA EM 1736

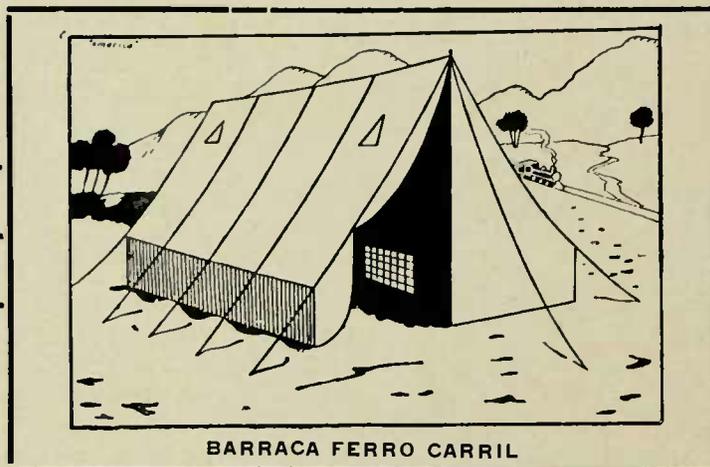
Escritorio: Rua 1.º Março, 119 - : - : - Deposito: Rua Acre, 41 - 45

Caixa do Correo 1081 **RIO DE JANEIRO** End. Electr. "GOUROCK"
TELEPHONE 2041 - NORTE — RIO —

Codigos : Bentley, A 1, Ribeiro, 5th. Edition A. B. C.

LONA IMPERMEAVEL "BIRKMYRE'S" ENCERADOS, BARRACAS, TOLDOS

Fabrica-se de todos os tamanhos com a maior presteza



BARRACA FERRO CARRIL

Cabos : ARAME DE AÇO, CAIRO, LINHO, MANILHA, FIO DE VELA,
REDES e ARTIGOS para PESCA

LONA DE LINHO,
LONA DE ALGODÃO,
LONA DE JUTA,
BRIM DE ALGODÃO,
BRIM DE LINHO.

Correntes de Ferro, Moitões e Cadernaes Galvanizados

Sapatilhos, Gatos Singelos e Dobrados, Ancoras, etc.

AS SURPREZAS DA SCIENCIA

O cinema não mais será mudo

O sabio americano Lee de Forest, inventor da lampada «audion», fez, depois de quatro annos de pesquisas, uma descoberta consideravel: a da photographia dos sons, graças á qual fica definitivamente resolvido o problema do «cinema falado». Neste artigo René Brocard expõe os resultados dos trabalhos de Lee de Forest.

MUITOS foram os que intentaram curar a Arte Muda da sua enfermidade. Léon Gaumont, tão grande sabio quanto grande industrial foi um delles e talvez o primeiro. Foi com effeito em dezembro de 1910 que elle fez apresentar á Academia de Sciencias, pelo professor d'Arsonval, um aparelho graças ao qual este pode escutar a sua propria comunicação á douta companhia, ao passo que na tela apparecia a sua imagem lendo essa comunicação.

Infelizmente o registro vocal ou musical por meio do phonographo mal se podia fazer ao mesmo tempo que a photographia da scena, não, como se poderia suppor, por causa do synchronismo a estabelecer (este synchronismo não apresenta aliás grandes difficuldades) mas porque o phonographo não podia ser collocado sufficientemente longe dos actores para livral-os de uma sujeição de que o seu jogo de scena fatalmente se resentiria: a de ficar muito perto da trompa, de exaggerar a dicção e a articulação da voz; em uma palavra, de representar para o phonographo.

Emfim, apezar dos aperfeiçoamentos reaes de que foi objecto, o phonographo ainda hoje não está isento de ruidos adventicios e principalmente o ruido provocado pelo attrito da agulha sobre o disco. Ora, o resultado é que, quanto mais se amplifica a sua audi-

ção — e essa amplificação é evidentemente muito grande quando se trata de fazer falar um film numa sala de espectaculos — tanto mais importancia tomam esses ruidos adventicios em relação aos sons musicaes.

*

Esses inconvenientes lançaram os pesquisadores noutra via: a da photographia dos sons e da sua reprodução por meio da pilha photo-electrica.

Infelizmente o processo photographico, apezar dos seus animadores resultados, não sahira ainda do laboratorio, quando recentemente de Forest, o celebre inventor do *audion*, apresentou ao publico o resultado das suas investigações.

De Forest adoptou o processo photographico mas, no inicio dos seus trabalhos, assentou um certo numero de principios determinando as condições a que devia satisfazer um sistema de cinema falante para ter um successo commercial. Esses principios são os seguintes:

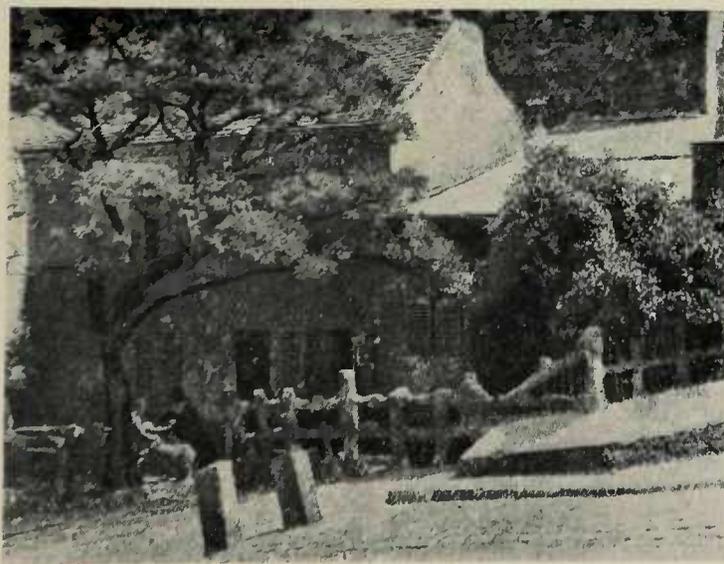
1.º — Preliminarmente, de Forest pensou, com razão, ser necessario registrar simultaneamente as imagens e os sons num film de largura normal, afim de evitar o fabrico de aparelhos especiaes ou a modificação, que aliás parece impossivel, dos aparelhos actuaes.

2.º — Que era preciso restringir-se á velocidade normal da projecção.

3.º — Realizar dispositivos de registro e de reprodução tanto quanto possivel isentos de inercia.

4.º — Imaginar um microphono sufficientemente sensivel para ser collocado a uma razoavel distancia do actor ou da fonte sonora, de modo a ficar fóra do campo da objectiva e a não constituir para o actor uma sujeição penosa e capaz de comprometter o seu jogo de scena.

5.º — Conseguir que a reprodução seja tão boa (ou, si possivel, melhor) como a das



CURIOSIDADES DE MONTMARTRE

“Le Lapin Agile” um lindo recanto do famoso bairro, que é ao mesmo tempo o refugio preferido pelos seus poetas e bohemos.

audições phonographicas e sufficientemente forte para ser ouvida em todos os pontos das maiores salas de espectaculo.

6.º — Registrar os sons a um canto do film bastante estreito para não reduzir sensivelmente a dimensão das imagens. Isto significa que o registro photographico dos sons deve ser tal que a largura ou a amplitude dos traços seja constante. Para isto é preciso que as variações sonoras sejam interpretadas photographicamente, não por linhas de diferentes dimensões, mas de igual comprimento e mais ou menos cerradas. Em outros termos, o registro luminoso deve tomar a forma de braços paralelos que risquem toda a largura da faixa a elle reservada, traços esses extremamente finos e sempre perpendiculares á direcção em que corre o film.

E' claro que estabelecer principios é uma coisa e outra achar o meio de applical-os. De Forest e os seus collaboradores gastaram, com effeito, mais de quatro annos de esforços ininterruptos para preparar o processo que vamos descrever e que emergiu de numerosas pesquisas e tentativas em cujos detalhes não entraremos.

Vejamos primeiramente o registro. De Forest repelliu como improprio o microphono de diaphragma e substituiu-o por um microphono thermico. Este instrumento contém um certo numero de fios de platina muito finos e curtos que são aquecidos ao rubro por uma fonte local de corrente electrica. Quando se emittem sons diante desse aparelho, a resistencia dos fios á electricidade varia continuamente, mas de perfeito accordo com as variações de extensão das ondas de sons.

O aparelho tem tal sensibilidade que pôde ser collocado a uma distancia sufficientemente larga dos actores ou dos instrumentos para que nada appareça na pellicula exposta simultaneamente.

As correntes telephonicas geradas pelo microphono são evidentemente de muito fraca intensidade; mas consegue-se amplificar-as varios milhares de vezes por meio de uma série de amplificadores de lampadas (esta lampada é o *audion* e veremos, a seu tempo, que só graças a elle poude ser realzado o film falante). E' preciso, com effeito, que elles possam chegar a modular uma corrente alternada de alta frequencia fornecida tambem por um *audion*, mas, neste caso, por um *audion* gerador de ondas. Essa corrente de alta frequencia atravessa um pequeno tubo cheio de um gaz judiciosamente escolhido, chamado *photion*, segundo uma suggestão do professor Wood.

Essa lampada *photion* é collocada no interior do aparelho de projecção, num ponto em que o film se desenrola com movimento continuo a cerca de vinte e cinco centimetros da objectiva (sabe-se que, junto desta, o film é, ao contrario, animado de um movimento sacudido, para permittir a photo-

graphia das imagens uma por uma); sob o effeito da corrente de alta frequencia, a lampada irradia constantemente uma luz violeta-rosa, á qual a emulsão photographica é muito sensivel; o tubo é collocado num aparelho cinematographico de tomada de vistas, de modelo commum.

A luz irradiada pela lampada *photion* é



CARICATURAS DE ESTRELLAS...

Marg Pickford, Hila Haldi e Norma Talmadge, segundo o lapis maldoso de Kliz

concentrada por uma lente sobre uma fenda excessivamente fina, aberta a prumo sobre uma pequena parte da superfície sensibilizada do film. Como a intensidade dessa luz cresce e decresce em relação ao seu brilho normal, de perfeito accordo com as variações de intensidade da corrente de alta frequência que provoca a illumination do tubo (corrente que por sua vez segue as variações das correntes telephonicas, isto é, as modulações proprias dos sons recolhidos pelo microphono), a voz ou a musica ficam litteralmente photographadas sobre o film e isso ao mesmo tempo que as imagens correspondentes. Não ha, neste caso, nenhum problema de synchronização a resolver, como era o caso quando se tratava de fazer coincidir a audição do phonographo com o movimento dos labios de um actor de cinema, por exemplo.

Si se examinar com attenção um fragmento do film nessas condições, ver-se-á á sua margem esquerda, entre as imagens e as perfurações, uma estreita faixa de menos de tres millimetros, riscada, em toda a sua largura,

de uma infinidade de traços parallellos de uma finura extrema e unidas a ponto de só se perceberem com o auxilio da lente.

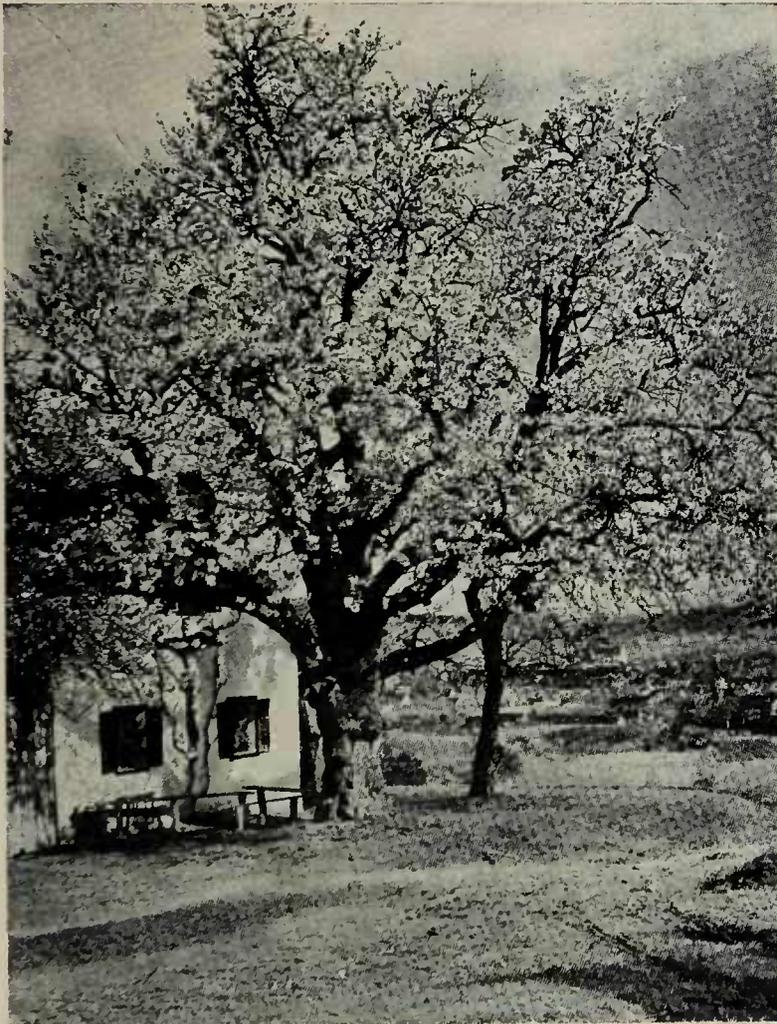
Esses traços ou riscas interpretam, simplesmente pela sua variação de densidade, isto é, pelo seu numero maior ou menor na unidade de comprimento — o intervallo de um decimo de millimetro, por exemplo — todos os sons imaginaveis.

*

Esse registro photographico dos sons por

traços parallellos do mesmo tamanho constitue uma das caracteristicas mais interessantes da invenção de Forest. Até então, com effeito, empregando-se um espelho ligado a um diaphragma, photographavam-se os sons sob a fórma de sinuozidades de amplitude desigual e correspondente á altura dos sons. Não se podia portanto pensar em photographal-os sobre o proprio film, pois que era preciso ter conta da largura do traço correspondente á amplitude maxima e de outro lado, não se podia reduzir esse traço aquem de um certo limite sem correr o risco de fazer desaparecer o registro dos sons muito fracos.

Ora, uma invenção só vale pelas suas applicações commerciaes, ou não será mais do que uma curiosidade de laboratorio. Modificar a largura dos films seria exigir novos apparatus de photographia e de projecção, films de duas dimensões, etc. Com o systema de de Forest, ao contrario, as dimensões *standard* são conservadas e os apparatus têm necessidade apenas de ligeiras modificações: o tubo luminoso, nas machinas



O MUNDO PITTORESCO

Uma cerejeira florida, em Vienna, Austria

photographicas, e nas de projecção a lampada e a pilha photo-electrica.

*

Já vimos o que se passava com a tomada de vistas. Examinemos agora a projecção, ou a reproducção.

No apparatus de projecção, a parte do film que traz o registro photographico dos sons desenrola-se diante de um pequeno orificio analogo ao do apparatus photographico. Por esse

orificio passa a luz de uma pequena lampada de grande brilho que, atravessando a parte referida, incide sobre uma pilha photo-electrica de sulphito de thalio. Convém lembrar que o sulphito de thalio, como o selenio e o potassio, tem a propriedade curiosa de mudar de capacidade de resistencia electrica segundo o grau de illuminação a que é submettido. Mais ou menos illuminada, segundo a densidade das linhas que passam diante do orificio, essa pilha, que foi consideravelmente aperfeiçoada por Theodore W. Case, collaborador de de Forest, retransforma em correntes de intensidade variavel os sons photographados sobre o film. Como no acto do registro, uma bateria de tres lampadas *audion* amplia cerca de mil vezes o valor dessas correntes, afim de que estas possam accionar os potentes alto-falantes dissimulados por traz do *écran*.

Isso não quer dizer que os sons reproduzidos sejam mil vezes mais fortes do que os sons originaes, pois ha entre o registro e a reproducção uma enorme perda de intensidade.

*

Talvez ao leitor ocorra a pergunta:

— Deve-se desajar que os actores de cinema falem e cantem?

Não, responderemos. Esses actores não têm com certeza vozes agradaveis: alguns possuem uma linguagem incorrecta, outros não conhecem quasi a lingua do paiz. Aliás, não se deve procurar transformar o cinema em theatro. E' verdade que ha numerosos casos em que a introdução conveniente de textos falados ou de selecções musicas augmentará consideravelmente o interesse de um film, quer sob o ponto de vista artistico, quer sob o ponto de vista recreativo ou educativo.

Assim, algumas emoções, certos sentimentos, só poderão ser expressos com justeza no

écran por uma musica ou um poema apropriados.

Notemos, para terminar, que, si suprimirmos as imagens ao film falante, restar-nos-á um film falado ou de musica. Ora, nenhum disco phonographico poderia apresentar um registro tão fiel, e nenhuma agulha seria capaz de o reproduzir sem o menor attrito. Além disso os discos são pesados, frageis, custosos e se estragam rapidamente.

A invenção de de Forest constitue portanto uma dupla revolução, pois que ao mesmo tempo transforma o cinema e promette substituir o actual aparelho phonographico por um inteiramente novo, isento de todos os inconvenientes do seu predecessor e tão proximo da perfeição quanto humanamente se póde pretender.

René BROCARD

O REI

METTE dó, nas farradas, o papel do boi, animal branco —mas cheio da nobreza respeitavel de toda bronquidão honrada e séria—posto a lutar com uns macacos enfeitados, que ora fogem para aqui, ora se escondem alli, ora se esgueiram aos botes, bobcando o pobre animal com uma capa vermelha. Não ha lucha. O boi, tomado de colera, investe contra o inimigo, para se bater á noda heroica, de habito entre os seus. Mas só encontra vultos fugidios, miragens de homens que se somem ante suas morradas. Por fim o touro, compre-

hendendo o papel grotesco a que o obrigam, embezérra, baixa a cabeça, com lagrimas de vergonha e dor nos olhos bondosos, e não se presta mais ás sorfes.

O papel do boi será idiota, mas o do toureiro é vil.

No entanto, o homem é que é o rei dos animaes...

Monteiro LOBATO

Quem é feliz não pode morrer sereno. Felicidade e morte tranquilla são termos antagónicos.

Bertha von SUTTNER.



O IRRESISTIVEL HAROLDO

O jovial artis'a, cansado de fazer rir o publico, vae para junto da esposa que o olha desconfiado, temendo uma nova farça...

hendendo o papel grotesco a que o obrigam, embezérra, baixa a cabeça, com lagrimas de vergonha e dor nos olhos bondosos, e não se presta mais ás sorfes.

O papel do boi será idiota, mas o do toureiro é vil.

No entanto, o homem é que é o rei dos animaes...

Monteiro LOBATO

Quem é feliz não pode morrer sereno. Felicidade e morte tranquilla são termos antagónicos.

Bertha von SUTTNER.

A INFLUENCIA DO PRETO NO THEATRO NACIONAL



COMMENTANDO, ha dias, a recente «tournée» a o Prata da Companhia Abigail Maia, dizia o brilhante actor Manoel Durães, primeira figura masculina daquelle bello conjuncto que Oduvaldo Vianna dirige, ser a impressão geral da noite

de estréa no Odeon de Buenos-Ayres que, ao subir o panno, estrugisse como saudação o classico e irreverente «macaquito.» Não vamos discutir aqui a improcedencia dessa «impressão geral», principalmente em se tratando de um povo relativamente culto, como o argentino e que, mau grado todo esse lamentavel trabalho de sapatos chamados nacionalistas dos ultimos modelos do fusil Mauser, ainda é um dos nossos bons e pacatos amigos. O que pretendemos constatar com esses poucos bonecos que ahí vão é tão sómente a benefica influencia exercida pela côr preta sobre a evolução do nosso parco theatro nacional, influencia essa que não comportaria um amúo, siquer, por parte do sentimento patrio da companhia brasileira, ante um «macaquito!» no caso da estréa ter sido uma peça como o «Demonio Familiar» ou «Manhãs de Sol», peças que retratam diferentes epochas, mas onde o preto contribue para o exito dos seus interpretes e, por consequencia dos seus autores, do nosso theatro.

Porque a verdade é que o nosso theatro está ligado

por laços inquebrantaveis ao preto africano ou mesmo ao nacional de côr preta.

Rebuscando os nossos poucos annos de vida scenica, encontraremos poucos artistas, muito poucos mesmo, que não tenham o seu primeiro successo acorrentado a uma carapinha e a uma beijola de massa decorada a «baton» vermelho, exceptuado, é claro, o sr. Benjamin de Oliveira, que arranca sem esforço as gargalhadas dos seus admiradores de cara pintada de branco, como qualquer chicharrão de circo de Araruama.

Quem não se lembrará, por exemplo, daquelle maravilhosa creação do actor Cláudio de Oliveira — o velho «Pae João» d'«O Dote» de Arthur Azevedo?

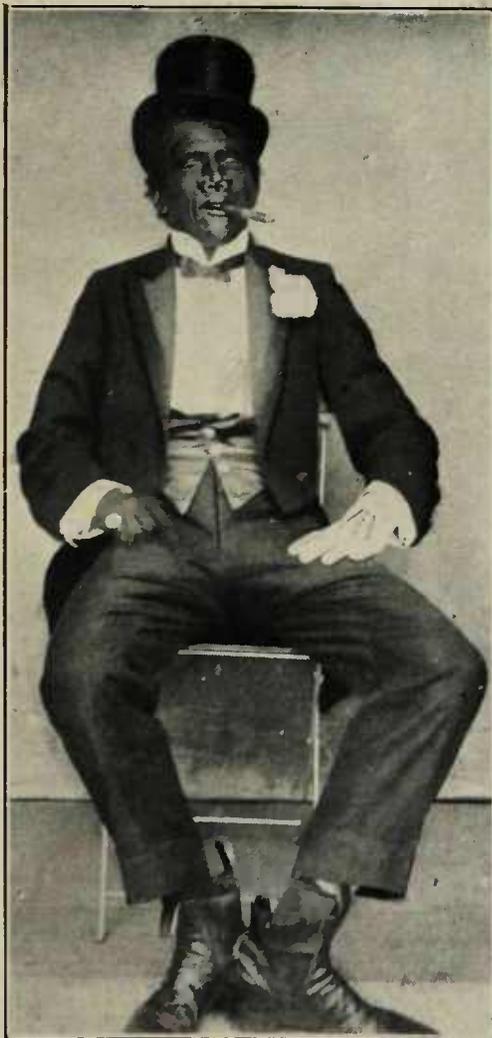
No theatro de revistas encontramos então, de cara lambusada de pó de sapato preto e gaforinha revolta, a fazer o negro ou o mulato, toda uma legião de artistas. Alfredo Silva será sempre aquelle typo mestiço do guarda do «Forrobódo» de Luiz Peixoto, como o barbeiro Ananias revelou ha annos, na revista de Bastos Tigre — O Rapadura, um comico que ainda hoje se conserva no primeiro plano — o actor Pinto Filho.

Esther Bergerath foi no seu tempo a melhor mulata brasileira do nosso theatro ligeiro e Julia Martins chegou a ser Julia Martins graças a um sem numero de mulatas que legou á historia dos palcos nacionaes.

O actor João Martins, a graça commedida da nossa revista, possui dentre os seus exitos, esse admiravel typo da revista de João Canali — «Posso desabafá?»:

Augusto Annibal e Palmyra Silva, naquelle casal de pretos da comedia «Terra Natal» foram, não ha muito, a «isca» do publico elegante do Trianon; Celia Zenatti na «Meia noite e trinta», uma preta retinta, foi 80 % do successo da revista de Luiz Peixoto.

E Celia Zenatti é uma legitima argentina...



Jayme Costa na «Princeza de Bagdad»



Manoel Durães no "Velho Domingos" da comedia
"Manhãs de Sol"

Otilia Amorim deve parte do seu prestigio no theatro de revistas aos admiraveis typos de mulata e Alda Garrido, essa garrula excêntrica das burletas rigorosamente nacionaes, firmou o seu nome na «Mulata do Cinema» de Gastão Tojeiro, da mesma forma que Procopio Ferreira, que, possuindo no «Capitão Corcoran»

um papel de relêvo, nos aureos tempos do «Cha-telet» do S. Pedro, fez-se o «inimitavel Pro-copio» no moleque fogueteiro da «Jurity...» Jay-me Costa o joven «estrello» da actual Compa-nhia do Trianon, onde acaba de fazer no «Dr. Sem Sorte» o typo brasileiramente nacional do Basilio Vianna, teve as suas primeiras glórias no creoulão da «Princeza de Bagdad».

Carlos Torres só conseguiu mostrar a le-galidade do seu titulo honorifico de actor co-mico quando, na companhia Leopoldo Fróes, fez aquelle interessante «chauffeur» de «Longe dos Olhos...»

Finalmente o actor Manoel Durães tem en-tre outras não inferiores creações o velho Domingos de «Manhãs de Sol», que a critica do Prata consagrou e esse engraçado cabo «Meu Nêgo» da Flôr Tapuya.

A Companhia Abigail Maia não foi saudada em Buenos Ayres com o classico e anti-brasileiro «macaquitos», para a felicidade geral da nação.

O que não resta duvida, porém, é que aos typos admiraveis de «macaquitos» devemos nós uns tantos nomes de incontestavel merito no nos-so theatro de comedia, drama e revista.

Saudemos, pois, o pó de sapato e a rolha queimada como uns dos mais fortes alicerces desse palacio inacabavel, emulo, ao que parece, do edi-fício do Forum, que é o theatro nacional dos sonhos de Arthur Azevedo e dos milhões da sra. Nina Sanzi.

Terra de SENNA

A MÉRICA

EXPEDIENTE

NUMERO ESPECIAL

Preço: 1\$000 para todo o Brasil

É nosso representante na cidade de Santos,
o Sr. José Spindola Teixeira.

SÃO NOSSOS AGENTES:

Para todo o Estado de São Paulo, Sr. Antonio de
Maria, rua da Boa Vista 5 A, Capital, por cujo intermedio
devem ser feitos os pedidos dos agentes de revistas do interior
do Estado.

Na cidade de Santos, Sr. Paiva Magalhães.

No Estado da Bahia, o Sr. Manoel Porto, Portão da
Piedade 11, Capital.

Em Bello Horizonte, os Srs. Giacomo Aluolfo & C., Rua
da Bahia.

IMPRESSO NA CASA

HOEPLNER & CIA. LTD.

AV. MEM DE SÁ 236-240 — RIO

Redacção: Rua da Quitanda, 157, 1. andar

RIO DE JANEIRO

OS NOVOS PROCESSOS DE IRRIGAÇÃO DAS CULTURAS

UMA das operações mais necessárias á fertilidade das terras, e das mais difficeis, é a réga. É bem oneroso será o trabalho para quem quizer fazer uma irrigação copiosa e uniformemente distribuída.

Procurando solucionar esta difficuldade foram inventados os apparatus de réga rotativos, os quaes apresentam entretanto o inconveniente de exigirem que se regue duas vezes a mesma porção de terra para que se possa cobrir toda a superficie do terreno. De facto, a juxtaposição pelo apparatus rotativo deixaria espaços sem agua; isto, entretanto, não invalida o seu emprego se consideramos a facilidade extrema de sua instalação.

Mas ha melhor.

O apparatus representado pela photographia que illustra estas notas, permite que se obtenha uma irrigação abundante e regular, sobre qualquer superficie de terreno, seja elle grande ou pequeno, e isto sem necessidade de pessoal. A cousa é tão engenhosa, que o funcionamento completo d'este systema de irrigação automatica, se obtem com a manobra de uma simples torneira.

O «Pluviose» (este o nome dado ao apparatus) é constituído por duas partes: uma fixa e outra movel. A parte fixa consiste em uma trave de ferro mantida a uma certa altura por meio de columnas fixas em bases de concreto. Esta viga supporta uma especie de caixa que constitue um reservatorio longitudinal de agua.

O comprimento d'esta trave deve ser igual ao do terreno a regar. Sobre ella se desloca um cano, levando em um plano perpendicular

áquelle da trave uma armação metallica, á qual estão fixadas as torneiras de réga.

A agua, fornecida por uma bomba especial ou pela propria canalização da cidade, acciona uma pequena turbina situada na extremidade da viga, assegura o movimento do carro e vac, através do reservatorio longitudinal, regar as plantações.

Um systema de 4 polias, postas em movimento pela turbina, por meio de um cabo sem fim, move o carro n'um ou n'outro sentido. Um contrapeso immobiliza as duas rodas de um mesmo lado do carro, o que determina o avanço d'este. Quando elle chega ao fim do curso, encontra um esbarro, o qual, provocando um balanço no contrapeso, faz com que entrem em acção as outras duas polias e estas, accionando, por sua vez o carro, fazem-n'o voltar em sentido contrario.

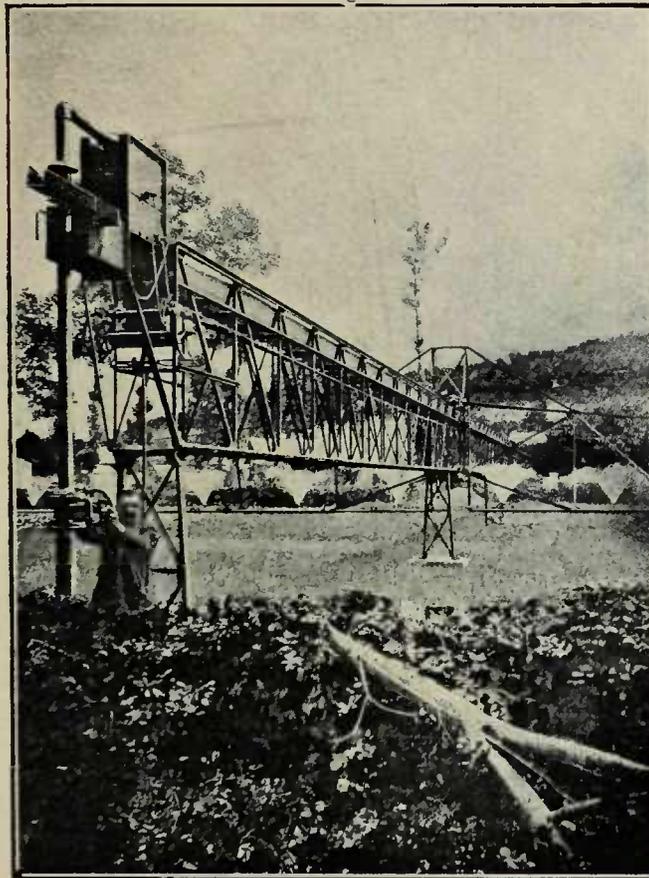
Ha um dispositivo que faz com que cesse a irrigação quando o carro pára. Consiste elle em que o carro, em movimento, acciona uma bomba que tem por effeito abrir valvulas situadas abaixo dos syphões de ali-

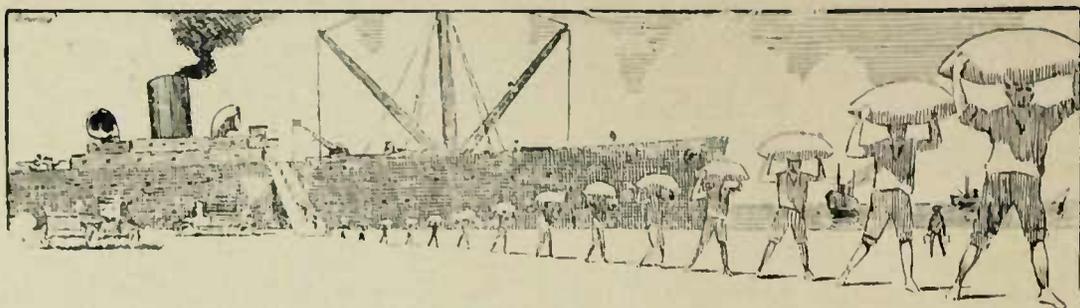
mentação das torneiras de réga.

Assim que o cano pára, pára a bomba e as valvulas se fecham automaticamente. Não ha, por isso, perda de agua e os syphões conservam-se sempre escorvados e promptos para quando se os queira utilizar.

Aliás o nivel d'agua é mantido constante graças a um fluctuador que age sobre a comporta de admissão de agua.

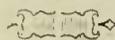
A velocidade do carro é de 6 metros por minuto, o que assegura uma irrigação muito regular. Pode-se diminuir o curso do carro, tanto quanto se queira, por meio de esbarros intermediarios.





MOLHADOS E CEREAEES

CASA FUNDADA EM 1852



TEIXEIRA, BORGES & C.^{IA}

COMMISSARIOS DE CAFE' E MAIS GENEROS DO PAIZ

Caixa do Correio 294

Endereço Telegraphico ARIEXIET

Telephones Norte 132 e 3904

110, Rua do Rosario, 112

RIO DE JANEIRO

NO VALLE DOS LACRAUS

SOL: muito sol que calcina as pedras; areia que ao mais leve sópro se levanta em torvelinhos, sepultando tudo o que encontra em seu caminho. Respira-se pó: pó na roupa, no cabelo, nas sobrancelhas, entre os dentes que rangem... e nos pulmões. Sêde. Sêde! allí se sente o que vale a agua! Só o filho do deserto sabe apreciar-a verdadeiramente. Cheiro, cheiro a camello; allí tudo rescende a camello: o ar, as pedras, os indigenas... e os camellos.

Silencio! silencio absoluto; o silencio domina, esmaga. E' o reino do mutismo. A palavra destôa. Espera-se a vóz potente de Jehová. Crê-se...

Depois da terra limitada, o céu sem limites. O gigantesco prisma gyra, passam as côres da palheta celeste uma atrás das outras: verde, côr da esperança — começa é todo o despertar — depois rosa, amarello, branco, azul, violeta, vermelho, ocre e de repente, nêgro, que se coalha de diamantes. Estas côres intensas, sempre as mesmas, ás mesmas horas, succedem-se desde a criação do mundo, sem descanso.

Nesse clima sente-se que sua propria pelle incommoda... e tem-te na bocca... e sabor a sangue... No meio de tudo isso... o «Valle dos reis» e debaixo de cada pedra um escorpião.

Ahí dormem os pharaós o somno da morte, rodeados de artefactos ridiculos, esperando a total decomposição do planeta para acabarem de ser.

Perturbando essa paz secular... um inglez.

* * *

Um homem que se aborrece. Cançado de seus cachimbos, de seus cavallos, de seus licores, de suas idéas e de seu cerebro impregnado de nevoa britannica, intoxicado

por ella, espalhando-a por onde passe; intentando divertir-se e aborrecendo os seus semelhantes.

E não contente com isso, trata de comunicar seu tedio aos que elle crê que se aborrecem debaixo da terra, tanto quanto elle sobre ella.

Para esse fim, acampou em pleno reino dos reis mortos. Esse novo Barnum que ensurdece o mundo inteiro, batendo um bombo nunca ouvido, habita o valle do silencio, gôza o deserto, os tumulos e... o «spleen».

Os dias succedem-se ás noites e estas aos dias; uns atrás dos outros, todos iguaes. O mesmo esplendor ao desaparecer do sol como á sua apparição... e o inglez imperterrito se aborrece em seu sitio.

A enorme reclame resoou pela terra e atrahiu gente de todas as raças, côres, gostos e categorias. Correspondentes, photographos, pintores, reis, millionarios, scientistas, cosinheiros, egyptologos, pedreiros. Todos aquí pagam ou são pagos — tudo é negocio, o «business» mais

repugnante que jamais se fez com um cadaver.

Esse saque em nada se assemelha ao napoleónico. Aquelle era pela gloria, este é pelo dinheiro. Parece que só se trata de tirar as «pellegas» ao publico: por meio dos jornaes, do cinema ou do quer que seja.

Em compensação, servem-se os despojos de um infeliz que morreu ha tres mil annos, enfeitados com as diversas bugigangas de um gosto pessimo, que parecem tiradas do guarda-roupa de theatro de terceira ordem.

Trastes bichados, cousas sem arte nem razão; objectos que só poderiam appetere-



THEATRO BRASILEIRO
A actriz Sra. Abigail Maia



O PRETO NO NOSSO THEATRO

João Martins na revista "Posso desabatá?"

cer a um Guilherme II, de nefasta memoria.

Bens que si fossem mostrados a um beduíno, seriam queimados para separar o ouro do resto.

Do triangulo que forma o ser do inglez, o lado mais innocuo é, sem duvida, a sua vaidade, essa vaidade britannica que não sorri, como a latina — que parece pedir desculpas — senão séria e estúpida como tudo o que é sério. Nosso homem tem a fraqueza de querer que o seu nome passe á historia, cousa facil quando se tem dinheiro.

Apezar de tudo se aborrece. Aborrece-se porque terminou o perigo, a acção e o imprevisto: tres cousas que fazem a vida agradável.

*

Uma tarde de modorra, depois de uma refeição pesada e de um vinho ordinario, longe, muito longe do club londrino e de seu primoroso bar, o nobre lord acabou por dormir devéras e teve um sonho. Não uma visão como a pôde ter um artista ou um scientista, não. Teve uma visão de homem rico... uma visão de film, preparado e confeccionado por uma fabrica americana... e viu...

Viu bailarinas de «variedades», com pouca roupa e muita pintura, dançando o «shimmy».

Viu pharaós enfeitados com mantos rajados e cafeteiras sobre a cabeça; viu... fumo, palmeiras que se moviam da direita para a esquerda e vice-versa; viu um lago, viu... um grupo de banhistas da Mack Semet, o Ben Turpin, e um tigre bocejando. Viu palacios de madeira e «papier mâché» de estylo arabe. Por fim, viu o Egipto, tal como o podem ver um lord inglez e um judeu russo-americano.

Quando mais atarefado estava contemplando as banhistas, uma pesada mão pousou sobre seu hombro...

Uma vóz grave, triste, falou:

— Porque vieste interromper meu somno? Adivinhou, pela pergunta, quem era...

— Por amor da sciencia não será. Por amor á arte, ainda menos. Por dinheiro?... Avareza? Será que a alma de Rotschild transmigrou e incarnou-se em teu corpo?

Isso lhe pareceu um insulto e decidiu-se a responder.

— Não, amigo Tut... Vou dizer-te a verdade; si me tens aqui a te entediar, não é por nenhum dos motivos que suppões, nem por-



O PRETO NO NOSSO THEATRO

Manoel Durões no cabo "Meu Nêgo" da opereta "Flor tapuya"

que me inspirasses um desmedido interesse... Agora que te vejo, maltrapilho e sujo, me interessas ainda menos, pois me apercebo de que te conservaste muito mal... Dir-te-ei sem intenção de offender-te que melhores que tu, temos no «British» e em «Mine. Tusand's»...

— Então?... — perguntou Tut um tanto molestado.

— Pois vim ver-te por duas razões: um pouco por vaidade e muito porque me aborrecia.

— E por essas fivo'as razões vens perturbar os que em paz esperam, sem dor, transformar-se em nada? E porque os de agora não castigam aos violadores de sepulturas?

— Já o advinho! E' duro! Quando encontramos um desses beduinos profunando um tumulo, não o julgamos... vai á forca.

— Vamos!... já te comprehendo... Tu nos roubas para poderes comer. Não é isso?

— Não sejas tolo! para poder comer?... não sabes que sou um illustre lord, honra da sciencia, com muito dinheiro é protegido pelas autoridades?

— Ah! E's um dos que mandam?

— Mais ou menos.

— Vejo que o mundo mudou pouco... Só o trajas e o penteado.

— Assim é, amigo pharaó.

— Como dantes; o mais forte faz o que quer... Tem graça! Antigamente nós vendíamos os judeus, hoje os judeus nos vendem... De forma que tu te sentes mal... Vaidade e aborrecimento...

— Acertaste.

— Vou dar-te um remedio para as duas cousas. Acabará teu aborrecimento e serás célebre.

Approximou-se... e lhe deu um beijo.

— Caramba! Como cheiras mal! — protestou o sabio. Livrou-se do abraço, abriu os olhos e... o pharaó havia desaparecido.

As banhistas tambem.

Encontrou-se encharcado de suor e a ca-

beça congestionada, não sabia si pelo vinho, a má digestão, o calór ou a posição incommoda. Estirou-se.

Coçou-se...

— Sonho estúpido! aconteceu-me isso por ter comido demasiado — Lembrou-se da prophacia e do extranho beijo. Tão ao vivo foi que parecia verdade. Ainda ficára a impressão... uma comichão desagradavel... Quanto mais coçava mais doia e até lhe pareceu que havia inchado a cara.

Procurou o espelho; viu qualquer cousa que

se movia, que deslísava debaixo de uma pedra. Não fez caso. Encontrou o espelho e certificou-se de que a cara estava inchada. No centro havia uma pequena mancha roxa.

* * *

Dois dias depois, era tão cadaver quanto Tut.

* * *

Os reis, por muito reis que sejam e por muito embalsamados que estejam, como os outros seres da creação, se decompõem. A vida, porém, continua em outra fórmula e o que era rei é outra vez o que foi antes; um pouco de tudo: gaz, lerva, vegetal, mineral.

Talvez, com o tempo, contribua para a intelligência de um novo homem.

O espirito se fórmula de accordo com o ambiente, e com as condições do clima.

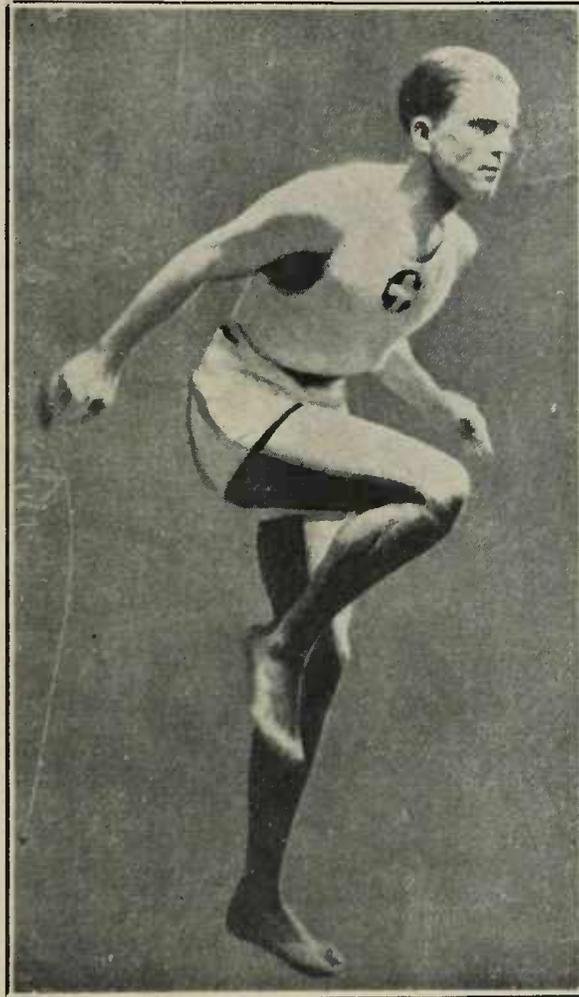
Num clima generoso, o verme vil póde chegar a uma borboleta bella e inoffensiva; o mesmo, em um meio cruel, difficil,

amolda-se ou perece. Essa lucta cruenta deixa suas pégadas tanto no corpo como na alma.

Tambem as almas se decompõem. A alma do homem, que é o Kosmos, não póde se ajustar ás necessidades de uma flôr ou de um rato.

O pedaço de alma de um rei tocado pelo escorpião, não póde estar respirando doçura! Pois as condições mudaram... e si o escorpião faz alguma mordedura, não é para vingár este ou o outro. Age segundo sua natureza.

Somos o que comemos. Si comemos uma maçã tomamos sua alma, si comemos um pedaço de homem tomamos a alma correspondentemente



Os campeões europeus

Paul Martin, campeão suíço dos 800 e dos 1.500 metros

O CONVENCIONAL HIERATISMO QUE IMPÕE A MODA A FIGURA FEMININA

PARECE que a moda só devia exercer seu imperio sobre os objectos materiaes sujeitos ao capricho e á fantasia: os trajes, os moveis, as joias... Não é assim. Madame Moda invade o campo do physico, do fundamentalmente humano...

Hoje se usam gestos e figuras como se usam toilettes e chapéus... A influencia do film impõe á figura feminina rythmos, poses, apparencias... A vóga de Francesca Bertini marcou uma época de normas das attitudes negligentes dos gestos carinhosos e suaves, dos felinos movimentos cheios de graça, flexíveis e sinuosos...

Agora impéra um hieratismo forçado de



FIGURINHAS DA MODA

aos globulos de seu sangue ou de suas fibras, porém si nos nutrimos d'elle, vivente, como o fazemos no corpo da mãe, adquirimos seu espirito e depois o ambiente nos acaba de formar.

Os reis saturaram o ambiente em redor com a sua podridão. Assim é que o ambiente que respiraes nos tumulos é parte de um pharaó e debaixo de cada pedra ha parte do seu espirito... A equidade exige que se reconheça uma alma em cada cousa... si um inglez a tem, porque não a terá um escorpião?

Luiz USABAL

icono. As vestes largas e simples estylizam as figuras e estão na móda as poses rígidas, os gestos lentos e mecanicos, a imperturbabilidade saxonica... Como no film, a elegante caminha direita, hieratica, imitando a rigidez artistica dessas figuras polychromaticas, que decoram os frisos egypcios...

Encantadora, absurda tyrannica da Moda que, não contente com o seu reinado em gazes, sedas e joias, intenta impor suas sentenças á belleza humana!

Não se modéla, como a téla ou o metal, o divino barro da esculptura feminina, que já fez com deleite de artista genial o supremo Artifice... O espontaneo e natural reinará sempre sobre todo artificio... Uniformizar o gesto ou a figura é destruir o melhor encanto da belleza, que tem sua principal graça na diversidade...

Não se podem usar gestos, nem movimentos, como se usam modelos de caudas de vestidos ou chapéus...

A natureza é anarchica e inviolavel... E contra sua deliciosa multiformidade esbarraram sempre as extravagancias da Moda, porque o encanto da mulher só se reje pelo canon immortal e invariavel da Belleza...

A EVOCAÇÃO DA GRANDEZA INCAICA

No magnifico artigo que, sob esse titulo, publica no presente numero o nosso brilhante collaborador Snr. Saul de Navarro, passou um erro typographico que nos apressamos em rectificar, por não ser de facil corrigenda.

Assim, na ultima pagina, onde se lê, no começo de um dos periodos, «Um dia Apumarco começou a fazer sobre dantesca, etc», deve-se entender: «Um lance epico, que recorda uma visão dantesca, etc.»



D'ANNUNZIO caricaturado por WYNN.



OS POETAS BRASILEIROS

Martins Fontes, o artista que burilou os versos admiráveis de "Verão" e a cuja penna se deve o soberbo soneto "Flor!" que publicamos no presente numero.

PENSAMENTOS



La visão completa de um grande Artista padesse ser dita, cegaria o Mundo.

Não haverá Obra de Arte immortal fóra das da Arte Social.

O maior dever da Arte é servir á Liberdade.

A Arte tem o direito e o dever de immiscuir-se nas luctas ardentes dos homens, de respigar a sua colheita de victorias no campo fecundo da Acção, de cantar a Marselheza estrondosa de todas as rébelliões nas grandes batalhas da Vida, sobre o coração da Humanidade vencida e humilhada pela Força.

Quem não consegue ser escriptor, faz-se crítico; por não poder crear, conforma-se com destruir.

A faculdade critica é a negação absoluta do Genio.

O athletismo, em toda ordem material, parece-me um sport de circo.

Toda a obra de Arte deve ser uma obra de combate.

O vulgo é o inimigo natural do sublime.

Tenho horror aos homens que riem e muito desprezo pelos que fazem rir.

De todos os gestos absurdos de um escriptor, o mais vil é aquelle em que esquece a Santidade da Palavra.

O riso é o relincho dos homens.

A palavra é o emblema visivel do Infinito.

A Idéa, ao fundir-se na Palavra, perde a sua essencia: o Absoluto; assim, a Palavra não é uma revelação: é uma mutilação.

Todo Grande Pensador é um *Inactual*, só, perdido no meio dos homens.

Fóra da Liberdade não ha Eloquentia, ha apenas Rhetorica.

Um Homem Livre é mais do que um exemplo, é um perigo; supprimil-o é um dever de conservação na Tyrannia.

Vargas VILA

OS INCAS

Abrilhante civilização alcançada pelo Perú durante a dominação dos Incas, punha-o, senão em nível superior, pelo menos em nível não inferior ao dos invasores hespanhóes.

Manco-Capac, o primeiro Inca, foi um verdadeiro civilizador. Dictou muitas leis humanas e sabias cujos textos de todo se perderam; ensinou ao seu povo as artes e a cultura da terra, estabeleceu a familia, ordenou que os seus subditos contrahissem matrimonio aos vinte annos e regulou a mais sabia distribuição de terras que se conhece.

Manco-Capac preocupava-se tanto com a felicidade do seu povo que este, em retribuição, considerou-o um deus e chamou-lhe *Capac*, que significa: cheio de virtudes.

Entre os descendentes desse grande monarcha encontram-se reis eminentes como Inca-Roca, que fundou e colas para os príncipes, onde estes aprendiam a interpretação dos *quipos*, que equivaliam á nossa escripta, e dos quaes se serviam para conservar suas tradições. Creou o cargo de administrador do Imperio, o qual era encarregado de conservar os *quipos* no templo do Sol.

Outro Inca famoso foi Pachacutec, que fundou cidades, fez construir palacios, aqueductos, estradas, etc.

O joven príncipe Nezahualcoyotl prestou tambem grandes serviços e tratou diligentemente do bem-estar do seu povo. Foi elle quem mandou construir um grande templo "ao Deus desconhecido, causa das causas".

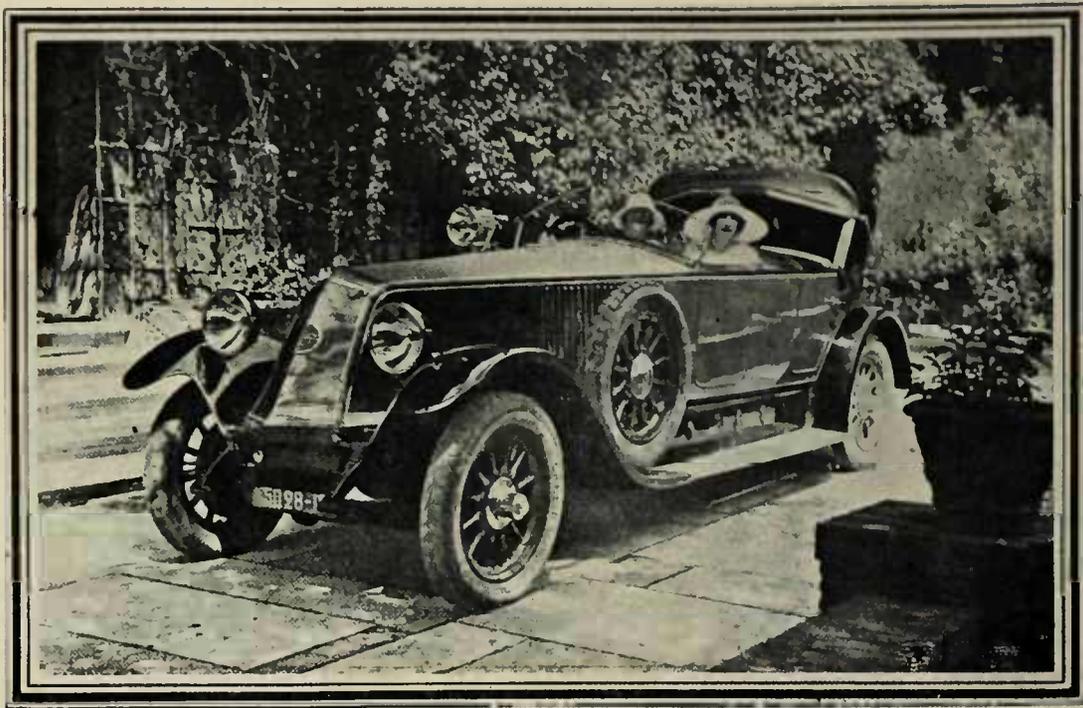
E assim desenrola-se uma lista enorme de governantes incas cuja unica preocupação foi a felicidade do seu povo, lista que termina com Sayri-Tupac, chamado Don Diogo Inca último imperador do Perú.





MUNDO SIDERAL

NATHALIE KOVANKO foi uma artista que surgiu, como um astro, para resplandecer: o seu triumpho é contemporaneo da sua estréa. Sobre ser uma das mais habéis intpretes de difficies papeis, Nathalie é uma das mais bellas mulheres que têm apparecido nas telas. O seu ultimo successo foi o grande film "Mil e uma noites".



A VIDA MODERNA

Quão longe está o tempo dos pagens e des liteiras! Na vertigem progressista dos nossos dias duas frageis e elegantes senhoritas, quando, de ejam passear, entram sósinhas num auto e vencem distancias pasmosas. E o monstro de aço obedece docilmente às mãos femininas, como os dragões das lendas obedeciam às fadas...

O estado actual da Aviação

Si passarmos uma revista pelo que tem feito a Aviação n'estes ultimos tempos, ficaremos surprezos diante dos seus recentes progressos, tal a sua extensão e variedade.

O record mundial de velocidade já vae a perto de 245 milhas por hora.

Os records de duração de vôo não surprehendem menos. O Serviço Aereo norte-americano já tem a gloria de uma travessia transcontinental, sem parar.

As ultimas experiencias feitas nos indicam a possibilidade de se obter motores que trabalhem, a toda a força, durante 250 horas, ininterruptamente.

Aeroplanos sem motor permanecem no ar, por muitas horas, sem mais outros elementos que o ar e a habilidade do piloto.

Helicopteros sobem verticalmente, pairam sobre um dado ponto ou fazem um circuito completo, em vôo horizontal.

Aeroplanos atracam em dirigiveis, em pleno

vôo. Aeroplanos, sem piloto, executam evoluções complicadas.

E as maravilhas se succedem e se multiplicam.

Mas, em meio de toda esta actividade brilhante para o homem, e que indica o que podem o seu esforço e a sua intelligencia, destacam-se conquistas que importam muito mais que isto, porque representam a base solida sobre a qual repousam novas possibilidades para maiores triumphos.

Assim, o que emerge mais claramente dos factos acima citados e nos apparece como que constituindo importantes linhas geraes é:

1.º) — o enorme augmento na duração de trabalho e na confiança que nos inspiram motores e apparatus.

2.º) — a proxima solução do vôo á noite,

3.º) — o advento do aeroplano sem motor, cuja primeira consequencia será o aeroplano com motor de fraca potencia, ou, por outras palavras, o aeroplano barato.

A evocação da grandeza incaica

Um passado de esplendor na visão esthetica de Abraham Valdelomar

O PERÚ, com o Imperio dos Incas, os filhos do Sol, e o Mexico, com o imperio dos Aztecas, os gregos de bronze pelo culto de seu polytheismo e prodigio de sua arte, são as duas grandezas características da America, que, antes da conquista européa resultante da realização do sonho de Colombo, tinham uma civilização propria, destruída depois pelos invasores brancos, que foram, assim, os barbaros do seculo XVI, no vandalismo de fazer desaparecer o mundo romano da Amerindia, que se levantava nos dois extremos deste hemispherio: em Cuzco e em Tenochtitlan.

Abraham Valdelomar é um evocador admiravel da grandeza incaica. Na visão esthetica do magnifico prosador peruano o passado esplendido surge em toda a sua opulencia e belleza. *Los hijos del Sol* (contos incaicos) revelam os attributos estheticos do mallogrado intellectual, morto, prematuramente, em pleno viço da mocidade e do talento.

A leitura dos chronistas coloniaes, o entusiasmo pela sua raça heroica, o culto pelo passado glorioso, onde fulge o Imperio dos Incas, foram a origem desse pequeno e maravilhoso livro, serie curta de contos poemáticos, perfumados de belleza e simplicidade, rutilos, diaphanos, que lhe saíram da penna com a graça espontanea das flores que, pela manhã, orvalhadas ainda, parecem, á carícia do sol, a transfiguração da luz em perfume...

A prosa de Valdelomar é uma anfora indigena, onde se estylizou um capricho de orchideas, e onde se bebe uma agua fresca, colhida á noite, numa chuva de temporal, á maneira de um lacrimario do céu...

Manuel Beltroy enaltece a sua imaginação evocadora, a sua prosa fulgente e realista, a sua sensibilidade rara e delicada, gabando-lhe a excellencia e finura do estylo, «estylo agil, solto, aligero e diaphano como péplo de bayadera».

Ha, nesses contos lyricos e epicos ao mesmo tempo, o sabor de uma leitura de versos sem o éco monotono das rimas, no voo de uma

fantasia abundante e subtil, no rythmo estranho de sua musica selvagem e suave, como si fosse a descripção melodica de um sonho altivolo de condor.

E' que Valdelomar não é senão um animador do passado epico dos filhos do Sol, desses apolloneidas barbaros da America. O seu verbo é uma dança de véos, uma orquestração branca das neves andinas, um teclado de côres, uma pincelada de sons... Sente-se-lhe a mesma poesia de Alencar em *Iracema* e em outros poemas em prosa, onde cantou a alma primitiva, a vida, o martyrio e as façanhas dos nossos aborígenes. O reconstructor illuminado e sensível, o restaurador artistico do passado incaico, tem a mesma doçura, o mesmo brilho do nosso suavissimo estylista, que immortalizou as raças rudes, mas heroicas, que foram sacrificadas pelos conquistadores brutaes, violadores da virgindade da terra e da alma da America precolombiana.

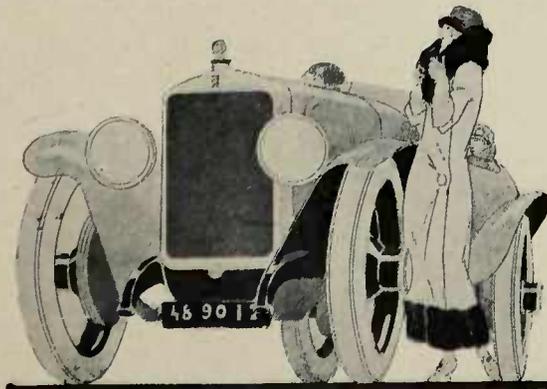
O Alencar peruano tem, na opinião de Clemente Palma, toda a belleza, toda a força descriptiva, toda a suggestão maravilhosa dos grandes poemas.

* * *

Los hijos del Sol são um hymno á raça luminosa, que fulge, como os thesouros, na historia do Perú.

O Imperio dos Incas surgiu no valle do Cuzco, sendo fundador dessa dynastia de titans Manco-Cápac, que allí chegou em companhia da mulher, Mama-Odlo, aureolados pelo prestigio de uma lenda que os fazia filhos do Sol e nascidos no regaço do lago Titicaca, essa pupilla dos Andes, aberta a 3.915 metros de altitude, onde se reflecte o Infinito e os condores se banham...

Os trabalhos do encantador indianista são productos de estudo das origens, das lendas e tradições incaicas, e outros sahiram de sua arte original, louçan e vibrante. Nos primeiros contos, sobresáem *El camino hacia el sol* e *Los Hermanos Ayar* e nos ultimos *El alfarero* e *El Hombre Maldito*. Façamos um esboço rapido de alguns primores dessa obra





LUXO. ELEGANCIA, CONFORTO

Um "living-room" admiravel de bom gosto e de sobriedade, que a tapeçaria, as flores e os livros tornam attrahente e encantador.

suggestiva, verdadeiro florilegio amerindio.

Comecemos pelo que abre o livro:

El alfarero (sañu-camoyok).

Apumarcu era um artista da selva, um Phidias barbaço.

Fronte ampla, cabelleira crescida e rebelde; olhos fundos; olhar doce e sonhador, simples e silencioso; vivia só, errante, tendo por habitação uma cabana humilde. Tinham-no por louco.

Contemplativo, fugia dos seus semelhantes

o deixava-se levar pelo seu sonho, numa ansia de espaço e de liberdade. Ninguém o via trabalhar. Só, em plena selva, colhia flores eervas para o preparo de sua pintura, carregando barro para o seu labor. E da argila, sob o sopro dessa alma de artista, sahia uma estatua de deusa, uma anfora, uma serpente, uma dança da Morte...

Uma tarde, tendo ido ao rio para buscar agua, afim de desfazer o seu barro, ouviu uma suave canção na fronde. E depois, aproximou-se

ZÓL

O MELHOR DENTIFRÍCIO
LIMPA E CONSERVA OS DENTES

Encontra-se em todas
as Pharmacias e Perfumarias



ARTE MODERNA

Um dos retratos a óleo em que o pintor allemão Alfred Helberger, até ha pouco nesta Capital, revela a famosa escola expressionista, hoje reinante na Allemanha. Nas figuras que pinta, Helberger procura expressar o sentimento íntimo do momento no retratado.

Alfred Helberger expoz no Rio uma interessante collecção de paizagens no mesmo genero, aspectos da Italia e da Noruega, onde o artista passou a grande parte de sua existencia.

delle essa carícia audível: um homem, sobre uma rocha, solitario, á margem do rio, tocava. Falou-lhe:

— Quem és tu e por que tocas aqui, onde ninguém pode ouvir-te?

— E quem és tu, que vens assim a estes logares, onde só ha uma saudade, que é *minha*? — respondeu-lhe o Orpheu andino.

— Sou Apumarcu, «el alfarero» (oleiro).

— Ah! irmão, sou Yactan Nanay (sem patria), o que toca a «antara».

E desde então se tornaram amigos inseparaveis, se fizeram irmãos.

Yactan lhe disse que a sua amada havia se perdido e elle tocava na esperanza de encontral-a. Descrevia-lhe a formosura, fazia a Apumarcu o retrato de sua eleita. O artista fez-lhe uma cabeça. Yactan lhe disse commovido:

— Não tocarei senão para tí, irmão, porque a comprehendeste e m'a devolveste. Creio que o barro, em que ella está aqui, em tua obra, viverá eternamente. E's maior que o Sol, porque elle a fez e a levou, enquanto tu a fizeste em dura argila e não morrerá nunca.

E confessou-lhe que, perdendo-a, não podia ser alegre. Apumarcu, que não a perdera, nem a tivera, por que era triste?

Por que não era o «alfarero» do Inca, que lhe daria por esposa a mais bella dama da côrte? Por que vivia solitario? E Apumarcu lhe contestou que algo lhe faltava; sentia uma ansia inexplicavel em sua alma.

«Yo siento que hay algo que yo podría hacer y sé que podría ser feliz. Tengo un incendio en el alma, veo una serie de cosas pero no puedo expresarlas. Tu sufres y cantas en la antara tu dolor y haces llorar a los que te escuchan, pero yo siento, veo, imagino grandes cosas y sou incapaz de realizarlas. Sabes? Yo quisiera pintar la vida tal como la vida es. Yo quisiera representar en un pequeno trozo lo que ven mis ojos. Aprisionar la naturaleza. Hacer lo que hace el rio con los árboles y con el cielo. Reproducirlos. Pero yo no puedo: me faltan colores, los colores no me dan la idea de lo que yo tengo en el alma.»

Nessas palavras não está todo o anseio do ideal, toda a alma dos artistas, todo o esforço da perfeição?

Que symbolo estupendo!

Um dia Apumarca começou a fazer sobre o muro as cores da tarde, de uma tarde desigual. Colheu folhas e principiou a esfregal-as sobre o muro e com umas flores ia dando as tonalidades.

É possuido de uma força estranha, deu impulso febril ao trabalho, reproduzindo a luz e a paisagem que via pela janella. Deteve-se de subito. Faltava algo, uma só cousa, um tom, uma cor que elle não tinha. Como encontrá-lo?

Tirou um pequeno punhal e golpeou o pulso. E o sangue surgiu quente e rubro, aos borbotões. Misturou-o com a agua de um vaso e viu a que lhe faltava e proseguiu a pintura até que caiu exangue sobre o leito.

Quando Yactan Nanay voltou, encontrou estendido sobre o leito: o sangue coagulado e no chão um pequeno lago escarlata; no muro viu a paisagem da ultima tarde...

Beijou-lhe a fronte e, chorando, tocou a seus pés a canção do crepusculo. «El oro del Sol caía por la ventana estrecha y se desleía en las ropas del artista, en cuyo rostro anguloso habia un tono verde y en cuyos ojos señoreaba esa humedad trágica de los ojos que ya no tienen vida.

A sus piés encontró Yactan Nanay una cabecita de barro con la imagen del amigo muerto. Y siguió tocando, tocando hasta que la noche cayó, como una sola sombra incerte sobre el Mundo silencioso»...

Um dia Apumarca começou a fazer sobre dantesca, é o canto impressionante, de um colorido a Doré — *El camino hacia el sol*, onde os sobreviventes da raça incaica, fugindo dos vencedores hespanhóes, vão em busca da morada do sol, para encontrar refugio e salvação, num desfile tragico de sombras pelas montanhas, até que exhaustos, famintos, desanimados, chegam ás margens de um lago immenso, verde, mysterioso e sereno, onde o sol, na agonia, ia desaparecendo. Mas o deus não os attendeu e elles, os milhares de indios vencidos e errantes, resolvem ir ao seu encontro. E á beira do lago cavam sepulturas e todos, enterrando-se, buscam voluntariamente a morte, restando apenas um heróe que, não podendo enterrar-se a si mesmo, se encaminha para o lago e morre numa ansia de luz, «llamando al Sol»...

Em *Hombre Maldito* ergue-se a figura espectral de Karchis, o cego, de orbitas vasias, o sacrilegio roubador do sol, por elle castigado, e que vaga, tacteando, pelas montanhas, dentro do silencio e da noite eterna, numa evocação de Edipo, creado pelo genio tragico de Sophocles.

INGRATIDÃO

Nunca mais me esqueci. Era eu creança,
E em meu velho quintal, ao sol nascente,
Plantei com a minha mão ingenua e mansa
Uma linda amendoeira adolescente.

E cresceu a mais rufila esperança
Da minha vida... E aos poucos, lentamente,
Pendeu os ramos sobre o muro em frente,
E foi fructificar na vizinhança.

D'ahi por diante, pela vida inteira,
Todas as grandes arvores que em minhas
Terras, n'um sonho esplendido semeio,

Como aquella magnifica amendoeira,
Efflorescem nas chacaras vizinhas,
E vão dar fructo no pomar alheio.

RAUL DE LEONI

A mulher é conservadora. Ella deseja a solidez. E que ha de mais natural? E' necessario um solo firme e seguro para o lar e para o berço.

MICHELET

Outra producção magistral é o conto «El Pastor y el Rebaño de Nieve», em que Riti-Kimiy (o que ultraja a neve), irmão do Inca Túpac Yupangui, por inveja e vingança daquelle que desposára uma virgem do Sol, segurou um cordeiro para commetter o horrivel crime de degollá-lo. Queria manchar com sangue rubro as neves perpetuas. O Sol percebeu-lhe o intento sacrilego e quando, no cume da montanha, em meio do rebanho sagrado, de que era pastor, preparava o sacrificio, o Astro Rei se occultou rapidamente. Uma tempestade desencadeou-se e cahiu neve, neve, neve... Quando voltou a sair o Sol, restavam convertidos em neve o rebanho e o pastor... *Los hijos del Sol* são uma apothese da civilização dos Incas, dessa raça aborigene, que avulta no passado do Novo Mundo e brilha como o Sol que era o seu culto, sendo o symbolo impercível de todos os povos que vivem na America.

Saul de NAVARRO.

Companhia Nacional de Navegação Costeira

Importantes estaleiros da Ilha do Vianna

Apparelhos com todos os aperfeiçoamentos modernos para
quaesquer trabalhos de reparação e construcção naval

Extenso caés accessivel a navios de grande calado.

Dique secco para grandes navios

LAGE IRMÃOS

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Grandes depositos de carvão inglez e americano de 1.^a qualidade.

Carvão nacional das minas Lauro Müller e

Crissiuma, em Santa Catharina

Beneficiamento de sal por processos modernos

Secções de café e exportação e

importação de quaesquer artigos.

Escriptorio - Avenida Rodrigues Alves, 303/31

SYPHILIS?
só Luetyl



A PALAVRA OFFICIAL

.....
Contra factos não ha argu-
mentos nem concurrentes

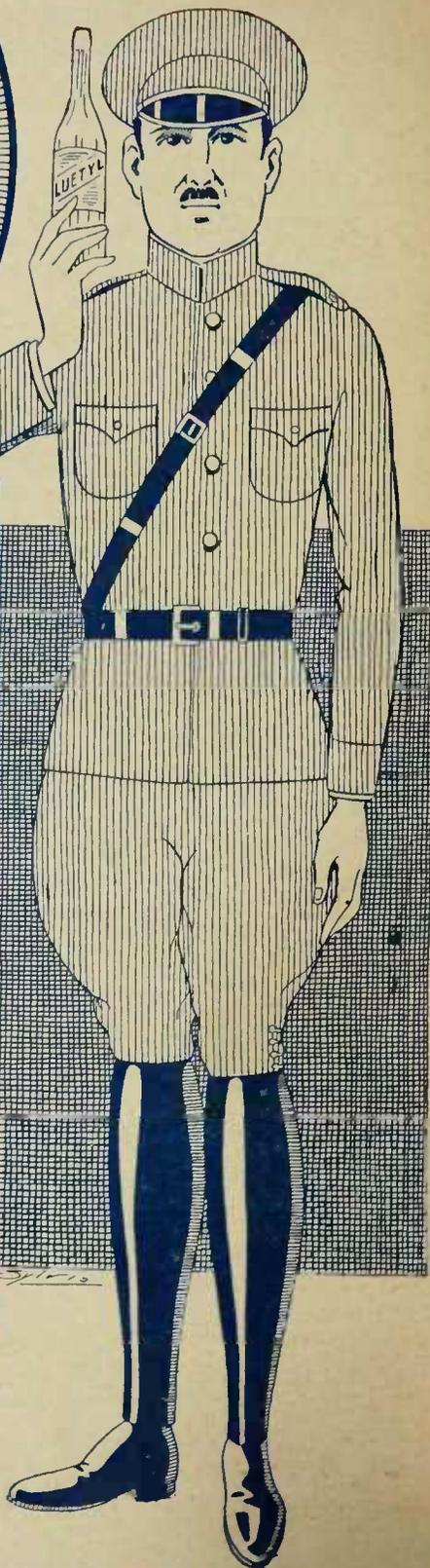
O que diz o Governo no
Hospital Central do Exercito

Attesto que empreguei o prepara-
do **LUETYL**, em um caso de sy-
philis cutanea, na 8ª enfermaria obten-
do um resultado surprehendente. O
doente, que pesava 38 kilos, augmen-
tou seis Kilos com o uso de vidro e
meio do referido preparado, tendo as
manifestações cutaneas cicatrizado
completamente.

(Assignado). Dr. Humberto Mello,
1.º tenente encarregado da 8.ª enfer-
maria.

.....
O UNICO QUE DIZ
Basta tomar um vidro, si for Syphilis
ficará melhor, aumentará de 1 a 4
kilos; si não ficar melhor procure o
seu medico.

LEIAM A BULLA



Licenciado sob o N. 253, em 7 de Dezembro de 1916

